“Nas Montanhas da Loucura” — H.P. Lovecraft
Fonte: “A Casa das Bruxas”. Ed. Francisco Alves.

I

SOU FORÇADO A falar, uma vez que homens de ciência recusaram-se a seguir meu conselho, sem saberem por quê. É muito a contragosto que descrevo as razões pelas quais me oponho a essa pretendida invasão da Antártica — que há de ser acompanhada de generalizada caça a fósseis e indiscriminada perfuração e descongelamento das antigas calotas glaciais. E reluto tanto mais quanto talvez minha advertência caia em ouvidos moucos.

É inevitável que se ponham em dúvida os fatos reais, tal como devo revelá-los. No entanto, se eu calasse o que pode parecer bizarro e inacreditável, nada restaria. As fotografias até aqui escamoteadas, tanto ordinárias quanto aéreas, contarão em meu favor, porquanto são funestamente vívidas e convincentes. Ainda assim, serão postas em dúvida devido ao elevado grau a que se pode levar uma hábil contrafação. Os desenhos a tinta serão, naturalmente, objeto de zombaria, serão tachados de embustes grosseiros, não obstante uma singularidade de técnica que deveria causar perplexidade aos conhecedores de arte.

Ao cabo, terei de confiar na judiciosidade e na reputação dos poucos próceres científicos que têm, por um lado, suficiente independência intelectual para avaliar minhas informações com base em seus próprios méritos, medonhamente concludentes, ou à luz de certos ciclos míticos primevos e extremamente enigmáticos; e, por outro lado, influência bastante para impedir que os meios científicos em geral se aventurem a qualquer programa temerário ou exageradamente ambicioso na região daquelas montanhas de loucura. É lamentável que homens relativamente obscuros, como eu e meus colegas, ligados apenas a uma pequena universidade, tenhamos poucas possibilidade de causar impressão duradoura no que unge a assuntos de natureza extravagantemente demente ou em alto grau polêmica.

Labora ademais contra nós o fato de não sermos, em sentido rigoroso, especialistas nos campos em que se situam basicamente as revelações que farei. Na qualidade de geólogo, meu intuito ao dirigir a Expedição da Universidade Miskatonic consistia inteiramente em coletar amostras de rochas e de solo, a grande profundidade, em várias partes do continente antártico, auxiliado pela extraordinária perfuratriz projetada pelo professor Frank H. Pabodie, de nosso departamento de engenharia. Eu não nutria nenhum desejo de ser pioneiro em qualquer campo senão esse, mas alimentava a esperança de que o emprego desse novo dispositivo mecânico em pontos diversos de caminhos previamente explorados trouxesse a luz materiais de um tipo até então inalcançáveis pelos métodos convencionais de coleta.

O equipamento de perfuração de Pabodie, como o público já teve ocasião de tomar conhecimento por nossos relatórios, representou um avanço sui-generis e radical, por sua leveza, facilidade de transporte e capacidade de combinar o princípio da broca artesiana comum com o princípio da pequena broca circular para rochas, de maneira a furar rapidamente camadas de dureza variável. Cabeçote de aço, hastes articuladas, motor a gasolina, torre retrátil de madeira, instrumental para dinamitação, fiação, trado para remoção de detritos e tubulação em seções para brocas de 12,5 centímetros de diâmetro, que chegavam a trabalhar a 300 metros de profundidade — tudo isso, mais os acessórios indispensáveis, não representava peso proibitivo para ser puxado por três trenós de sete cães. Isso era possibilitado pela notável liga de alumínio de que eram feitas, na maioria, as partes metálicas. Quatro grandes aeroplanos Dornier, projetados especialmente para operar nas tremendas altitudes a que seria necessário voar sobre o planalto antártico e equipados com dispositivos adicionais para aquecimento de combustível e ignição rápida de motores, também projetados por Pabodie, podiam transportar toda a nossa expedição, de uma base na orla da grande barreira de gelo a vários pontos no interior; a partir de tais pontos, um número suficiente de cães atenderia às nossas necessidades.

Tencionávamos explorar uma área tão grande quanto fosse possível em uma única estação antártica — ou mais longamente, se absolutamente necessário — operando sobretudo nas cordilheiras e no planalto ao sul do mar de Ross; eram regiões já exploradas, em graus vários, por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Com freqüentes mudanças de acampamentos, feitos por aeroplano e que envolviam distâncias suficientemente grandes para terem significado geológico, esperávamos desenterrar um volume de material sem precedentes — principalmente nas camadas Pré-Cambrianas, das quais uma gama tão reduzida de espécimes antárticos haviam sido anteriormente coletados. Desejávamos ainda obter a maior variedade possível de rochas fossilíferas superiores, uma vez que a história biológica antiga daquele reino inóspito de gelo e de morte tem importância máxima para o conhecimento do passado da Terra. É notório que o continente antártico foi outrora temperado e mesmo tropical, com flora e fauna exuberantes, de que sobrevivem apenas os liquens, a fauna marinha, aracnídeos e pingüins, no limite setentrional. E contávamos ainda expandir esses dados, tanto em variedade quanto em precisão e pormenores. Quando um simples furo revelasse indícios fossilíferos, ampliaríamos a abertura mediante o uso de explosivos, a fim de obtermos amostras de dimensões e condição adequadas.

Nossos furos, de profundidades variadas, segundo o que prometiam o solo ou as rochas superiores, restringir-se-iam a superfícies terrestres expostas ou quase expostas — sendo que tais superfícies seriam inevitalmente encostas ou cristas, uma vez que aos níveis mais baixos superpunham-se camadas de gelo compacto com dois ou três quilômetros de espessura. Não podíamos perder tempo perfurando qualquer volume considerável de mera glaciação, muito embora Pabodie houvesse imaginado um plano para enterrar eletrodos de cobre em feixes densos de perfurações e degelar áreas limitadas de gelo com a corrente de um dínamo a gasolina. É esse o plano (que não podíamos pôr em prática numa expedição como a nossa, salvo a título de experiência) que a iminente Expedição Starkweather-Moore propõe-se a seguir, a despeito das advertências que tenho feito desde nosso regresso da Antártica.

O público tomou conhecimento da Expedição Miskatonic através de nossos freqüentes informes por rádio para o *Arkham Advertiser* e para a Associated Press, bem como através de artigos posteriores, meus e de Pabodie. A expedição compunha-se de quatro pessoas da Universidade: Pabodie; Lake, do departamento de biologia; Atwood, do departamento de física, e que é também meteorologista; e eu, que representava o setor de geologia e a quem cabia a chefia nominal. Havia ainda dezesseis assistentes: sete estudantes de graduação da universidade e nove mecânicos hábeis. Desses dezesseis, doze eram pilotos aeronáuticos habilitados; todos, com exceção de dois, eram competentes operadores de rádio. Oito deles conheciam a navegação com bússola e sextante, tal como Pabodie, Atwood e eu. Além disso, naturalmente, nossos dois navios — ex-baleeiros de madeira, reforçados para operar nos golos e equipados com máquinas a vapor auxiliares — tinham tripulação completa.

A Fundação Nathaniel Derby Pickman, com a ajuda de algumas contribuições especiais, financiou a expedição; por conseguinte, nossos preparativos foram extremamente rigorosos, em que pese a ausência de grande publicidade. Cães, trenós, máquinas, materiais para acampamento e partes desmontadas de nossos cinco aviões foram entregues em Boston, onde os navios foram carregados. Estávamos equipados à perfeição para nossos objetivos específicos, e em todas as questões concernentes a suprimentos, nutrição, transporte e montagem de acampamentos tiramos proveito do exemplo magnífico de muitos predecessores recentes, excepcionalmente brilhantes. Foi o número invulgar e a fama desses predecessores que tornaram nossa própria expedição — malgrado sua magnitude — tão pouco notada pelo mundo em geral.

Como relataram os jornais, zarpamos do porto de Boston a 2 de setembro de 1930, seguindo placidamente pela costa e atravessando o canal do Panamá. Paramos em Samoa e em Hobart, na Tasmânia, sendo que nessa última escala embarcamos os suprimentos finais. Nenhum dos integrantes de nosso grupo já estivera anteriormente nas regiões polares, motivo pelo qual dependíamos grandemente de nossos capitães — J.B. Douglas, que comandava o brigue *Arkam e* que acumulava a função de comandante do grupo marítimo, e Georg Thorfinnssen, que comandava a barca *Miskatonic.* Ambos tinham larga experiência na pesca da baleia em águas antárticas.

À proporção que deixávamos para trás o mundo habitado, o sol caía cada vez mais ao norte e permanecia cada vez mais acima do horizonte a cada dia. Mais ou menos na altura dos 62° de latitude sul avistamos os primeiros *icebergs* — semelhantes a mesetas e com lados verticais — e pouco antes de atingirmos o círculo austral, que cruzamos a 20 de outubro, com cerimônias apropriadamente singulares, fomos consideravelmente molestados por campos de gelo flutuantes. A queda da temperatura me incomodava sobremaneira após nossa longa viagem através dos trópicos, mas eu tentava preparar-me para os rigores piores que viriam. Em muitas ocasiões os curiosos efeitos atmosféricos me encantaram enormemente; havia entre eles uma miragem acentuadamente vívida — a primeira que eu via — nas quais os gelos distantes tornavam-se as muralhas de inimagináveis castelos cósmicos.

Avançando em meio aos gelos, que felizmente não eram nem extensos nem muito espessos, voltamos a atingir águas abertas a 67° de latitude sul, 175° de longitude leste. Na manhã de 26 de outubro surgiu uma intensa cintilação em terra, ao sul, e antes do meio-dia todos nos sentimos invadidos de emoção ao contemplar uma imensa e altaneira cordilheira, coberta de neve, que cobria toda a vista. Havíamos encontrado, enfim, um sinal do grande continente desconhecido e seu mundo críptico de morte congelada. Aqueles picos eram, obviamente, a serra do Almirantado, descoberta por Ross, e cabia-nos agora dobrar o cabo Adare e seguir pela costa leste da Terra de Vitória até o local onde havíamos planejado instalar nossa base, na margem do estreito McMurdo, ao pé do vulcão Erebo, na latitude 77° 9´ sul.

A última etapa da viagem foi animada e de molde a despertar a imaginação. Grandes picos ermos e misteriosos avultavam constantemente a oeste, enquanto o baixo sol do meio-dia, ao norte, ou o sol ainda mais baixo da meia-noite, que quase tocava o horizonte, derramava seus raios avermelhados sobre a neve alva, o gelo e os cursos d'água azulados, e ainda sobre fragmentos negros de afloramentos de granito em encostas. Os cumes desolados eram batidos por rajadas violentas e intermitentes do terrível vento antártico; suas cadências por vezes encerravam vagas sugestões de flauteados selvagens e quase conscientes, com notas que abrangiam um vasto registro e que, por algum motivo mnemônico subconsciente, pareciam-me inquietantes e até mesmo obscuramente fantásticos. Alguma coisa na cena recordava-me as estranhas e perturbadoras pinturas asiáticas de Nicholas Roerich, bem como as descrições ainda mais estranhas e mais perturbadoras do famigerado planalto de Leng, que ocorrem no horripilante *Necronomicon* do árabe louco, Abdul al-Hazred. Arrependi-me, mais tarde, de ter examinado esse livro monstruoso na biblioteca da universidade.

A 7 de novembro, depois de havermos perdido temporariamente a visão da cordilheira a oeste, passamos péla ilha Franklin. E no dia seguinte divisamos os cones dos montes Erebo e do Terror, na ilha Ross, mais adiante, antes da longa linha dos montes Parry. Estendia-se agora, em direção a leste, a linha baixa e branca da grande barreira glacial, elevando-se perpendicularmente até uma altura de 60 metros, como os penhascos rochosos de Quebec, e assinalando o término da navegação rumo ao sul. À tarde entramos no estreito de McMurdo e nos afastamos da costa, a sotavento do fumegante monte Erebo. O pico, coberto de escórias vulcânicas, elevava-se a pouco mais de 3.800m, silhuetado contra o céu oriental como uma gravura japonesa do sagrado Fujiyama, enquanto mais além erguia-se o vulto branco e fantasmático do monte Terror, com 3.270m de altura, hoje um vulcão extinto.

Fumarolas irrompiam intermitentemente do Erebo, e um dos estudantes — um jovem brilhante, de nome Danforth — chamou a atenção para o que parecia ser lava na encosta nevosa, observando que aquela montanha, descoberta em 1840, fora indubitavelmente a fonte da metáfora de Poe, quando sete anos mais tarde ele escreveu:

. . . as lavas que, incessantes, rolam
Em correntes sulfurosas e descem no Yaanek
Nos confins derradeiros do pólo. . .
Que gemem ao rolarem pelo monte Yaanek
Nos domínios do boreal pólo.

Danforth era ávido leitor de obras estranhas, e já nos havia falado largamente de Poe. Eu próprio estava interessado, por causa do cenário antártico da única história longa de Poe — aquele trabalho perturbador c enigmático que tem o título de *Arthur Gordon Pym,* Na margem inóspita, bem como na altaneira barreira glacial no fundo, miríades de grotescos pingüins gritavam e batiam as nadadeiras, ao passo que na água via-se grande número de gordas focas, nadando ou descansando sobre grandes pedaços de gelo flutuante.

Utilizando pequenos botes, efetuamos um desembarque difícil na ilha de Ross, pouco depois da meia-noite, na madrugada do dia nove, arrastando um cabo de cada navio e preparando-nos para desembarcar suprimentos, através de um sistema de bóias deslizantes. Ao pisarmos pela primeira vez o solo antártico, nossas sensações eram pungentes e complexas, muito embora as expedições de Scott e de Shacketon já nos houvessem precedido naquele ponto específico. Nosso acampamento na praia gelada, ao pé do vulcão, era apenas temporário, uma vez que o quartel-general continuava a bordo do *Arkham.* Desembarcamos toda nossa maquinaria de perfuração, cães, trenós, barracas, víveres, tanques de gasolina, o equipamento experimental para derreter o gelo, os aparelhos fotográficos, tanto os convencionais como os aéreos, peças para os aeroplanos e outros acessórios, inclusive três pequenos transmissores-receptores portáteis de rádio — além dos instalados nos aviões —, capazes de entrar em contato com o equipamento mais possante do *Arkham* de qualquer parte da Antártica que desejássemos visitar. O rádio do navio, capaz de falar para todo o mundo, deveria transmitir informes para a poderosa estação do *Arkham Advertiser*, em Kingsport Head, Massachusetts. Esperávamos poder completar nossa missão num único verão antártico; todavia, caso isso fosse de todo impossível, passaríamos o inverno no *Arkham*, fazendo com que a barca *Miskatonic* seguisse para norte, antes que o gelo se tornasse impenetrável, para buscar suprimentos para outro verão.

Não há porque repetir aqui o que os jornais já publicaram sobre o início de nossos trabalhos: nossa escalada do monte Erebo; nossas exitosas perfurações minerais em vários pontos da ilha Ross e a notável rapidez com que o dispositivo de Pabodie as efetuou; nossa experiência preliminar com o pequeno equipamento de degelamento; nossa perigosa ascensão pela grande barreira, com trenós e suprimentos; e a montagem final dos cinco enormes aeroplanos no acampamento que montamos no alto da barreira. A higidez de nosso grupo terrestre — vinte homens e cinqüenta e cinco cães alasqueanos de trenós — era extraordinária, ainda que, naturalmente, até então não houvéssemos encontrado temperaturas verdadeiramente destrutivas ou tempestades. Durante a maior parte do tempo, o termômetro variava de -16°C a -6,5°C ou -4°C, e nossa experiência com os invernos da Nova Inglaterra havia-nos habituado a rigores desse nível. O acampamento sobre a barreira era semipermanen-te e destinava-se a servir de depósito de gasolina, víveres, dinamite e outros materiais.

De nossos aviões, somente quatro eram necessários para transportar o material de exploração propriamente dito; o quinto ficava, com um piloto e dois homens dos navios, no depósito, para que pudéssemos ser resgatados no caso de todos nossos aviões de exploração se perderem. Mais tarde, quando não estivéssemos usando todos os outros aviões para o transporte de equipamento, empregaríamos um ou dois num serviço de transporte entre esse depósito e outra base permanente no grande planalto, entre 950 e 1.120 quilômetros ao sul, além da geleira Beardmore. A despeito dos relatos quase unânimes que dão conta de ventos aterrorizantes e de tempestades que se despenham do planalto, tomamos a decisão de dispensar as bases intermediárias, correndo riscos no interesse da economia e da provável eficiência.

Os serviços telegráficos já deram conta do vôo empolgante, sem escalas e durante quatro horas, de nosso esquadrão a 21 de novembro, sobre a grandiosa planície gelada, com vastos picos elevando-se a oeste, e dos silêncios insondáveis que reverberavam com o ruído de nossos motores. O vento era um incômodo apenas moderado e nossos radiogoniômetros ajudaram-nos a transpor o único nevoeiro opaco com que nos defrontamos. Quando a imensa elevação avultou à nossa frente, entre as latitudes 83° e 84°, soubemos que havíamos chegado à geleira Beardmore, o maior vale

gelado do mundo e que o mar congelado estava agora cedendo lugar a uma costa sombria e montanhosa. Por fim estávamos verdadeiramente penetrando no mundo branco do pólo, morto há eras e eras. No momento mesmo em que percebemos isso, avistamos o cume do monte Nansen bem longe, a leste, projetando-se a sua altitude de quase 4.600m.

O estabelecimento bem-sucedido da base sul, acima da geleira na latitude 86° 7', longitude leste 174º 23', assim como as perfurações e as explosões, fenomenalmente rápidas e eficientes, realizadas em vários pontos alcançados por nossas excursões em trenó e breves vôos em aeroplano, já pertencem à história; o mesmo se diga da árdua, porém triunfante, escalada do monte Nansen por Pabodie e dois dos estudantes — Gedney e Carroll — entre 13 e l5 de dezembro. Estávamos a aproximadamente 2.600m sobre o nível do mar, e quando perfurações experimentais revelaram solo firme a apenas 3,5m sob a neve e o gelo em certos sítios, fizemos uso considerável do pequeno dispositivo de degelamento e abrimos furos e explodimos cargas de dinamite em vários locais em que nenhum explorador antes de nós havia sequer pensado em colher amostras minerais. Os granitos Pré-Cambrianos e os arenitos assim coletados confirmaram nossa convicção de que aquele planalto era homogêneo (a maior parte do continente ficava a oeste) mas um pouco diferente das partes que se estendiam, em direção a leste, abaixo da América do Sul — o que julgamos então constituir um continente menor, separado do maior por uma junção congelada dos mares de Ross e Weddell, ainda que posteriormente Byrd tenha mostrado ser essa hipótese falsa.

Em alguns arenitos, dinamitados e cinzelados depois que perfurações lhes revelaram a natureza, encontramos marcas e fragmentos fósseis interessantíssimos. Eram principalmente fetos, algas marinhas, trilobitas, crinóides e moluscos como *lingulas* e gastrópodes — todos os quais pareciam ter importância crítica para a história antiga da região. Havia ainda uma estranha marca estriada, triangular, com mais ou menos um palmo e meio na largura maior, que Lake montou a partir de três fragmentos de ardósia trazidos de um furo de grande profundidade, aberto a dinamite. Tais fragmentos provinham de um ponto a oeste, perto da cordilheira da Rainha Alexandra; e Lake, biólogo que era, deu mostras de achar as curiosas marcas invulgarmente singulares e intrigantes, ainda que, para meus olhos de geólogo, não parecessem diferentes de alguns efeitos de encrespação que são relativamente comuns em rochas sedimentares. Como a ardósia não é mais que uma formação metamórfica na qual é comprimida um estrato sedimentar, e como a própria pressão produz estranhos efeitos de distorção em quaisquer marcas que já existam, não vi motivo para admirar tanto a depressão estriada.

A 6 de janeiro de 1931, Lake, Pabodie, Daniels, todos os seis estudantes, quatro mecânicos e eu sobrevoamos o pólo sul em dois dos grandes aviões, sendo uma vez forçados a descer por um súbito vendaval, que, por felicidade, não se transformou numa típica tempestade. Como informaram os jornais esse foi um típico vôo de reconhecimento, entre vários; durante outros tentamos discernir novos acidentes topográficos em áreas não alcançadas por exploradores anteriores. Nossos primeiros vôos foram desapontadores com relação a este último ponto, ainda que nos hajam propiciado alguns exemplos magníficos de miragens fantásticas e ilusórias das regiões polares, das quais nossa viagem por mar já havia proporcionado alguns breves indícios. Montanhas distantes flutuavam no céu como cidades encantadas e com freqüência todo aquele mundo branco se dissolvia numa terra dourada, argentina e escarlate de sonhos lunsanianos* e de aventurosa expectativa sob a luz espectral do baixo sol da meia-noite. Nos dias nublados tínhamos grande dificuldade para voar devido à tendência do céu e da terra, envoltos num único manto de neve, fundirem-se num místico vazio opalescente sem nenhum horizonte visível que marcasse a junção entre ambos.

Por fim decidimos levar a cabo nosso plano original de voar cerca de oitocentos quilômetros em direção a leste, com todos os quatro aviões de exploração e instalar uma nova sub-base num ponto que ficaria provavelmente na menor divisão continental, como erroneamente conjectura vemos que fosse. As amostras geológicas ali obtidas seriam úteis para fins de comparação. Nossa

* Referência a Edward John Moreton Drax Plunkett, 18.° barão Dunsany (1878-1957), dramaturgo e contista irlandês, cujas obras, a seu tempo muito populares, mesclavam força imaginativa com engenhosidade intelectual, criando um verossímil mundo de fantasia. (N. do T.)

saúde até então permanecia excelente, e o sumo de limas compensava bem a constante dieta de alimentos enlatados e salgados; por outro lado, as temperaturas, geralmente acima dos 17° negativos, nos permitia viver sem as peles mais grossas. Estávamos em meio ao verão e com pressa e cuidado talvez pudéssemos concluir o trabalho em março e evitar uma tediosa hibernação durante a longa noite antártica. Várias tempestadas violentas haviam-se abatido sobre nós, vindas de oeste, mas havíamos deixado de sofrer danos graças à habilidade com que Atwood havia construído rudimentares abrigos para os aviões e quebra-ventos com pesados blocos de neve, e reforçado as principais construções do acampamento com neve. Nossa sorte e eficiência tinham sido, com efeito, quase notáveis.

O mundo exterior conhecia, naturalmente, nosso programa e era ainda informado da estranha e obstinada insistência de Lake quanto a uma viagem de exploração em direção a oeste (ou, mais exatamente, noroeste), antes de nossa transferência final para a nova base. Ao que parece, ele havia meditado muito, e com ousadia alarmantemente radical, sobre aquela marca triangular estriada na ardósia; tinha visto nelas certas contradições de natureza e de período geológico que lhe haviam aguçado a curiosidade ao extremo e que o haviam deixado ansioso por abrir novos furos e realizar explosões adicionais na formação ocidental à qual os fragmentos desenterrados obviamente pertenciam. Curiosamente, ele se achava persuadido de que as marcas representavam pegadas de um organismo grande, desconhecido e radicalmente inclassificável, de evolução bastante avançada, não obstante o fato de a rocha da qual os fragmentos tinham sido extraídos ser de tal modo antiga — Cambriana senão Pré-Cambriana — que desde logo se podia negar a existência na época não só de uma etapa biologicamente avançada de vida, como, na verdade, de qualquer vida acima do estádio unicelular ou, no máximo, trilobítico. Aqueles fragmentos, com suas estranhas marcas, teriam entre quinhentos milhões e um bilhão de anos.

II

A imaginação popular, presumo, reagiu ativamente a nossas informações a respeito do início da excursão de Lake rumo a noroeste, em regiões jamais pisadas por seres humanos ou sequer vislumbradas pela imaginação do homem, muito embora não fizéssemos menção de suas esperanças loucas de revolucionar toda a biologia e a geologia. A jornada preliminar de Lake, entre 11 e 18 de janeiro, na companhia de Pabodie e de outros cinco homens — empanada pela perda de dois cães num tombo, ao atravessarem uma das grandes cristas no gelo — havia produzido uma quantidade cada vez maior da ardósia arqueana; e até mesmo eu fiquei interessado pela singular profusão de evidentes marcas fósseis naquela camada inacreditavelmente antiga. Tais marcas, no entanto, eram de formas vivas do maior primitivismo, não envolvendo grande paradoxo, salvo o de que qualquer forma viva ocorresse em rochas tão indubitavelmente Pré-Cambrianas quanto aquelas pareciam ser. Por conseguinte, eu ainda não lograva perceber o sentido do desejo de Lake no sentido de uma interrupção em nosso programa, delineado com vistas a poupar tempo — uma interrupção que exigiria o uso de todos os quatro aviões, muitos homens e a totalidade da maquinaria de nossa expedição. Não vetei, por fim, o plano, ainda que tomasse a decisão de não acompanhar o grupo que rumaria para noroeste, apesar de Lake haver insistido em que eu lhe desse assessoria geológica. Durante a ausência deles, eu permaneceria com Pabodie e cinco homens na base, e prepararia os planos finais exigidos pela mudança para leste. Como preparativo para essa transferência, um dos aviões já havia começado a retirar do estreito de McMurdo uma boa quantidade de gasolina. Mas isso poderia esperar algum tempo. Mantive comigo um trenó e nove cães, uma vez que convinha ter à disposição um meio de transporte num mundo inteiramente desabitado e vazio.

A subexpedição de Lake ao ignoto, como todos recordarão, enviava seus próprios boletins pelos transmissores de ondas curtas instalados nos aviões. Tais transmissões eram simultaneamente captadas por nossa aparelhagem na base meridional e pelo *Arkham*, no estreito McMurdo, de onde eram passadas ao mundo em comprimentos de onda de até 50 metros. A partida se deu às 4 horas da

manhã de 22 de janeiro; e a primeira mensagem que recebemos chegou duas horas depois. Nela Lake falava de haver pousado e iniciado uma pequena operação de degelo e perfuração, num ponto a cerca de 480km de nós. Seis horas depois, uma segunda mensagem, muito excitada, dava conta da abertura e alargamento de um furo raso, culminando na descoberta de fragmentos de ardósia com várias marcas, aproximadamente iguais à que havia causado a perplexidade original.

Três horas depois, um breve boletim anunciou o reinicio do vôo, em meio a uma ventania brutal; e quando despachei uma mensagem em que protestava contra riscos desnecessários, Lake respondeu laconicamente, dizendo que suas novas amostras faziam com que qualquer risco valesse a pena. Percebi que sua excitação havia chegado ao limite do motim e que eu nada podia fazer para impedir que ele pusesse em risco o sucesso de toda a expedição. No entanto, aturdia a imaginação pensar que ele estivesse mergulhando cada vez mais fundo naquela traiçoeira e sinistra imensidão branca, de tempestades e mistérios desconhecidos, que se estendia por cerca de 2.300 quilômetros em direção ao litoral, em parte conhecido, em parte pressentido, das Terras da Rainha Mary e de Knox.

Então, dentro de mais ou menos uma hora e meia, chegou aquela mensagem duplamente empolgada, transmitida em vôo, do avião de Lake, e que quase modificou meus sentimentos e me fez desejar ter acompanhado o grupo:

“22h05min. Em vôo. Depois da tempestade, vimos cordilheira à frente, maior que qualquer outra conhecida. Talvez igual ao Himalaia, abrindo margem para altitude do planalto. Latitude provável, 76° 5’ longitude 113° 10’. Estende-se para direita e esquerda até onde se pode ver. Suspeitas, de dois cones fumegantes. Todos os picos negros e sem neve. O vendaval que sopra sobre eles impede a navegação.

Depois disso, Pabodie, os homens e eu não nos afastamos do receptor, prendendo a respiração. Pensar naquela titânica muralha montanhosa, a 1.100 quilômetros de distância, inflamava nosso mais profundo sentido de aventura; e nos rejubilávamos com o fato de que ela tivesse sido descoberta por nossa expedição, ainda que não nós próprios, pessoalmente. Daí a meia hora Lake chamou-nos outra vez:

“Avião de Moulton obrigado a aterrissar nos contrafortes do planalto, mas ninguém se feriu e talvez possa ser consertado. Vou transferir o essencial para os outros três, para o regresso ou novas excursões, se necessárias, mas no momento não há necessidade de viagens em aviões pesados. As montanhas superam toda a imaginação. Vou fazer um reconhecimento no avião de Carroll, sem nenhum peso.

“Não podem imaginar nada semelhante. Os picos mais altos devem ter mais de 10.500m. O Everest não conta mais. Atwood vai calcular as alturas com o teodolito enquanto Carroll e eu subimos. Provavelmente houve engano com relação aos cones, pois as formações parecem estratificadas. Talvez ardósia Pré-Cambriana com outras camadas, misturadas. Efeitos curiosos no horizonte — seções regulares de cubos suspensas dos picos mais alto. Tudo maravilhoso, na luz vermelho-dourada do sol baixo. Como terra misteriosa num sonho ou limiar de mundo proibido de maravilhas nunca vistas. Gostaria que estivesse aqui para estudar.”

Ainda que, tecnicamente, fosse hora de estarmos dormindo, nenhum de nós, que escutávamos, pensou em recolher-se. Quase a mesma coisa devia estar ocorrendo no estreito McMurdo, onde o depósito de suprimentos e o *Arkham* estavam também captando as mensagens, pois o capitão Douglas emitiu uma mensagem dando os parabéns a todos pela importante descoberta; Sherman, o responsável pelo depósito, também expressou seu júbilo. Sentíamos, naturalmente, o acidente com o aeroplano, mas esperávamos que pudesse ser reparado facilmente. Então, às 11 da noite, chegou outra mensagem de Lake:

"Estou com Carroll sobre os contrafortes mais altos. Não nos atrevemos a tentar os picos realmente altos com este tempo, mas faremos isto depois. A subida foi muito difícil e o vôo é perigoso a esta altitude, mas vale a pena. A grande cordilheira é bastante maciça, por isso nada vemos do outro lado. Os cumes maiores excedem o Himalaia, são muito esquisitos. As montanhas parecem ardósia Pré-Cambriana, com sinais claros de muitas outras camadas soerguidas. Enganei-me quanto a vulcanismo. Estende-se mais, nas duas direções, do que podemos ver. Nenhuma neve acima de 6.500m.

"Formações singulares nas encostas das montanhas mais elevadas. Grandes blocos baixos e quadrados, com lados exatamente verticais, e linhas retangulares de muralhas baixas e verticais, como os velhos castelos asiáticos, suspensos em montanhas íngremes, nas pinturas de Roerich. Imponentes a distância. Voamos perto de algumas e Carroll achou que eram formadas de partes menores separadas, mas provavelmente isso é imaginação. Maioria das arestas corroídas e arredondadas, como se expostas a tempestades e mudanças climáticas durante milhões de anos.

"Algumas partes, sobretudo as superiores, parecem de rochas mais claras que quaisquer camadas visíveis nas encostas propriamente ditas, e portanto de evidente origem cristalina. Exames a menor distância mostram muitas bocas de cavernas, algumas de contornos bastante regulares, quadrados ou semicirculares. Você deve vir investigar. Creio ter visto muralha bem no alto de um pico. A altura parece cerca de 9.000 a 10.500m. Estou a 6.500m, num frio diabólico e cortante. O vento asso via através de desfiladeiros, entrando e sainda de cavernas, mas nenhum perigo real para o vôo até agora."

Daí em diante, a cada meia hora, Lake manteve uma saraivada de comentários, e exprimiu sua intenção de escalar a pé alguns picos. Respondi que iria juntar-me a ele assim que ele pudesse mandar um avião e que Pabodie e eu definiríamos o melhor plano de utilização dá gasolina — onde e como concentrarmos nosso suprimento, em vista da alteração do caráter da expedição. Evidentemente, os trabalhos de perfuração de Lake, bem como suas atividades aeronáuticas, exigiriam uma grande quantidade de combustível para a nova base que ele planejava montar no sopé das montanhas; e era possível que a viagem para leste acabasse não sendo realizada naquela estação. Com relação a essa previsão, chamei o capitão Douglas e lhe pedi que retirasse o máximo possível de combustível dos navios e que o levasse para o alto da barreira, usando os poucos cães que havíamos deixado lá. O que realmente pensávamos em fazer era estabelecer uma rota direta, através da região desconhecida, entre Lake e o estreito McMurdo.

Lake chamou-me mais tarde para dizer que havia decidido instalar o acampamento no local onde o avião de Moulton fora obrigado a descer e onde o trabalho de reparo já estava em curso. A cobertura de gelo era muito fina, o solo escuro aparecia aqui e ali, e ele realizaria algumas perfurações e explosões ali mesmo antes de fazer qualquer viagem de trenó ou escaladas a pé. Falou da inefável majestade do cenário e sobre suas sensações por se ver ao abrigo de vastos e silenciosos pináculos, que se arremessavam para o alto como uma muralha que alcançasse o céu na borda do mundo. Utilizando o teodolito, Atwood havia calculado que os picos mais elevados ascendiam a uma altura de 9.000 a 10.200 metros. A natureza do terreno, descalvado pelo vento, claramente preocupava Lake, pois atestava a ocorrência ocasional de vendavais prodigiosos, mais violentos que todos quantos já havíamos encontrado. Seu acampamento situava-se, a cerca de oito quilômetros do ponto onde os contrafortes mais altos se elevavam abruptamente. Eu podia quase detectar um tom de alarme subconsciente em suas palavras — transmitidas através de um vazio glacial de 1.100 quilômetros — enquanto ele recomendava que explorássemos aquela região estranha e nova tão depressa quanto possível. Ele estava então para descansar, após um dia de trabalho sem paralelo — em termos de rapidez, exaustão e resultados.

Pela manhã conversei pelo rádio, ao mesmo tempo, com Lake e o capitão Douglas. Ficou acertado que um dos aviões de Lake viria à minha base para buscar Pabodie, os cinco homens e a mim próprio, bem como todo o combustível que pudesse carregar. A decisão quanto ao restante do combustível, a depender de nossa resolução quanto à viagem para leste, poderia ficar para depois, uma vez que por ora Lake dispunha do suficiente para aquecimento e para as perfurações. Mais adiante a velha base a sul teria de ser reabastecida, mas se protelássemos a viagem para leste não

teríamos de usá-la senão no verão seguinte, e nesse ínterim Lake deveria mandar um avião explorar uma rota direta entre a nova cordilheira e o estreito McMurdo.

Pabodie e eu nos preparamos para fechar a base, por um período curto ou longo, como fosse o caso. Se invernássemos na Antártica, provavelmente iríamos de avião diretamente da base de Lake para o *Arkham,* sem voltarmos àquele ponto. Algumas de nossas barracas cônicas já tinham sido reforçadas com blocos de neve endurecida, mas decidimos então completar o trabalho de construção de uma vila permanente. Devido ao generosíssimo suprimento de barracas, Lake tinha consigo tantas quantas sua base necessitaria, mesmo após nossa chegada. Informei pelo rádio que Pabodie e eu estaríamos prontos para a viagem rumo a noroeste depois de um dia de trabalho e uma noite de repouso.

Nossa labuta, no entanto, reduziu-se consideravelmente após as quatro horas da tarde, pois por volta disso Lake começou a enviar mensagens extraordinárias e excitadíssimas. Seu dia de trabalho havia principiado de modo pouco promissor, uma vez que o reconhecimento aéreo das superfícies de rochas quase afloradas revelou absoluta ausência das camadas arqueanas e primevas que ele estava procurando e que constituíam parte tão substancial dos colossais picos que se erguiam a uma distância tantalizante do acampamento. Na maioria, as rochas avistadas eram, aparentemente, renitos jurássicos e comanchianos, bem como xistos permianos e triássicos; vez por outra surgia um reluzente afloramento negro que sugeria um carvão duro e ardósico. Isso de certa forma desalentou Lake, cujos planos diziam respeito a desenterrar amostras que teriam mais 500 milhões de anos que essas. Ficou-lhe claro que a fim de recuperar o veio de ardósia arqueana na qual ele havia localizado as marcas tão curiosas, teria de empreender uma longa jornada desde aqueles contrafortes até as encostas íngremes das próprias montanhas gigantescas.

Ele resolvera, não obstante, efetuar algumas perfurações no local, como parte do programa geral da expedição. Por isso, montou o equipamento e destacou cinco homens para operá-lo, enquanto os demais terminavam de montar o acampamento e reparar o avião danificado. A rocha visível mais macia — um arenito a cerca de 1,5 km do acampamento — havia sido escolhida para a primeira amostragem; e a perfuratriz fazia excelente progresso sem muitas explosões suplementares. Foi mais ou menos três horas depois, após a primeira dinamitação realmente forte da operação, que se ouviram os gritos da turma de perfuração; e foi também então que o jovem Gedney, que atuava como supervisor do trabalho, entrou correndo no acampamento trazendo as notícias espantosas.

Haviam dado com uma caverna. No começo da perfuração, o arenito tinha dado lugar a um veio de calcário comanchiano onde abundavam minúsculos fósseis — cefatópodes, corais, *echini, spirifera* —, além de indícios ocasionais de esponjas silicosas e ossos de vertebrados marinhos — sendo estes últimos provavelmente teleósteos, tubarões e ganóides. Por si só, isso já era bastante significativo, por proporcionar os primeiros vertebrados fósseis que a expedição havia coletado. No entanto, quando logo depois a broca penetrou mais fundo na camada e deu sinal de estar operando no vazio, espalhou-se entre os escavadores uma redobrada excitação. Uma explosão de força considerável havia exposto o segredo subterrâneo; e agora, através de uma abertura denteada com cerca de metro e meio de largura e noventa centímetros de espessura, escancarava-se diante dos pesquisadores um buraco na delgada camada calcária, aberto havia mais de cinqüenta milhões de anos pelo escoamento das áreas superficiais de um extinto mundo tropical.

A camada oca não teria mais de dois metros ou dois metros e meio de profundidade, mas se estendia indefinidamente em todas as direções e dela emanava uma fresca e leve corrente de ar que levava a crer que a cavernosidade fazia parte de um amplo sistema subterrâneo. Tanto o teto como o piso apresentavam abundância de grandes estalagmites e estalactites, algumas das quais se encontravam formando colunas. Contudo, o que de mais importante havia ali era o vasto depósito de conchas e ossos, que em certos lugares quase obstruíam a passagem. Transportada, pelas águas, de desconhecidas selvas de fetos arbóreos e fungos mesozóicos, bem como de florestas Terciárias de cicadáceas, palmáceas e primitivas angiospermas, aquela mixórdia óssea continha mais representantes de animais do Cretáceo, do Eoceno e outras épocas do que o maior paleontologista poderia contar ou classificar durante um ano. Moluscos, crustáceos de carapaça, peixes, anfíbios,

répteis, aves e primitivos mamíferos — grandes e pequenos, conhecidos e desconhecidos. Não era de admirar que Gedney voltasse correndo para o acampamento aos gritos, nem também que todos deixassem o trabalho e se precipitassem em meio ao frio cortante para o ponto em que a alta torre de perfuração assinalava um recém-descoberto acesso a segredos do interior do planeta e de eras imemoriais.

Depois que Lake satisfez sua impetuosa curiosidade inicial, garatujou uma mensagem em sua caderneta e fez com que o jovem Moulton corresse ao acampamento a fim de transmiti-la pelo rádio. Foi essa a primeira notícia que tive da descoberta, dando conta da identificação de conchas, ossos de ganóides e placodermos, tudo isso antiquíssimo, de resquícios de labirintodontos e tecodontes, fragmentos de crânios de grandes mosassauros, vértebras e placas de couraça de dinossauros, dentes e ossos de asas de pterodátilos, restos de arqueopterix, dentes de tubarões miocênicos, crânios de aves primitivas, além de outros ossos de mamíferos arcaicos como paleópteros, xifodontes, *eohippis,* oreodontes, e titanotérios. Não havia ali nada recente como um mastodonte, elefante, camelo verdadeiro, veado ou bovino; daí ter Lake concluído que os últimos depósitos haviam ocorrido durante o Oligoceno, e que a camada oca havia permanecido em seu estado presente — seco, morto e inacessível — durante pelo menos trinta milhões de anos.

Por outro lado, a predominância de formas de vida muito primitivas era singularíssima. Ainda que a formação calcária fosse, a julgar pela intrusão de típicos fósseis como ventriculites, inequivocamente comanchiana (não havia nenhuma possibilidade de serem anteriores), os fragmentos livres no espaço oco incluíam uma surpreendente proporção de organismos até então considerados característicos de períodos muito mais recuados — até mesmo peixes, moluscos e corais rudimentares de épocas remotas como o Siluriano ou o Ordoviciano. A inferência inevitável era de que naquela parte do mundo houvera um notável e inusitado grau de continuidade entre a vida de 300 milhões de anos atrás e a de apenas 30 milhões de anos passados. Não havia, naturalmente, nenhuma possibilidade de se estimar até quando essa continuidade se estendera além do Oligoceno, quando a caverna tinha sido fechada. De qualquer forma, o advento dos terríveis gelos do Pleistoceno, há cerca de quinhentos mil anos — um simples ontem, em comparação com a idade daquela cavidade — devia ter dado fim a todas as formas primevas que naquele local haviam logrado sobreviver.

Lake não se satisfez com sua primeira mensagem, e escreveu e despachou outro boletim para o acampamento, antes que Moulton voltasse. Depois disso Moulton permaneceu junto ao rádio de um dos aviões, transmitindo-me — e também para o *Arkham*, para que dali as mensagens alcançassem o mundo — os freqüentes adendos que Lake lhe enviava por uma série de mensageiros. Quem acompanhou os Jornais há de recordar a comoção causada entre os homens de ciência pelos boletins daquela tarde — os boletins que levaram, depois de tantos anos, à organização da própria Expedição Starkweather-Moore, que anseio tanto dissuadir de seus propósitos. Creio ser conveniente transcrever as mensagens literalmente, tal como Lake as enviou e como Mctighe, o operador de nossa base, as traduziu das notas taquigráficas:

“Fowler faz descoberta da maior importância em fragmentos de arenitos e calcários após explosões. Várias impressões estriadas triangulares, diferentes, como as da ardósia arqueana, provando que sua fonte sobreviveu de mais de 600 milhões de anos atrás até os tempos comanchianos sem mais que alterações morfológicas moderadas e sem diminuição do tamanho médio, sendo as impressões comanchianas aparentemente mais primitivas ou decadentes do que as mais antigas. Salientar a importância da descoberta pela imprensa. Significará para a biologia o que Einstein significou para a matemática e a física. Complementa meu trabalho anterior e amplia as conclusões.

“Parece indicar, como eu suspeitava, que a terra conheceu todo um ciclo ou ciclos de vida orgânica antes do conhecido, que começa com células arqueozóicas. Evoluiu e se especializou há não menos de um bilhão de anos, quando o planeta era jovem e até pouco antes inabitável por qualquer forma de vida de estrutura protoplásmica normal. Resta saber quando, onde e como ocorreu o desenvolvimento.”

———

“Mais tarde. Examinando certos fragmentos ósseos de grandes sáurios terrestres e marinhos e de mamíferos primitivos, encontro singulares contusões ou lesões não imputáveis a qualquer animal predador ou carnívoro de qualquer período. Dois tipos: furos retos, penetrantes, e incisões aparentemente cortantes. Um ou dois casos de ossos partidos sem denteamento. Não muitos espécimes afetados. Vou mandar buscar lanternas elétricas no acampamento. Vou ampliar a área subterrânea de exploração, quebrando as estalactites.”

———

“Mais tarde ainda. Localizamos um curioso fragmento de esteatita com cerca de 15 centímetros de largura e 4 centímetros de espessura, inteiramente diferente de qualquer formação local visível — esverdeada, mas sem nada que possa indicar seu período. Lisura e regularidade curiosas. Tem forma de estrela de cinco pontas, com ápices quebrados, e sinais de outra clivagem em ângulos voltados para o interior e no centro da superfície. Depressão pequena e lisa no meio da superfície. Desperta muita curiosidade com relação à origem e desgaste. Provavelmente produzido pela ação hidráulica. Carroll, com a lupa, julga poder ver marcas adicionais de importância geológica. Grupos de pontinhos minúsculos formando desenhos regulares. Os cães se tornam intranqüilos enquanto trabalhamos e parecem odiar essa esteatica. Precisamos verificar se ela tem algum cheiro especial. Volto a me comunicar quando Mills voltar com a luz e começarmos no subterrâneo.”

———

“22h15min. Descoberta importante. Trabalhando lá embaixo a partir das 21h45min com luz, Orrendorf e Watkins encontraram monstruoso fóssil em forma de barril, de natureza inteiramente desconhecida; provavelmente vegetal, salvo se for espécime de radiado marinho desconhecido que cresceu exageradamente. Tecidos evidentemente preservados por sais minerais. Duro como couro, mas em certos pontos conserva espantosa flexibilidade. Marcas de partes quebradas nas extremidades e em torno dos lados. Um metro e noventa de ponta a ponta, um metro de diâmetro central, reduzindo-se a 30 centímetros em cada extremidade. Parece um barril com cinco rugas salientes em lugar de aduelas. Fraturas laterais, como que de hastes delgadas, no equador, no meio dessas rugas. Em sulcos entre as rugas, há apêndices curiosos — cristas ou asas que se dobram e desdobram como leques. Todos severamente lesados menos um, que tem uma envergadura de cerca de dois metros. A disposição lembra certos monstros de mitos antigos, principalmente os fabulosos Seres Antigos do *Necronomicon.*

“As asas parecem membranosas, estendidas numa estrutura de tubulação glandular. Minúsculos orifícios visíveis na tubulação da ponta das asas. Extremidades do corpo murchas, não dando indicação do interior ou do que se quebrou ali. Vamos dissecar quando voltarmos ao acampamento. Não chego a conclusão quanto a ser vegetal ou animal. Muitas características são obviamente de um primitivismo quase inacreditável. Coloquei todo o pessoal quebrando estalactites e procurando outros espécimes. Encontrados outros ossos lesados, mas terão de esperar. Problemas com os cães. Não suportam o novo espécime e provavelmente o dilacerariam se não os mantivéssemos afastados.”

———

“23h30min. Atenção, Dyer, Pabodie, Douglas. Questão de máxima — eu diria transcendental — importância. O Arkham deve comunicar-se com a Estação de Kingsport Head imediatamente. Foi o estranho ser arqueano cm forma de barril que deixou as Impressões nas rochas. Millis, Boudrau e Fowler descobriram um grupo de outros treze num ponto a 12 metros da abertura do subterrâneo. Misturados cem fragmentos de esteatita curiosamente arredondados, menores que o localizado anteriormente — com forma de estrela, mas sem sinal de fratura, exceto em algumas pontas.

“Entre os espécimes orgânicos, oito aparentemente perfeitos, com todos os apêndices. Trouxeram todos para a superfície, levando os cães para longe. Não suportam as coisas. Prestem atenção na descrição e repitam, para garantir exatidão. Os jornais devem receber informações corretas.

“Os objetos têm dois metros e quarenta de ponta a ponta. Torso em forma de barril, com um metro e oitenta, um metro de diâmetro central, trinta centímetros de diâmetro nas extremidades. Cinza-escuros, flexíveis e infinitamente duros. Asas membranosas de dois metros e dez, da mesma cor, encontradas dobradas, nascendo de sulcos entre as rugas. Estrutura das asas tubular ou glandular, de um cinza mais claro, com orifício nas extremidades das asas. Quando abertas, as asas apresentam serrilhamento nas bordas. Em torno do equador, cada qual no ápice central de cada uma das cinco rugas verticais semelhantes a aduelas, ficam cinco sistemas de braços ou tentáculos flexíveis e cinza-claros, encontrados comprimidos fortemente contra torso mas capazes de se estender a um comprimento total de quase um metro. Semelhante a braços de crinóide primitivo. Os pedúnculos, com oito centímetros de diâmetro, subdividem-se após 25 centímetros em cinco subpedúnculos, cada um dos quais subdvidem-se depois de 30 centímetros em pequenos tentáculos ou gavinhas cônicas, dando a cada pedúnculo um total de 25 tentáculos.

“No alto do torso, pescoço curto e bulboso de um cinzento mais claro, com insinuações de guelras ou coisa semelhante; sustenta o que seria uma cabeça, em forma de estrela-do-mar amarelada, coberta por cílios de oito centímetros e várias cores prismáticas.

“Cabeça grossa e fofa, com cerca de 60 centímetros de ponta a ponta, com tubos amarelados e flexíveis, de oito centímetros, projetando-se de cada ponta; ao fim de cada tubo há uma expansão esférica, coberta por uma membrana amarelada retrátil, que, quando enrolada, deixa ver um globo vítreo, com íris vermelha, evidentemente um olho.

“Cinco tubos avermelhados, ligeiramente mais longos, partem dos ângulos internos da cabeça estrelada c terminam em protuberâncias em forma de saco, da mesma cor, os quais, sob pressão, abrem-se para orifícios campaniformes com cinco centímetros de diâmetro máximo e recobertos com projeções agudas e brancas, que lembram dentes — provavelmente bocas. Todos estes tubos, cílios e pontas da cabeça estrelada foram encontrados comprimidos fortemente para baixo; os tubos e as pontas pendem sobre o pescoço bulboso e o torso. Flexibilidade surpreendente, apesar da enorme dureza.

“Na parte inferior do torso existe contrapartidas grosseiras mas de funcionamento dessemelhante da cabeça. Um pseudopescoço cinza-claro e bulboso, sem insinuações de guelras, sustenta uma formação estrelada de cinco pontas, esverdeada.

“Braços duros e musculosos, com um metro e vinte, cônicos, com 17,5 centímetros na base e cerca de sete centímetros na extremidade. A cada extremidade prende-se pequena terminação de um triângulo esverdeado e membranoso, com cinco nervuras, medindo 20 centímetros de comprimento e 15 centímetros de largura na ponta externa. Foi pseudópodo ou nadadeira que deixou marcas em rochas com idades que variam de um bilhão a 50 ou 60 milhões de anos.

“De ângulos internos da formação estreliforme prometam-se tubos avermelhados de 60 centímetros de comprimento, cônicos, com oito centímetros de diâmetro na base e dois e meio na extremidade. Orifícios nas extremidades. Todas essas partes infinitamente duras e coriáceas, porém extremamente flexíveis. Braços de metro e vinte, com nadadeiras indubitavelmente utilizadas para alguma espécie de locomoção, marinha ou terrestre. Quando movimentados, dão impressão de

exagerada muscularidade. Todas essas projeções encontradas fortemente dobradas sobre o pseudopescoço e fim do torso, correspondendo a projeções na outra extremidade.

“Não podem ser ainda classificados com certeza no reino vegetal ou animal, mas os indíces apontam para o animal. Provavelmente representam evolução incrivelmente avançada de radiados, sem perda de certas características primitivas. Inequívocas semelhanças com equinodermos, apesar de indícios contraditórios localizados.

“A estrutura alar é um enigma, em vista do provável habitat marinho, mas podem ser usadas para locomoção aquática. A simetria é curiosamente vegetal, lembrando a essencial estrutura vertical do vegetal, e não a horizontal do animal. A época de evolução fabulosamente recuada, precedendo até mesmo os mais simples protozoários arqueanos conhecidos, impede qualquer conjectura quanto a origem.

“Os espécimes completos apresentam tal similitude com certas criaturas de mitos antigos que se torna inevitável a hipótese de terem existido, no passado, fora da Antártida. Dyer e Pabodie leram o *Necronomicon* e viram quadros de Clark Ashton Smith baseados no texto, pelo que hão de compreender quando me refiro a Seres Antigos, que teriam criado toda a vida terrestre, por zombaria ou engano. Os estudiosos sempre julgaram que tais concepções se formaram a partir do tratamento imaginativo mórbido de antiquíssimos radiados tropicais. Lembram também seres pré-históricos folclóricos de que trata Wilmarth — cultos de Cthulhu etc.

“Abre-se vasto campo de estudo. Os depósitos datam provavelmente do fim do Cretáceo ou princípio do Eoceno, a julgar por amostras associadas. Enormes estalagmites depositadas sobre eles. A dissecação é trabalhosa, mas a dureza impediu dano. Miraculoso o estado de preservação, devido evidentemente à ação dos calcários. Não foram encontrados outros até agora, mas retomaremos o trabalho mais tarde. O problema agora será transportar quatorze gigantescos espécimes para o acampamento sem utilizar os cães, que latem furiosamente e não poderão chegar perto deles.

“Com nove homens — três vão ficar para cuidar dos cães — deveremos manobrar os trenós bem, embora o vento esteja forte. É preciso estabelecer comunicação aérea com o estreito McMurdo e começar a transportar material. Mas tenho de dissecar um desses seres antes de poder descansar. Gostaria de ter um verdadeiro laboratório aqui. Convém Dyer se autoflagelar por haver tentado impedir minha viagem rumo a noroeste. Primeiro, as maiores montanhas do mundo, e depois isso. Se este não é o ponto alto da expedição, não sei qual será. Estamos feitos para a ciência. Parabéns, Pabodie, pela perfuratriz que abriu a caverna. Por favor, *Arkham*, repita a descrição.”

As sensações de Pabodie e minhas ao recebermos esse relatório foram quase indescritíveis; tampouco nossos companheiros ficaram muito atrás em seu entusiasmo. McTighe, que havia apressadamente traduzido alguns pontos mais importantes à medida que saíam do receptor, transcrevo toda a mensagem a partir de sua versão taquigráfica, assim que o operador de Lake encerrou a transmissão. Todos perceberam o significado momentoso da descoberta, e enviei congratulações a Lake assim que o operador do *Arkham* acabou de repetir as partes descritivas, como solicitado. E meu exemplo foi seguido por Sherman, de sua estação no depósito de suprimentos do estreito McMurdo, assim como pelo Capitão Douglas, do *Arkham.* Mais tarde, como chefe da expedição, acrescentei algumas observações que deveriam ser transmitidas do *Arkham* para todo o mundo. Naturalmente, era absurdo pensar em repouso em meio a tanta comoção; e meu único desejo era chegar ao acampamento de Lake assim que possível. Fiquei decepcionado quando ele avisou que um intenso vendaval tornava impossível o transporte aéreo.

No entanto, dentro de hora e meia voltou a crescer o interesse, banindo o desapontamento. Através de novas mensagens, Lake falava do transporte inteiramente bem-sucedido dos quatorze grandes espécimes para o acampamento. Tinha sido difícil, pois as coisas eram surpreendentemente pesadas. No entanto, nove homens haviam conseguido vencer o desafio. Agora alguns integrantes do grupo estavam construindo apressadamente um curral, com blocos de neve, a uma distância segura do acampamento, ao qual os cães poderiam ser levados para maior facilidade de alimentação. Os espécimes tinham sido colocados sobre a neve dura, menos um, no qual Lake fazia grosseiras tentativas de dissecação.

Tal dissecação parecia constituir tarefa mais dificultosa do que o previsto, pois, apesar do calor proporcionado por um fogão a gasolina na recém-montada barraca que fazia as vezes de laboratório, os tecidos enganosamente flexíveis do espécime escolhido — forte e intacto — não perderam nada de sua dureza mais que coriácea. Lake não imaginava meio de fazer as incisões necessárias sem usar de violência suficientemente destrutiva para perturbar todas as sutilezas estruturais que estava procurando. Dispunha, na verdade, de outros sete espécimes perfeitos; mas era um número muito pequeno para que fossem usados sem cautela, a menos que a caverna viesse a proporcionar mais tarde uma quantidade ilimitada. Por conseguinte, ele removeu o espécime e trouxe um outro que, ainda que apresentasse restos das configurações estreliformes em ambas as extremidades, achava-se bastante esmagado e parcialmente danificado ao longo de um dos sulcos do enorme tronco.

Os resultados, incontinenti transmitidos pelo rádio, causaram realmente perplexidade e espanto. Não era possível delicadeza ou precisão com instrumentos que mal conseguiam cortar os tecidos anômalos, mas o pouco que se conseguiu deixou-nos a todos aturdidos. A biologia teria de ser radicalmente revista, pois aquele ser não era produto de nenhum desenvolvimento celular que a ciência conheça. Não houvera praticamente nenhuma substituição mineral e apesar da idade, de talvez quarenta milhões de anos, os órgãos internos estavam íntegros. A qualidade coriácea, infungível e quase indestrutível era um atributo inerente da organização da criatura e pertencia a algum ciclo palco-arcaico de evolução invertebrada inteiramente fora de nossas faculdades es peculativas. A princípio tudo quanto Lake encontrou era seco, mas à medida que a barraca aquecida produzia seu efeito degelante encontrou-se umidade orgânica, de odor acre e fétido no lado não lesionado da coisa. Não se tratava de sangue, e sim de um fluido denso e verde-escuro que aparentemente atendia à mesma finalidade. Quando Lake chegou a esse estágio, já todos os 37 cães tinham sido conduzidos ao curral ainda inconcluso perto do acampamento, mas mesmo àquela distância puseram-se a latir loucamente e a demonstrar inquietude, devido ao cheiro penetrante.

Longe de ajudar na classificação do estranho ente, aquele arremedo de dissecação só serviu para aprofundar o mistério. Todos os palpites com relação a seus membros externos tinham sido corretos, e com base nisso não havia como evitar considerar aquele ser um animal; no entanto, a inspeção interna produziu tantos indícios de vegetalidade que Lake ficou inapelavelmente perdido. A criatura tinha digestão e circulação e eliminava detritos orgânicos pelos tubos avermelhados de sua base estreli-forme. Superficialmente, poder-se-ia dizer que o aparelho respiratório lidava com oxigênio, e não com dióxido de carbono; e havia curiosas evidências de câmaras de armazenamento de ar; e métodos de transferir a respiração plenamente desenvolvidos — guelras e poros. Tratava-se claramente de um anfíbio, provavelmente adaptado a longos períodos de hibernação sem ar. Parecia existir órgãos vocais, ligados ao principal sistema respiratório, mas apresentavam anomalias que desafiavam solução imediata. Fala articulada, no sentido de emissão de sílabas, parecia ser quase inimaginável, mas notas musicais flauteadas, cobrindo um amplo registro, eram altamente prováveis. O sistema muscular era quase prematuramente desenvolvido.

O sistema nervoso mostrava tal complexidade e desenvolvimento que Lake sentiu-se estupefato. Ainda que excessivamente primitivo e arcaico em certos aspectos, aquele ente possuía um conjunto de centros ganglionares, bem como conectivos, que atestavam extremos de desenvolvimento especializado. O cérebro, de cinco lobos, era surpreendentemente evoluído e havia indícios de um equipamento sensorial, em parte atendidos pelos cílios rijos da cabeça, envolvendo fatores estranhos a qualquer outro organismo terrestre. Teria provavelmente mais de cinco sentidos, pelo que seus hábitos não podiam ser previstos com base em qualquer analogia existente. Devia ter sido, pensava Lake, uma criatura de aguda sensibilidade e funções sutilmente diferenciadas em seu mundo primal — muito assemelhada às formigas e abelhas de hoje. Reproduzia-se como os criptógamos vegetais, especialmente as pteridófitas, e possuía câmaras de espórios nas extremidades das asas, câmaras que evidentemente se desenvolviam a partir de um talo ou pró-talo.

No entanto, atribuir-lhe um nome nesse estágio era simples tolice. Parecia um radiado, mas era obviamente algo mais. Era em parte vegetal, mas apresentava três quartos dos traços essenciais da estrutura animal. Que era de origem marinha, sua configuração simétrica e alguns outros

atributos indicavam claramente; entretanto, não havia como apontar com certeza o limite de suas ulteriores adaptações. As asas, afinal, encerravam uma persistente insinuação de vôo. O processo mediante o qual ele havia sofrido sua evolução tremendamente complexa, numa Terra recém-nascida e em tempo para deixar pegadas em rochas arqueanas, era de tal modo incogitável que levou Lake a fantasiosamente recordar os mitos primais sobre os “Grandes e Antigos” que se tinham originado das estrelas e tramado a vida terrestre como facécia ou por equívoco; e também as histórias delirantes sobre seres cósmicos que habitavam montes, narradas por um folclorista do departamento de Língua e Literatura da Universidade Miskatonic.

Naturalmente, Lake levou em conta a possibilidade de as impressões Pré-Cambrianas terem sido feitas por um ancestral menos evoluído dos espécimes descobertos na caverna, mas logo rejeitou essa teoria simplista, ao considerar as avançadas características estruturais dos fósseis mais antigos. A rigor, as configurações posteriores revelavam antes decadência que evolução superior. O tamanho dos pseudópodos havia diminuído e toda a morfologia parecia mais grosseira e simplificada. Ademais, os nervos e órgãos recém-examinados levavam a crer que tivesse havido um retrocesso em relação a formas ainda mais complexas. Lake constatara, com surpresa, grande número de partes atrofiadas e vestigiais. De modo geral, pouco se poderia considerar como solucionado; e assim Lake recorreu à mitologia, em busca de um nome provisório — e jocosamente passou a se referir às suas descobertas como “Os Antigos”.

Por volta das 2h30min da manhã ele decidiu adiar o restante do trabalho e descansar um pouco. Cobriu o organismo dissecado com um oleado, saiu da barraca-laboratório e estudou os espécimes intactos com renovado interesse. O incessante sol antártico havia começado a tornar um pouco mais flexível os tecidos, de modo que as pontas da cabeça e os tubos de dois ou três mostravam sinais de amolecimento. Lake, porém, não acreditou que houvesse perigo de decomposição imediata na temperatura reinante. Não obstante, juntou todos os espécimes não dissecados e jogou sobre eles uma barraca de reserva, para que não fossem atingidos diretamente pelos raios.

Passava das quatro quando Lake finalmente preparou-se para se recolher e aconselhou a todos nós que aproveitássemos o período de descanso que seu grupo tiraria quando as paredes dos abrigos estivessem um pouco mais altas. Conversou um pouco com Pabodie, amistosamente, pelo rádio, e repetiu os elogios às brocas realmente maravilhosas que o haviam ajudado a fazer sua descoberta. Atwood enviou saudações e louvores. Também troquei com Lake palavras elogiosas, admitindo que ele tivera razão quanto à viagem rumo a oeste, e todos concordamos em entrar em contacto, pelo rádio, às dez da manhã. Se a ventania houvesse então cessado, Lake mandaria um avião para buscar-nos em nossa base. Pouco antes de me retirar, despachei uma mensagem final ao solares. Isso ajudaria também a impedir que o possível cheiro que exalassem chegasse aos cães, cuja intranqüilidade hostil estava-se tornando um problema real, mesmo a distância apreciável em que se encontravam e atrás das paredes de neve cada vez mais altas que um maior número de homens apressava-se a levantar em torno do espaço que lhes fora destinado. Lake teve de prender os cantos da lona da barraca com pesados blocos de gelo, a fim de mantê-la no lugar sob a crescente ventania, pois as titânicas montanhas pareciam na iminência de produzir vendavais realmente portentosos. Renasciam as apreensões anteriores quanto a repentinos ventos antárticos, e sob supervisão de Atwood tornaram-se precauções para escorar com neve as barracas, o cercado novo dos cães e os rudimentares abrigos dos aeroplanos, do lado que dava para as montanhas. Tais abrigos, iniciados com blocos de neve endurecida em momentos de folga, não eram altos como deveriam ser; e por fim Lake desviou todos os homens de outros misteres para trabalharem neles. *Arkham* com instruções para que não fossem demasiado entusiásticos ao transmitirem as notícias do dia para o mundo exterior, uma vez que os pormenores pareciam por demais radicais, podendo provocar uma onda de incredulidade, até serem mais bem substanciados.

III

Nenhum de nós, quero crer, dormiu muito profundamente naquela manhã. Tanto a excitação causada pela descoberta de Lake quanto a fúria crescente dos ventos laboravam contra isso. Tão violento era o vendaval, mesmo onde estávamos, que não podíamos deixar de imaginar o quanto estaria pior no acampamento de Lake, diretamente sob os descomunais picos desconhecidos que o geravam. Às dez horas McTighe já estava desperto e tentou falar com Lake pelo rádio, como combinado, porém algum problema de eletricidade no ar convulsionado, a oeste, parecia impedir as comunicações. Ainda assim, estabelecemos contacto com o *Arkham* e Douglas me disse que também ele tentara em vão falar com Lake. Não estivera a par da ventania, pois o ar no estreito McMurdo estava tranqüilo, a despeito de sua violência inaudita no local onde estávamos.

Durante o dia todos postamo-nos, ansiosos, junto ao rádio e tentamos falar com Lake a intervalos, mas invariavelmente sem qualquer êxito. Por volta do meio-dia, chegou de oeste um verdadeiro tufão, fazendo com que temêssemos pela segurança de nosso acampamento. Por fim, porém, amainou, com apenas uma breve recidiva às duas da tarde. Depois das três horas o vento quase cessou por completo, e redobramos nossos esforços para contactar Lake. Refletindo que ele dispunha de quatro aviões, cada qual provido de um excelente equipamento de rádio em ondas curtas, não conseguíamos imaginar qualquer acidente comum capaz de pôr fora de ação todos os equipamentos de rádio de uma só vez. Não obstante, o silêncio pétreo persistiu, e quando pensávamos na força delirante com que o vento devia ter soprado onde ele estava, não havia como fugir às mais horrendas conjecturas.

Às seis da tarde nossos temores haviam-se tornado intensos e definidos, e após uma consulta pelo rádio a Douglas e Thorfinnssen, decidi tomar medidas no sentido de uma investigação. O quinto avião, que havíamos deixado no depósito de suprimentos do estreito McMurdo, com Sherman e dois marinheiros, encontrava-se em bom estado e pronto para uso imediato, e era de crer que a emergência justamente para a qual ele havia sido poupado havia ocorrido. Falei com Sherman pelo rádio e dei-lhe instruções para que viesse ter comigo na base do sul, com o avião e os dois marinheiros, o mais depressa possível, uma vez que as condições meteorológicas pareciam altamente favoráveis. Discutimos então a questão dos integrantes do grupo de investigação e concluímos que deveríamos usar todos os homens. Juntamente com os trenós e os cães que eu havia conservado comigo. Mesmo uma carga tão grande não estaria além da capacidade de um dos enormes aviões construídos por encomenda para o transporte de maquinaria pesada. De vez em quando eu tentava ainda entrar em contacto com Lake através do rádio, mas em vão.

Sherman, com os marujos Gunnarsson e Larsen, de colou às 19h30min. Por várias vezes durante o vôo comunicaram-se conosco, relatando que a viagem transcorria sem problemas. Chegaram à nossa base à meia-noite, e imediatamente todos os presentes começaram a debater o que deveria ser feito a seguir. Era arriscado sobrevoar o continente antártico num único avião, sem qualquer apoio de terra, mas ninguém recuou em relação àquilo que parecia ser a necessidade mais óbvia. Às duas da manhã iniciamos um breve período de descanso, após alguns embarques preliminares no avião, e às quatro horas já estávamos novamente de pé, para terminar o carregamento e os demais preparativos.

Às 7h15min da manhã do dia 25 de janeiro começamos o vôo rumo a noroeste, com McTighe no comando do aparelho. Levávamos dez homens, sete cães, um trenó, um carregamento de combustível e víveres, além de outros materiais, inclusive o rádio do avião. O céu estava claro, quase não havia ventos e a temperatura mostrava-se relativamente branda. Com tudo isso, prevíamos pouquíssimos problemas para chegarmos à latitude e longitude designadas por Lake como sendo a de seu acampamento. O que nos causava apreensão era o que poderíamos encontrar — ou não encontrar — ao fim da viagem, pois a única resposta a todos os chamados dirigidos 10 acampamento continuava a ser o silêncio.

Cada incidente daquele vôo de quatro horas e meio está gravado a fogo em minha memória, em virtude de sua posição crucial em minha vida. Ele marcou para mim a perda, na idade de 54 anos, de toda aquela paz e equilíbrio que a mente normal possui, através de sua concepção habitual do que seja a natureza e as leis naturais. Daí em diante, todos nós dez — mas sobretudo, acima de

todos os demais, o estudante Danforth e eu — haveríamos de defrontar-nos com um mundo horrivelmente amplificado de horrores absconsos que nada pode obliterar de nossas emoções, e que nos absteríamos de repartir com a humanidade em geral, se pudéssemos. Os jornais publicaram os boletins que enviamos em vôo, dando conta de nossa jornada sem escalas, de nossas duas batalhas com ventos traiçoeiros, de nossa visão rápida da superfície quebrada onde Lake abrira uma perfuração no meio da viagem, três dias antes, e da visão de um grupo daqueles estranhos cilindros de neve, como que felpudos, que segundo Amundsen e Byrd, eram tangidos pelo vento pelas léguas do planalto gelado. Chegou um ponto, porém, em que nossas sensações não podiam ser descritas por quaisquer palavras que a imprensa pudesse compreender, e ainda um momento mais tardio em que na verdade tivemos de adotar uma norma de rigorosa censura.

O marinheiro Larsen foi o primeiro a avistar a linha quebrada de cones e pináculos fantasmagóricos e seus gritos trouxeram todos às janelas do avião. Apesar da velocidade com que viajávamos, foi com muita lentidão que aumentaram de dimensão, e daí concluímos que deveriam estar a uma distância imensa e que só eram visíveis devido à sua altura descomunal. Pouco a pouco, todavia, subiram medonhamente no céu, a oeste, possibilitando-nos divisar cumes desnudos, inóspitos e enegrecidos, bem como captar a curiosa sensação de fantasia que inspiravam, iluminados pelo avermelhado clarão antártico contra o fundo sugestivo de iridescente nuvens glaciais. Havia em todo aquele espetáculo uma insinuação persistente e penetrante de prodigioso segredo e revelações abissais. Era como se aquelas nítidas agulhas de pesadelo assinalassem as colunas de um portal assustador que levasse a domínios proibidos de sonho e a abismos ignotos de tempo, de espaço e de ultradimensionalidade. Eu não conseguia evitar a sensação de que eram coisas maléficas — montanhas de loucura cujas encostas mais distantes guardavam amaldiçoadas voragens infinitas. Aquele fundo de nuvens, escachoante e semiluminoso, comportava insinuações inefáveis de um vago e etéreo além, algo que superava as concepções terrestres de espaço e que, tetricamente, trazia à mente tudo quanto aquele mundo austral, inexplorado e virgem, tinha de ermo, apartado, desolado e morto havia eras e eras.

Foi o jovem Danforth quem nos chamou a atenção para as curiosas regularidades dos picos mais elevados como que fragmentos pendentes de cubos perfeitos, mencionados por Lake em suas mensagens, e que, de fato, justificavam comparação com lembranças oníricas de ruínas de templos vetustos, sobre enevoados cumes asiáticos, que Roerich havia transposto de maneira tão sutil e estranha para suas telas. Havia, com efeito, naquele continente irreal de montanhoso mistério algo que não podia deixar de recordar Roerich. Eu o sentira em outubro, quando pela primeira vez avistei a Terra de Vitória, e o sentia novamente agora, redobrado. Sentia, ademais, outra onda de inquietante percepção de míticas similitudes arqueanas; pressentia o quanto aquele sítio letal se aproximava do famigerado planalto de Leng que aparece em escritos de antanho. Os mitologistas têm situado o planalto de Leng na Ásia Central; mas a memória rácica do homem — ou de seus predecessores — é antiga e é bem possível que certos contos tenham provindo de terras, montanhas e templos de horror mais antigos que a Ásia e mais antigos que qualquer mundo humano de que tenhamos conhecimento. Alguns místicos ousados têm feitos insinuações a respeito de uma origem pré-pleistocênica para os fragmentários Manuscritos Pnakóticos, dando ainda a entender que os devotos de Tsathoggua eram tão alheios à humanidade quanto o próprio Tsathoggua. Leng, qualquer que fosse sua localização no tempo e no espaço, não era uma região que eu quisesse visitar ou ao menos dela me aproximar, e tampouco me agradava a proximidade de um mundo que algum tempo havia gerado monstruosidades ambíguas e arqueanas como as que Lake havia mencionado pouco antes. Naquele momento, arrependi-me por ter um dia me disposto a ler o abominável *Necronomicon* ou conversado tanto na universidade com o folclorista Wilmarth, desagradavelmente erudito.

Esse estado de espírito sem dúvida serviu para agravar minha reação à miragem estapafúrdia que se abateu sobre nós desde o zênite cada vez mais opalescente, à medida em que nos aproximávamos das montanhas e começávamos a distinguir as ondulações cumulativas dos contrafortes. Eu vira dezenas de miragens polares durante as semanas anteriores, algumas tão insólitas e fantasticamente vívidas quanto a presente. No entanto, aquela apresentava uma qualidade

inteiramente nova e obscura de ameaçador simbolismo, e estremeci diante do labirinto escachoante de fabulosas muralhas, torres e minaretes que emergiam, colossais, dos agitados vapores gélidos sobre nossas cabeças.

O efeito era o de uma cidade ciclópica, de uma arquitetura desconhecida pelo homem ou pela imaginação humana, com vastos aglomerados de cantaria negra como a noite e que materializava monstruosas inversões das leis geométricas. Havia cones truncados, por vezes escalonados ou canelados, encimados por altas torres cilíndricas, aqui e ali ampliadas bulbosamente e muitas vezes coroadas com séries de discos superpostos e delgados; e estranhas construções salientes, que lembravam mesas e sugeriam pilha de inumeráveis lajes retangulares, placas circulares ou estrelas de cinco pontas, cada uma das quais imbricava sobre a inferior. Havia cones e pirâmides compósitas, isoladas ou encimando cilindros, cubos ou cones e pirâmides truncados mais chatos, assim como, vez por outra, cúspides em curiosos grupos de cinco. Todas essas estruturas febricitantes pareciam reunidas por pontos tubulares, que iam de uma a outra, a várias alturas estonteantes; aliás, a escala implícita do conjunto era aterrorizante e opressiva por seu puro gigantismo. Esse tipo geral de miragem não era diferente de algumas das formas mais delirantes observadas e desenhadas pelo baleeiro ártico Scoresby em 1820, mas naquele momento e naquele lugar, com aqueles trevosos e desconhecidos picos montanhosos elevando-se titanicamente à frente, com aquela anômala descoberta de um mundo primevo em nossas mentes e com a mortalha de um provável desastre envolvendo a maior parte de nossa expedição, todos nós parecíamos ver naquela fantasia atmosférica uma nódoa de malignidade latente e de augúrio infinitamente funesto.

Alegrei-me quando a miragem começou a se dissolver, ainda que no processo os diversos cones e torreões de pesadelo assumissem formas distorcidas e temporárias de repulsão ainda mais acentuada. Quando toda a miragem se desfez numa agitada opalescência, começamos a olhar novamente para leste e percebemos que nossa viagem não estava longe do fim. As desconhecidas montanhas à nossa frente erguiam-se aterradoramente, como uma assustadora muralha de gigantes e suas curiosas regularidades apareciam com assombrosa nitidez, mesmo sem binóculos. Estávamos agora sobre os primitivos contrafortes e podíamos avistar, entre a neve, o gelo e as áreas nuas do planalto principal, dois pontos mais escuros que supusemos ser o acampamento de Lake e a área perfurada. Os contrafortes mais altos subiam ao céu a uma distância de oito a dez quilômetros dali, formando uma cordilheira quase separada da linha terrificante de picos mais que himalaicos além deles. Por fim, Popes (o estudante que havia substituído McTighe no assento do piloto) começou a descer na direção da área mais escura à esquerda, cujo tamanho indicava que fosse o acampamento. Nesse instante, McTighe despachou a última mensagem não censurada que o mundo haveria de receber de nossa expedição.

Todos, naturalmente, leram os boletins breves e insatisfatórios do restante de nossa estada na Antártica. Algumas horas depois do pouso enviamos um relato cauteloso a respeito da tragédia que encontramos e relutantemente anunciamos a dizimação de todo o grupo de Lake pelo vendaval mortífero do dia anterior ou da noite que o precedera. Onze mortos e o jovem Gedney desaparecido. As pessoas desculparam nossa nebulosa falta de pormenores atribuindo-a ao choque causado pelo infausto acontecimento e acreditaram quando explicamos que a força inaudita do vento havia deixado os onze corpos sem condições de serem transportados para fora dali. Na verdade, sinto-me lisonjeado pelo fato de que mesmo em meio à angústia, à completa consternação e ao horror transfixante, praticamente não faltamos à verdade quanto a qualquer ponto específico. O significado tremendo jaz no que não nos atrevemos a dizer; naquilo que ainda agora eu não diria não fosse a necessidade de advertir outras pessoas quanto a horrores inomináveis.

É verdade que o vento havia produzido medonha destruição. É extremamente duvidoso que os integrantes do grupo poderiam ter-lhe sobrevivido, mesmo sem a outra coisa. A tempestade, com sua fúria de partículas de gelo vergastantes, devia ter sido mais forte que qualquer outra já enfrentada por nossa expedição. Um dos abrigos para os aviões — todos, ao que parece, tinham ficado em condições lastimáveis — estava quase pulverizado e a torre no sítio da perfuração, distante dali, tinha sido inteiramente despedaçada. O metal exposto dos aviões e a maquinaria de perfuração havia ficado brilhante pelo atrito do gelo e duas das pequenas barracas tinham sido

jogadas ao chão, apesar do escoramento com blocos de neve. As superfícies de madeira espalhadas pela área achavam-se furadas e sem a camada de pintura, e todos os sinais de trilhas na neve haviam sido completa mente apagados. É verdade também que não encontramos um único dos biológicos arqueanos em condições de ser retirado dali intacto. Colhemos algumas amostras minerais de uma enorme pilha desabada, entre os quais vários dos fragmentos de esteatita esverdeada cuja forma geral, com cinco pontas, e cujos apagados desenhos de pontos agrupados causaram tantas comparações dúbias, e ainda alguns ossos fósseis, entre os quais estavam os mais típicos dos espécimes curiosamente furados.

Nenhum dos cães havia sobrevivido e o cercado que fora apressadamente construído para eles perto do acampamento achava-se quase totalmente destruído. O vento poderia ter sido o causador disso, ainda que uma abertura maior do lado que dava para o acampamento, e que não era batido diretamente pelo vento, indicasse que os próprios animais, tomados de frenesi, tinham saltado para fora do curral ou mesmo arrebentado-o. Todos os três trenós tinham desaparecido, e procuramos explicar que o vento poderia tê-los empurrado para o desconhecido. A perfuratriz e o equipamento de degelar, na área de perfuração, estavam demasiado danificados para justificar reparos, de modo que usamos os destroços para tapar aquela porta sutilmente perturbadora para o passado, que Lake havia aberto a dinamite. Da mesma forma deixamos no acampamento os dois aviões mais estragados, já que entre os sobreviventes só havia quatro pilotos realmente habilitados — Sherman, Danforth, McTighe e Ropes, sendo que Danforth se encontrava sem condições nervosas para navegar. Trouxemos de volta todos os livros, equipamentos científicos e outros materiais que pudemos encontrar, ainda que grande parte deles estivessem inexplicavelmente espalhados. As barracas de reserva e as peles ou haviam desaparecido ou estavam em péssimo estado.

Eram aproximadamente quatro horas da tarde, depois que largos vôos nos haviam obrigado a dar Gedney como perdido, quando transmitimos nossa primeira mensagem reservada ao *Arkham*, para ser retransmitida ao mundo. E creio que agimos bem ao dar-lhe a redação mais calma e neutra que conseguimos. O máximo que dissemos a respeito de agitação dizia respeito a nossos cães, cuja frenética intranqüilidade perto dos espécimes era de ser esperada, devido aos relatos do pobre Lake. Não nos referimos, quero crer, ao fato de demonstrarem a mesmas intranqüilidade ao farejarem as estranhas esteatitas esverdeadas e alguns outros objetos na área conturbada — objetos entre os quais incluíam-se instrumentos científicos, aeroplanos e maquinaria, tanto no acampamento como no local da perfuração, cujas peças tinham sido soltas, mudadas de lugar ou de outra forma atingidas por ventos que deviam ter demonstrado singular curiosidade e espírito inquisitivo.

Com relação aos quatorze espécimes biológicos, fomos justificadamente vagos. Dissemos que os únicos que havíamos descoberto estavam danificados, mas que sobrava deles o suficiente para mostrar que a descrição de Lake tinha sido inteiramente fiel e precisa. Foi difícil manter nossas emoções pessoais fora disso — e não mencionamos números nem narramos exatamente como encontramos os que realmente pudemos achar. Havíamos, a essa altura, concordado em não transmitir coisa alguma que pudesse insinuar insanidade por parte dos homens de Lake e por certo parecia demência encontrar seis monstruosidades imperfeitas cuidadosamente sepultadas em posição ereta, em tumbas de neve de 2,70m, com montículos de cinco pontas sobre os quais tinham sido feitos desenhos de pontos exatamente iguais aos que se viam nas estranhas esteatitas esverdeadas, enterradas em tempos Mesozóicos ou Terciários. Os oito espécimes perfeitos mencionados por Lake pareciam ter sido completamente espalhados pelo vento.

Tivemos cuidado, outrossim, com a paz de espírito geral do público; daí Danforth e eu termos falado tão pouco a respeito daquela assustadora excursão pelas montanhas no dia seguinte. Foi o fato de que somente um avião aliviado de todo peso desnecessário era capaz de sobrevoar uma cordilheira de tal altura que, misericordiosamente, limitou aquela missão de reconhecimento a nós dois. Ao voltarmos, à uma da manhã, Danforth estava à beira da histeria, mas manteve um controle admirável. Não foi preciso muita persuasão para ele prometer que não mostraria os desenhos e outras coisas que havíamos trazido nos bolsos, nem dizer coisa alguma aos outros além do que havíamos concordado em transmitir ao mundo, bem como esconder nossos filmes para

revelação porterior. Por isso, essa parte, da história que ora narro será tão nova para Pabodie, McTighe, Ropes, Sherman e os demais quanto será para o mundo em geral. Na verdade, Danforth é mais reservado do que eu — pois viu, ou julga ter visto, uma coisa que não dirá nem a mim.

Como todos sabem, nosso relato incluiu uma descrição de uma difícil ascensão — uma confirmação da opinião de Lake segundo a qual os grandes picos são de ardósia arqueana e outras camadas esmagadas, de indescritível antiguidade, inalteradas pelo menos desde meados do período comancheano; um comentário convencional sobre a regularidade das formações suspensas, em forma de cubos ou muralhas; uma opinião de que as bocas das cavernas indicam veios calcários dissolvidos; uma conjectura de que certas encostas e desfiladeiros permitiriam que toda a cordilheira fosse escalada e explorada por montanhistas experientes; e uma observação de que o misterioso lado posterior oculta um altíssimo e imenso superplanalto, tão antigo e inalterado quanto as próprias montanhas — com 6.000 metros de altitude, grotescas formações rochosas que se projetam através de uma fina camada glacial e que desce paulatinamente em contrafortes mais baixos, entre a superfície do planalto geral e os precipícios dos picos mais altos.

Esse conjunto de dados é em todos os sentidos verdadeiro e é inteiramente corroborado pelos homens que estavam no acampamento. Atribuímos nossa ausência durante dezesseis horas — tempo mais alongado do que exigiriam as atividades que relatamos (voar, pousar, reconhecer o terreno e coletar rochas) — a um prolongado período fictício de condições meteorológicas adversas e nos referimos, sem mentir, ao fato de havermos aterrissado nos contrafortes mais distantes. Por felicidade, nossa narrativa pareceu suficientemente realista e prosaica para que os outros não se sentissem tentados a repetir o vôo. Houvesse alguém tentado fazê-lo, eu teria usado toda minha força dissuasória para impedi-lo — e não sei o que Danforth teria feito. Enquanto estivemos fora, Pabodie, Sherman, Ropes, McTighe e Williamson haviam trabalhado afanosamente nos dois aviões de Lake em melhor estado, preparando-os para serem usados novamente, a despeito da destruição inteiramente sem sentido de seus mecanismos operacionais.

Resolvemos que na manhã seguinte carregaríamos todos os aviões e que partiríamos para a base assim que possível. Ainda que indireta, era essa a rota mais segura para voltarmos ao estreito McMurdo, porquanto um vôo direto sobre trechos inteiramente inexplorados do continente gelado implicaria perigos adicionais. Novas explorações não seriam de maneira alguma viáveis, em vista da trágica dizimação de nosso grupo e da ruína de nosso equipamento de perfuração. As dúvidas e os horrores que nos cercavam — aquilo que não revelamos — faziam com que nosso único desejo fosse fugir daquele mundo austral de desolação e silenciosa demência tão depressa quanto pudéssemos.

Como sabe o público, nosso retorno ao mundo se fez sem novos desastres. Todos os aviões chegaram à velha base na noite do dia seguinte, 27 de janeiro, após um rápido vôo sem escalas. E no dia 28 alcançamos o estreito McMurdo em duas etapas, sendo que a única pausa, bastante breve, foi ocasionada por um defeito no leme de um avião, devido à fúria do vento sobre a plataforma gelada, depois de havermos deixado o grande planalto. Dentro de mais cinco dias, o *Arkham e* o *Miskatonic,* levando a bordo todos os homens e equipamentos, se afastavam do campo de gelo e avançavam pelo mar de Ross com as zombeteiras montanhas da Terra de Vitória alteando-se a oeste, contra um agitado céu antártico, e transformando os uivos do vento em silvos musicais que abarcavam um amplo registro e gelavam-me o sangue nas veias. Menos de uma quinzena depois, havíamos deixado atrás de nós os últimos sinais de terras polares e dávamos graças aos céus por estarmos longe de um sítio assombrado e maldito onde a vida e a morte, o espaço e o tempo, celebraram tenebrosas e ímpias alianças nas épocas desconhecidas em que a matéria começava a se contorcer e nadar na mal resfriada crosta do planeta.

Desde nosso regresso temos todos trabalhado constantemente no sentido de desestimular a exploração antártica e temos mantido entre nós próprios certas dúvidas e conjecturas num espírito de esplêndida união e fidelidade. Nem mesmo o jovem Danforth, com seu colapso nervoso, titubeou ou deu com a língua nos dentes para os médicos — como efeito, como já ficou dito, há uma coisa que ele julga que somente ele viu e a qual não conta nem mesmo a mim, muito embora eu creia que seu estado psicológico havia de melhorar se ele consentisse em repartir o segredo. Isso poderia

explicar e aliviar muita coisa, ainda que, talvez, o que ele viu não fosse mais que a conseqüência ilusória de um choque prévio. Essa é a impressão que me fica depois daqueles momentos irresponsáveis, raros, em que Danforth me sussurra frases desconexas — frases que ele repudia com veemência assim que volta a se controlar.

Será com dificuldade que evitaremos que outros se aventurem no grande continente branco, e alguns de nossos esforços poderão até prejudicar-nos a causa, ao atrair uma atenção inquisitiva. Poderíamos saber desde o começo que a curiosidade humana é infinda e que os resultados que anunciamos seriam suficientes para servir de empecilho a que outros se embrenhassem na mesma busca imemorial do desconhecido. Os relatos que Lake fez daquelas monstruosidades biológicas haviam despertado o máximo interesse de naturalistas e paleontologistas, muito embora tivéssemos a sensatez de não exibir as partes separadas que havíamos tirado dos espécimes sepultados ou as fotografias daqueles espécimes, tal como os encontramos. Também nos abstivemos de mostrar as peças mais enigmáticas dentre os ossos lesionados e as esteatitas esverdeadas. Por outro lado. Danforth e eu tivemos o cuidado de proteger ciosamente as fotografias que tiramos e os desenhos que esboçamos sobre o planalto do outro lado da cordilheira, bem como as coisas corroídas que limpamos, estudamos — tomados de terror — e trouxemos conosco nos bolsos.

Agora, porém, está sendo organizada a expedição Starkweather-Moore, com um cuidado em tudo superior ao de nosso grupo. Se não forem dissuadidos, hão de alcançar o âmago da Antártica e promover operações de degelo e de perfuração, até trazerem à superfície aquilo que sabemos ser capaz de dar fim ao mundo. Por isso, tenho de romper finalmente todas as reticências — falando até mesmo sobre aquela coisa suprema e inominável que se esconde além das montanhas da loucura.

IV

É com enorme hesitação e repugnância que permito a meu espírito retornar ao acampamento de Lake e ao que realmente encontramos ali — e àquela outra coisa além das montanhas da loucura. A cada instante sou tentado a deixar de lado os pormenores e permitir que insinuações tomem o lugar dos verdadeiros fatos e das inelutáveis deduções. Espero já ter dito o suficiente para deixar-me deslizar rapidamente sobre o restante — ou seja, sobre o horror reinante no acampamento. Já falei do terreno devastado pelo vento, dos abrigos destruídos, da maquinaria dispersa, da inquietação de nossos cães, do desaparecimento dos trenós e outros equipamentos, da morte dos homens e dos cães, da ausência de Gedney e dos seis espécimes biológicos desvairadamente sepultados, com a textura insolitamente intacta, apesar de todas suas lesões estruturais — falei de tudo isso ainda quando estava naquele mundo morto há quarenta milhões de anos. Não me recordo se narrei que ao procurarmos os cães, verificamos que faltava um. Não pensamos muito nisso senão mais tarde — na verdade, somente Danforth e eu dedicamos alguma atenção ao assunto.

Os fatos principais que tenho omitido relacionam-se aos corpos, e a certas minúcias sutis que podem ou não emprestar uma espécie de explicação hórrida e inacreditável ao aparente caos. Na ocasião, tentei manter as mentes dos homens afastadas dessas minúcias, pois era muito mais simples — mais normal — atribuir tudo a um acesso de demência por parte de alguns dos membros do grupo de Lake. Pelo aspecto do que víamos, aquele demoníaco vento das montanhas devia ter sido suficiente para levar qualquer homem à loucura naquele centro de todo mistério e desolação do mundo.

A anormalidade máxima, naturalmente, era o estado dos corpos — tanto dos homens como dos animais. Haviam estado, todos, envolvidos em algum tipo de terrível conflito e se encontravam despedaçados e mutilados de vários modos diabólicos e ao todo inexplicáveis. Até onde podíamos julgar, a morte ocorrera, em cada caso, por estrangulamento ou laceração. Os cães haviam evidentemente iniciado a confusão, pois o estado de seu cercado mal construído atestava que havia sido arrebentado à força, e por dentro. O cercado tinha sido construído a certa distância do acampamento por causa da aversão dos animais por aqueles infernais organismos arqueanos, mas a

precaução parecia ter sido vã. Quando deixados a sós naquele vento monstruoso, por trás de débeis paredes de altura insuficiente, deviam ter entrado em pânico — ou por causa do próprio vento, ou devido a um odor sutil e crescente emitido pelos espécimes tétricos.

Entretanto, não importa o que aconteceu, foi algo terrível e violento. Talvez eu deva pôr de lado todo escrúpulo e dizer finalmente o que aconteceu — ainda que com uma categoria declaração de opinião, baseada nas observações de primeira mão e nas mais cuidadosas deduções, minhas e de Danforth, de que o então desaparecido Gedney não foi de modo algum responsável pelos horrores abomináveis que encontramos. Já disse que os corpos estavam horrivelmente mutilados. Devo agora acrescentar que alguns apresentavam incisões e subtrações, feitas do modo mais curioso, cruel e inumano que se possa imaginar. Não diferia o estado dos cães e dos homens: todos os corpos mais saudáveis, de mais corpulência, quadrúpedes ou bípedes, tinham tido suas massas de tecido mais sólidas cortadas e removidas, como que por um hábil carniceiro; e em torno das mutilações havia um estranho derrame de sal — tirados dos despedaçados baús de víveres nos aviões — que provocavam as mais horrendas associações. A coisa havia ocorrido em um dos improvisados hangares do qual o avião tinha sido retirado, e mais tarde os ventos haviam apagado todas as marcas que poderiam ter proporcionado alguma teoria plausível. Os pedaços dispersos de roupas, arrancadas violentamente dos homens dilacerados, não ofereciam quaisquer pistas. É inútil aludir à nossa impressão de termos visto leves pegadas na neve, num canto protegido do cercado em ruínas, pois essa impressão não dizia respeito absolutamente a pegadas humanas, mas estava claramente influenciada por todas as referências às marcas nos fósseis que o pobre Lake havia feito durante as semanas precedentes. Era preciso ter cuidado com a imaginação perto daquelas colossais montanhas de pavor.

Como já relatei, verificamos por fim que Gedney e um cão haviam desaparecido. Quando chegamos àquele terrível abrigo, tínhamos dado pela falta de dois cães e de dois homens. Mas a barraca de dissecção, relativamente intacta, na qual entramos depois de investigarmos os monstruosos túmulos, tinha algo a revelar. Não estava como Lake a deixara, pois as partes cobertas da monstruosidade primal tinham sido removidas da mesa improvisada. Com efeito, já havíamos percebido que uma das seis coisas imperfeitas e estranhamente enterradas que encontráramos — aquela que apresentava o vestígio de um cheiro peculiarmente odioso — devia constituir os fragmentos reunidos da entidade que Lake havia tentado analisar. Sobre a mesa do laboratório e em torno dela estavam espalhadas outras coisas e não foi preciso muito tempo para adivinharmos que aquelas coisas eram as partes dissecadas, com cuidado mas sem habilidade, de um homem e de um cão. Quero poupar os sentimentos dos Sobreviventes omitindo qualquer menção à identidade desse homem. Os instrumentos anatômicos de Lake tinham sumido, mas havia sinais de que tinham sido cuidadosamente levados. O fogão a gasolina também havia desaparecido, ainda que em torno de seu lugar encontrássemos um curioso acúmulo de fósforos. Enterramos as partes humanas ao lado dos outros dez homens; e as partes caninas juntamente com os demais 35 cães. No que dizia respeito às estranhas manchas na mesa do laboratório, assim como ao monte de livros ilustrados manuseados com rudeza e que estavam dispersos ali por perto, estávamos espantados demais para lhes dar atenção.

Isso constituía o pior do horror encontrado no acampamento, mas havia outras coisas igualmente enigmáticas. Era impossível conjecturar de maneira sã a respeito do desaparecimento de Gedney, do cão, dos oito espécimes biológicos intactos, dos três trenós e de certos instrumentos, livros técnicos e científicos ilustrados, materiais de escrita, lanternas elétricas e pilhas, alimentos e combustíveis, fogão de aquecimento, barracas de reserva, agasalhos de pele e outras coisas; da mesma forma, não havia explicação imaginável para as manchas borradas de tinta em alguns pedaços de papel e para os sinais de experimentação por estranhos em torno dos aviões e de todos demais dispositivos mecânicos, tanto no acampamento como no local da perfuração. Os cães pareciam detestar aquela maquinaria singularmente dispersa. Havia, ainda mais, a mixórdia na despensa, o desaparecimento de certos víveres e a pilha desarmoniosamente cômica de latas, abertas da maneira mais inverossímil e nos lugares mais improváveis. A profusão de fósforos espalhados — intactos, quebrados ou consumidos — representava outro pequeno enigma, da mesma forma que as

duas ou três lonas de barracas e agasalhos de peles que encontramos jogados a esmo com cortes estranhos, causados, ao que podíamos imaginar, por desajeitados esforços para adaptações inimagináveis. Os maltrates dispensados aos corpos humanos e caninos, bem como a doida sepultura dada aos espécimes arqueanos danificados pareciam fazer parte da mesma loucura desintegradora. Pensando justamente na possibilidade de vir a ocorrer a situação atual, fotografamos cuidadosamente todos os principais indícios de desordem delirante do acampamento; e usaremos essas imagens para reforçar nossas súplicas para que seja sustada a partida da proposta Expedição Starkweather-Moore.

A primeira coisa que fizemos após a descoberta dos corpos no abrigo dos aviões foi fotografar e abrir a fileira dos túmulos loucos com os montículos de neve de cinco pontas. Não pudemos deixar de observar a semelhança entre aqueles montículos monstruosos, com seus aglomerados de pontos agrupados, e a descrição que o pobre Lake havia feito das estranhas esteatitas esverdeadas. E quando topamos com algumas das próprias esteatitas na grande pilha de minerais achamos a semelhança realmente bastante acentuada. Toda a formação geral, é preciso deixar claro, parecia lembrar de modo abominável a cabeça estreliforme das entidades arqueanas; e concordamos quanto ao fato de que a sugestão devia ter aluado fortemente nos espíritos sensibilizados do grupo exausto de Lake.

Isto porque loucura — centrando-nos em Gedney como o único agente sobrevivente possível — foi a explicação adorada espontaneamente por todos, até onde alguém manifestava opinião em voz alta; no entanto, não serei ingênuo a ponto de negar que cada um de nós nutriu conjecturas desvairadas que a sanidade de espírito proibia formular completamente. À tarde, Sherman, Pabodie e McTighe realizaram uma fatigante exploração aérea por todo o território circundante, vigiando o horizonte com binóculos, à procura de Gedney e de várias coisas desaparecidas; contudo, nada encontraram. O grupo informou que a portentosa barreira de montanhas estendia-se interminavelmente, tanto para a direita como para a esquerda, sem qualquer diminuição de altura ou estrutura essencial. Em alguns picos, todavia, as regulares formações de cubos e muralhas eram mais claras e nítidas, apresentando semelhanças duplamente fantásticas com as ruínas montanhosas asiáticas, pintadas por Roerich. A distribuição de crípticas bocas de cavernas nos cumes negros e despidos de neve parecia aproximadamente a mesma até onde tinham podido acompanhar a cordilheira.

A despeito de todos os horrores que se nos deparavam, sobravam-nos suficiente zelo científico e espírito de aventura para tecermos conjecturas a respeito da região desconhecida que se estendia além daquelas montanhas misteriosas. Tal como dissemos em nossas cautelosas mensagens, descansamos à meia-noite, após nosso dia de terror e dilema — mas não sem antes traçarmos um plano grosseiro para um ou mais vôos, numa altitude suficiente para transpor as montanhas, e num avião aliviado de todo peso e equipado com câmara fotográfica aérea e equipamento de geologia, a partir da manhã seguinte. Ficou decidido que eu e Danforth tentaríamos primeiro, e acordamos às sete da manhã pretendendo sair cedo. Contudo, ventos fortes — mencionados em nosso breve despacho para o mundo exterior — retardaram nossa partida até quase as nove horas.

Já repeti a história neutra que narramos aos homens no acampamento — e que transmitimos para o exterior — após nosso retorno, dezesseis horas depois. Agora, cabe-me o terrível dever de ampliar esse relato, preenchendo os vazios piedosos com insinuações do que realmente vimos naquele oculto mundo transmontano — insinuações das revelações que finalmente conduziram Danforth a um colapso nervoso. Gostaria de que ele pudesse acrescentar uma palavra realmente franca sobre aquilo que julga que somente ele viu — e que foi talvez a última gota que o colocou onde ele se encontra atualmente. Mas ele se nega peremptoriamente a isso. Tudo quanto posso fazer é repetir seus posteriores sussurros desconexos a respeito do que o levou a gritar enquanto o avião se arremessava de volta através do ventoso desfiladeiro, após aquele choque tangível e real que compartilhei. Isto constituirá minha última palavra. Se os sinais claros de horrores antigos e sobreviventes naquilo que eu revelar não bastarem para impedir que outros se intrometam no seio da Antártica — ou pelos menos de espionar muito abaixo da superfície daquele ermo inigualável de

segredos proibidos e de desolação imemorialmente amaldiçoada — a responsabilidade por males indizíveis e talvez incomensuráveis não será minha.

Estudando os apontamentos feitos por Pabodie em seu vôo vespertino e utilizando um sextante, Danforth e eu havíamos calculado que o passo mais baixo existente na cordilheira ficava um pouco à nossa direita, à vista do acampamento e a aproximadamente 7.000 ou 7.500 metros acima do nível do mar. Foi na direção desse ponto, pois, que partimos no avião aliviado de todo peso desnecessário, em nossa viagem de descobrimento. O acampamento propriamente dito, situado em contrafortes que irrompiam de um alto planalto continental, estava a cerca de 3.600m de altitude. Por conseguinte, a ascensão necessária não era tão grande quanto podia parecer. Não obstante, tínhamos perfeita consciência do ar rarefeito e do frio intenso à medida que subíamos; isto porque, por causa das condições de visibilidade, tínhamos de deixar as janelas da cabine abertas. Vestíamos, naturalmente, nossos agasalhos mais pesados.

Ao nos aproximarmos dos picos amedrontadores, sombrios e sinistros acima da linha de neve, riscada de fendas e de geleiras intersticiais, observávamos com clareza cada vez maior as formações curiosamente regulares que pendiam das encostas; e mais uma vez nos lembramos das estranhas pinturas asiáticas de Nicholas Roerich. Os antigos e erodidos estratos rochosos corroboravam plenamente as descrições de Lake e provavam que aqueles pináculos se alcandoravam exatamente da mesma maneira desde uma data surpreendentemente recuada na história do mundo — talvez mais de 50 milhões de anos. Quão mais altos teriam sido um dia, era inútil tentar conjecturar; mas tudo em torno daquela região estranha apontava para obscuras influências atmosféricas desfavoráveis à mudança e calculadas para retardar os habituais processos climáticos de desintegração de rochas.

Contudo, era o emaranhado de cubos regulares, parapeitos e entradas de cavernas que mais nos fascinava e perturbava. Estudei-os com binóculos e tirei fotografias, enquanto Danforth pilotava; e às vezes eu tomava-lhe o lugar nos controles — muito embora meu conhecimento de aviação fosse puramente amadorístico — a fim de que ele pudesse usar os binóculos. Podíamos constatar sem dificuldade que grande parte do material constitutivo daquelas formações era um quartzito arqueano mais para claro, diferente de qualquer formação visível em amplas áreas da superfície geral; e que a regularidade de tais formações era extremada e fantástica, num grau que o pobre Lake mal insinuara.

Como ele havia dito, suas arestas estavam carcomidas e arredondadas por eras e eras de violento desgaste climatérico; entretanto, sua solidez antinatural e seu material resistentíssimo haviam-nas salvo de obliteração. Muitas partes, principalmente as que se achavam mais próximas das encostas, pareciam ser de substância idêntica à da superfície rochosa adjacente. Tudo aquilo se assemelhava às ruínas de Macchu Picchu, nos Andes ou às muralhas antigas de Kish, tal como escavadas pela Expedição de Campo do Museu de Oxford em 1929; e tanto Danforth como eu tínhamos, vez por outra, aquela impressão de blocos ciclópicos separados que Lake havia atribuído ao seu companheiro de vôo, Carroll. Explicar tais coisas naquele local estava francamente acima de minhas forças, e senti-me inusitadamente humilde como geólogo. As formações ígneas têm, por vezes, estranhas regularidades — como a famosa Estrada dos Gigantes, na Irlanda — mas aquela cordilheira estupenda, a despeito da suspeita original de Lake, que julgara vislumbrar cones fumegantes, era acima de tudo não-vulcânica em sua estrutura ostensiva.

As curiosas bossas de cavernas, perto das quais as singulares formações pareciam mais abundantes, apresentavam outro enigma, posto que menor, devido à regularidade de contornos. Eram, como Lake dissera em seu boletim, muitas vezes aproximadamente quadradas ou semicirculares — como se as aberturas naturais tivessem ganho simetria por ação de mãos mágicas. Seu grande número de sua ampla distribuição eram notáveis e indicavam que toda a região tinha uma rede de túneis dissolvidos em estratos calcários. Nunca conseguíamos ver muito a fundo no interior das cavernas, mas foi-nos possível constatar que aparentemente eram livres de estalactites e estalagmites. Do lado de fora, as partes das encostas adjacentes às aberturas pareciam invariavelmente lisas e regulares; Danforth quis crer que as pequenas fendas e raias causadas pela erosão do tempo tendiam para desenhos inusitados. Tomado que estava pelos horrores e

singularidades encontrados no acampamento, ele insinuou que tais desenhos assemelhavam-se vagamente aos estranhos agrupamentos de pontos espargidos pelas esteatitas esverdeadas primais, duplicados de maneira tão tétrica nos loucos montículos sobre as seis monstruosidades enterradas.

Gradualmente havíamos passado a sobrevoar os contrafortes mais altos e nos dirigíamos na direção do passo relativamente baixo que havíamos escolhido. À medida que avançávamos, olhávamos de vez em quando para a neve e o gelo da rota terrestre, imaginando se nos teria sido possível tentar a exploração com o equipamento mais simples do passado. Para certa surpresa nossa, constatamos que o terreno era longe de difícil, como de hábito; e que apesar das fendas e outros pontos mais trabalhosos, não seria provável que impedissem o avanço dos trenós de um Scott, um Shackleton ou um Amundsen. Algumas das geleiras pareciam conduzir a desfiladeiros desnudados pelo vento, com uma singular continuidade, e ao chegarmos ao passo que havíamos escolhido, verificamos que ele não constituía exceção.

Nossa sensação de tensa expectativa ao nos prepararmos para contornar a crista e contemplar um mundo virgem não pode de modo algum ser descrito com palavras, muito embora nada nos autorizasse a crer que as regiões além da cordilheira fossem em essência diferentes das que já tínhamos visto e atravessado. O toque de maligno mistério que existia naquelas montanhas colossais e no verdadeiro mar que era o céu opalescente, vislumbrado entre seus cumes, era uma questão altamente sutil e rarefeita, que não podia ser explicada com meras frases. Ao invés disso, era algo de um vago simbolismo psicológico e de associação estética — uma coisa que ia de mistura com poesia e pintura exótica, com mitos arcaicos ocultos em tomos misteriosos e defensos. Até mesmo a força do vento encerrava um veio de consciente malignidade; e por um segundo pareceu que o som heterogêneo incluía um esdrúxulo assovio ou silvo musical, que cobria várias oitavas, enquanto o vendaval ribombava pelas onipresentes e ressoantes bocas de cavernas. Havia um tom nebuloso de repugnância reminiscente nesse som, tão complexo e indefinível quanto todas as demais impressões de malefício.

Estávamos agora, após uma lenta ascensão, a uma altitude de 7.070 metros, segundo o aneróide; e com isso havíamos deixado a região das neves definitivamente distante. Ali no alto havia apenas encostas escuras, de rochedos nus, e ali começavam a surgir as geleiras sulcadas — às quais a presença daqueles estranhíssimos cubos, parapeitos e silvantes bocas de caverna acrescentava um augúrio de antinatural, de fantástico e de onírico. Contemplando a linha dos altos picos, julguei divisar aquele que tinha sido mencionado pelo pobre Lake, encimado de maneira exala por uma muralha. Parecia estar meio perdido numa insólita névoa antártica. Quiçá fora essa névoa a responsável pela idéia de vulcanismo, que no início ocorrera a Lake. O passo surdia diretamente sob nós, liso e ventoso entre seus portais acidentados e malignamente sobranceiros. Além dele estendia-se um céu agitado por vapores em torvelinho e iluminado pelo baixo sol polar — o céu daquele misterioso domínio distante, jamais tocado, sentíamos, por olhos humanos.

Mais alguns metros de altitude e contemplaríamos esse domínio. Impossibilitados de falar senão em gritos, por força do vento uivante e sibilante que invadia o desfiladeiro e se somava ao ronco dos motores, Danforth e eu trocávamos olhares eloqüentes. E foi então que, havendo galgado esses poucos metros, realmente lançamos o olhar sobre a barreira colossal e contemplamos os segredos ignorados de um mundo antigo e inteiramente alienígena.

V

Acredito que tenhamos, ambos, gritado simultaneamente, com uma mistura de pasmo, assombro, terror e incredulidade, ao finalmente transpormos o passo e ver o que jazia além; não críamos em nossos próprios sentidos. Era forçoso, naturalmente, que abrigássemos alguma teoria natural nos recessos de nossas mentes, uma teoria que viesse a proteger nossas faculdades no momento. É provável que tenhamos pensado em coisas como as pedras grotescamente erodidas do Jardim dos Deuses, no Colorado, ou nas rochas do deserto do Arizona, simétricas e fantasticamente

esculpidas pela erosão eólia. Talvez tenhamos até relembrado uma miragem como a que tínhamos visto de manhã anterior, quando pela primeira vez nos aproximamos daquelas montanhas de loucura. Era preciso termos algumas lembranças normais como essas a que recorrer enquanto nossos olhos corriam por aquele planalto ilimitado e marcado de tempestades e lobrigavam o labirinto quase interminável de massas pétreas — colossais, regulares e de geométrica eurritmia — que arrojavam suas cristas carcomidas e desgastadas por sobre um lençol glacial que não teria mais de doze ou quinze metros em seus pontos de maior espessura e que ocasionalmente era obviamente mais delgado.

O efeito da visão monstruosa era indescritível, pois parecia fora de dúvida que em sua origem atuara alguma diabólica violação da lei natural. Ali, num altiplano infernalmente antigo, a nada menos de 6.000 metros de altitude, e num meio climático vedado à vida desde uma era pré-humana a não menos de quinhentos mil anos, estenda-se quase até o limite da visão um entrelaçamento ordeiro de pedras que só o desespero da legítima defesa mental poderia deixar de imputar a uma causa consciente e artificial. Havíamos descartado anteriormente, para todos os efeitos de cogitação séria, qualquer teoria de que os cubos e muralhas das encostas não tivessem origem natural. Como seria de outra forma, se o próprio homem mal poderia ser diferenciado dos grandes macacos à época em que aquela região sucumbira ao presente reino ininterrupto de morte glacial?

No entanto, agora a razão parecia irrefutavelmente abalada, pois aquele emaranhado ciclópico de blocos aplainados, recurvados e dispostos em ângulos possuía características que invalidavam todo e qualquer refúgio seguro. Era, com inescapável clareza, a cidade blasfema da miragem, numa realidade crua, objetiva e inelutável. Aquele prodígio maldito tivera, afinal, um fundamento material — uma camada horizontal de poeira de gelo pairara, suspensa, na atmosfera superior e aquela chocante sobrevivência de pedra havia projetado sua imagem para o outro lado das montanhas, obedecendo às leis simples da reflexão. O fantasma, naturalmente, chegara a nós distorcido e exagerado, exibindo, ademais, coisas que a fonte real não continha. Agora, porém, vendo-lhe a fonte real, nós a julgávamos ainda mais tétrica e ameaçadora que sua imagem distante.

Somente a magnitude incrível e inumana daquelas vastas torres; e muralhas de pedra havia salvo tal coisa absurda de completa aniquilação durante as centenas de milhares, talvez milhões, de anos em que ela havia estado ali, exposta aos vendavais de um planalto nu. “Corona Mundi ... Teto do Mundo...” Toda espécie de frases fantásticas nos assomavam aos lábios enquanto lançávamos a vista, estupefatos, para o espetáculo implausível. Pensei outra vez nos horrendos mitos primais que com tamanha persistência haviam rondado minha mente desde o primeiro instante em que eu vira aquele extinto mundo antártico. . . e também no demoníaco planalto de Leng, no Mi-Go — o Abominável Homem das Neves do Himalaia —, nos Manuscritos Pnakóticos de pré-humanas implicações, co culto de Cthulhu, no *Necronomicon,* nas lendas hiperbóreas do informe Tsathoggua e nos seres cósmicos, pior que informes, associados e essa semi-entidade.

Por quilômetros e quilômetros sem fim, em todas as direções, a coisa se estendia com pouquíssimo esmorecimento. De fato, seguindo-a com os olhos pela base dos baixos e graduais contrafortes que a separavam da borda da cordilheira propriamente dita, chegamos à conclusão de que não éramos capazes de perceber nenhum esmorecimento, exceção feita à interrupção à esquerda do passo pelo qual tínhamos chegado. Tínhamos tão somente alcançado, ao acaso, uma parte limitada de algo que possuía extensão incalculável. Os contrafortes eram pontilhados mais esparsamente com grotescas estruturas de pedra, que ligavam a cidade de terror aos cubos e muralhas já familiares e que, evidentemente, constituíam seus postos avançados nas montanhas. Estes últimos, assim como as estranhas bocas de cavernas, eram tão numerosos do lado posterior da cordilheira quanto do anterior.

O absurdo labirinto de pedra consistia, em sua maior parte, em muralhas que variavam de três a 45 metros de altura, e com espessura entre dois a cinco metros. Compunha-se sobretudo de blocos descomunais de ardósia, xisto e arenito primordiais — blocos que em muitos casos chegavam a ter l,5 x 2 x 4 metros —, ainda que em vários lugares parecesse talhado numa camada sólida e desigual de ardósia pré-cambriana. Os edifícios não tinham de modo algum as mesmas

dimensões, existindo inumeráveis arranjos que pareciam favos de mel de enorme extensão, assim como estruturas separadas menores. A forma geral dessas coisas tendia ao cônico, ao piramidal, ao escalonado; contudo, não eram raros cilindros perfeitos, cubos exatos, aglomerados de cubos e outras formas retangulares, bem como um punhado de edifícios angulosos cuja planta em cinco pontas lembrava vagamente fortificações modernas. Os construtores haviam usado, com constância e correção, o princípio do arco, e provavelmente teriam existido cúpulas quando do apogeu da cidade.

Todo aquele emaranhado acha-se monstruosamente erodido e a superfície glacial da qual .as torres se projetavam estava recoberta de blocos caídos e de escombros imemoriais. Onde a glaciação era transparente podíamos ver as partes inferiores das pilhas gigantescas, e notávamos as pontes de pedra, preservadas pelo gelo, que ligaram as diversas torres a várias distâncias sobre o chão. Nas paredes expostas podíamos detectar marcas de outras pontes, mais altas, do mesmo tipo, agora desabadas. Uma inspeção mais próxima revelou janelas incontáveis, bem amplas. Algumas estavam fechadas com folhas de um material petrificado que originariamente fora madeira, embora na maioria estivessem escancaradas de maneira sinistra e ameaçadora. Muitas das ruínas, naturalmente, haviam perdido os tetos e tinham as partes superiores irregulares, posto que arredondadas pelo vento. Outras, porém, de feitio mais acentuadamente cônico ou piramidal, ou protegidas por estruturas adjacentes mais altas, exibiam contornos intactos, a despeito do desgaste e da erosão onipresente. Usando o binóculo, quase podíamos distinguir o que parecia ser decorações escultóricas em faixas horizontais — e que incluíam aqueles curiosos agrupamentos de pontos cuja presença nas esteatitas antigas agora assumiam um significado muitíssimo mais vasto.

Em muitos sítios os edifícios eram uma ruína completa e o lençol de gelo achava-se profundamente rasgado, por várias causas geológicas. Em outros lugares a cantaria encontrava-se desgastada até o nível da glaciação. Via-se um corte largo, que se estendia ao interior do planalto até uma fissura nos contrafortes, a aproximadamente dois quilômetros do passo que havíamos transposto, inteiramente destituído de construções. Representava provavelmente, concluímos, o leito de algum caudaloso rio que durante o Terciário — milhões de anos antes — corria pela cidade e se arremessava em algum prodigioso abismo subterrâneo da grande cordilheira. Tratava-se, decerto, de uma região de cavernas, gólfãos e segredos subterrâneos vedados ao conhecimento humano.

Fazendo um retrospecto de nossas sensações e recordando nossa estupefação ao contemplarmos aqueles resquícios monstruosos de eras imemoriais que julgávamos pré-humanas, só me cabe admirar que tenhamos preservado qualquer coisa, semelhante a equilíbrio. Sabíamos, naturalmente, que alguma coisa — a cronologia, a teoria científica ou nossa própria consciência — achava-se dolorosamente errada. No entanto, conservávamos estabilidade suficiente para controlar o avião, observar várias coisas minudentemente e tirar uma cuidadosa série de fotografias que talvez ainda venham a servir bem tanto a nós quanto ao mundo. Em meu caso, entranhados hábitos científicos podem ter ajudado; pois acima de tudo, o espanto e a sensação de ameaça que ali senti deram azo a uma intensa curiosidade no sentido de descobrir mais a respeito daquele segredo do passado — saber que espécie de seres havia construído e habitado aquele lugar inestimavelmente gigantesco, determinar qual relação poderia ter tido tal singular concentração de vida com o mundo geral de seu tempo ou de outros tempos.

Isso porque aquele lugar não podia ser uma cidade comum. Devia ter constituído o núcleo e o centro primordiais de algum capítulo arcaico e inacreditável da história do mundo, cujas ramificações externas, só baçamente relembrado nos mais obscuros e distorcidos mitos, haviam-se desvanecido inteiramente em meio ao caos de convulsões terráqueas, muito antes que qualquer raça humana que conhecemos houvesse ascendido um grau acima dos símios. O que se esparramava ali era uma megalópole paleoarcaica em comparação à qual sítios legendários como a Atlântida e a Lemúria, Commoriom e Uzuldaroum, ou Olathoë, na Terra de Lomar, são coisas recentes, de hoje — nem mesmo de ontem; uma megalópole parelha com blasfêmias pré-humanas, das quais só se fala em sussurros, como Valusia, R'lyeh, Ib da Terra de Mnar e a Cidade Inominada da Arábia Deserta. Enquanto voávamos sobre aquele labirinto de torres titânicas, minha imaginação por vezes

tomava os freios nos dentes e per vagava sem rumo por reinos de fantásticas associações — chegando mesmo a tecer vínculos entre aqueles mundos perdidos e alguns de meus próprios sonhos mais delirantes concernentes ao horror encontrado no acampamento.

No interesse de decolarmos com menos peso, o tanque de combustível do avião tinha sido enchido só parcialmente; daí termos de levar a cabo nossa exploração com cautela. Ainda assim, no entanto, cobrimos uma extensão de terreno — ou antes, de ar — verdadeiramente desprezível. Parecia não haver limites para a cordilheira ou para a extensão da hedionda cidade pétrea que perlongava seus contrafortes. Oitenta quilômetros em ambas as direções não revelaram qualquer modificação de monta no labirinto de rochas e cantaria que se agarrava como um cadáver nos gelos eternos. Havia, não obstante, certas diversificações altamente interessantes; assim eram, por exemplo, os entalhes no canhão pelo qual aquele rio caudaloso havia outrora despenhado pelos contrafortes e se escoado por seu sumidouro na grande cordilheira. Os promontórios nas entradas da corrente tinham sido esculpidos em escarpas, formando colunas ciclopicas; e havia alguma coisa nos desenhos rugosos e e em forma de barril que incitava em Danforth e em mim vagas, odiosas e confusas associações.

Demos também com diversos espaços abertos, em forma de estrela, evidentemente praças públicas, e notamos várias ondulações no terreno. Onde se elevava um monte íngreme, este geralmente se apresentava oco, formando alguma espécie de edificação escarrapachada; havia, porém, pelo menos duas exceções. Dentre elas, uma estava demasiado carcomida para se saber o que existira na crista saliente, ao passo que a outra ainda exibia um fantástico monumento cônico, esculpido na rocha viva e que semelhava grosseiramente coisas como o conhecido Túmulo da Cobra, no antigo vale de Petra.

Saindo das montanhas em direção ao interior do continente, pudemos constatar que a cidade não era de largura infinita, muito embora sua extensão, ao longo dos contrafortes, parecesse infindável. Depois de aproximadamente 50 quilômetros os grotescos edifícios de pedra começavam a rarear, e com mais 15 quilômetros chegamos a um ermo ininterrupto, praticamente sem sinais de artifícios conscientes. Além da cidade, o curso do rio parecia marcado por uma linha larga e deprimida, ao passo que o terreno adquiria um caráter acidentado um tanto mais acentuado, dando mostras de tornar-se um pouco mais elevado à medida que se estendia rumo ao oeste brumoso

Até então não havíamos feito nenhum pouso; no entanto, abandonar o planalto sem sequer uma tentativa de examinar de perto algumas daquelas estruturas monstruosas teria sido inconcebível. Por conseguinte, decidimos encontrar uma área plana nos contrafortes, próxima a nossa garganta navegável, para ali aterrissarmos e nos prepararmos para uma breve exploração a pé. Embora essas suaves encostas estivessem em parte cobertas por escombros, voando a baixa altitude logo descobrimos vários pontos onde seria possível pousar. Escolhendo o mais próximo ao desfiladeiro, uma vez que depois teríamos de alçar vôo para transpor a cordilheira e voltar ao acampamento, por volta das 12h30min logramos aterrissar numa área plana e de neve endurecida, totalmente destruída de obstáculos e bem adaptada a uma posterior decolagem.

Não nos pareceu necessário proteger o avião com uma barragem de neve, por tempo tão curto e visto que não havia ventos fortes. Assim, verificamos apenas se os patins de pouso estavam escorados com segurança e se as partes vitais do motor achavam-se protegidas contra o frio. Para nossa jornada a pé, deixamos no avião os agasalhos de pele mais pesados e levamos conosco pouca coisa: uma bússola de bolso, a câmara manual, provisões, leves, uma boa quantidade de blocos de anotações e de papel, martelo e cinzel de geólogo, bolsas de coleta de amostras, um rolo de corda de alpinismo e possantes lanternas elétricas, com pilhas extras. Tal equipamento fora trazido no avião na expectativa de que pudéssemos efetuar um pouso, tirar fotografias no chão, fazer desenhos e esboços topográficos, assim como coletar amostras de rochas em alguma encosta nua, afloramento ou caverna na montanha. Por sorte, tínhamos um suprimento extra de papel que podíamos rasgar, colocar numa bolsa sobressalente e utilizar para assinalar nosso percurso em qualquer labirinto em que pudéssemos entrar. Esse suprimento de papel tinha sido trazido para o caso de localizarmos algum sistema de cavernas em que o ar estivesse suficientemente calmo para permitir esse método rápido e fácil de marcar caminho, ao invés do método usual de gravar marcas em rochas.

Descendo cuidadosamente a encosta pela neve encrostada em direção ao estupendo labirinto de pedra que se agigantava contra o opalescente céu ocidental, éramos empolgados por uma sensação de prodígios iminentes quase tão intensa quanto a que havíamos sentido ao nos aproximarmos do inexplorado passo nas montanhas, quatro horas antes. Na verdade, por força de ver aquelas edificações, já estávamos familiarizados com o incrível segredo oculto pelos picos; no entanto, a perspectiva de verdadeiramente penetrar naquela cidade, edificada por seres conscientes havia talvez milhões de anos — antes que qualquer raça conhecida de homens pudesse ter existido —, era aterradora por suas implicações de anormalidade cósmica. Embora a rarefação do ar naquela altitude assombrosa tornasse a movimentação mais difícil que de costume, tanto Danforth quanto eu senti amo-nos muito bem, à altura de quase qualquer tarefa que se nos deparasse. Foi preciso apenas alguns passos para nos levar a uma ruína informe, arrasada ao nível da neve, ao passo que cerca de cinqüenta ou setenta metros adiante havia uma muralha imensa, sem teto, ainda intacta em seu delineamento gigantesco de cinco pontas e que se erguia a uma altura irregular de pouco mais de três metros em média. Caminhamos em sua direção; e quando por fim pudemos tocar-lhe os desgastados blocos ciclópicos, sentimos havermos estabelecido uma ligação sem precedentes e quase blasfema com eras esquecidas, normalmente vedados à nossa espécie.

Esse baluarte, em forma de estrela e com aproximadamente 90 metros de ponta a ponta, fora construído com blocos de arenito jurássico de dimensões irregulares — média l,80m por 2,50m. Havia uma fileira de seteiras ou janelas com cerca de l,20m de largura e 1,5Om de altura, espacejadas com grande simetria ao longo das pontas da estrela e em seus ângulos interiores, e com a parte inferior a cerca de l,20m da superfície de gelo. Olhando por essas aberturas, pudemos ver que a parede não teria menos de 1,5Om de espessura, que no interior não subsistiam quaisquer divisões e que restavam vestígios de entalhes ou baixos-relevos em frisas nas paredes interiores — fatos que, na realidade, já tínhamos quase percebido anteriormente, ao passarmos em baixa altitude por aquela bastida e outras semelhantes. Ainda que originariamente devessem existir partes mais baixa, todos os traços delas estavam agora inteiramente escondidas pela profunda camada de gelo e de neve naquele local.

Entramos de gatinhas por uma das janelas e em vão tentamos decifrar os desenhos murais quase apagados, porém não tentamos perturbar o piso de gelo. Nossos vôos de reconhecimento haviam mostrado que muitos edifícios na cidade propriamente dita estavam .menos entulhados de gelo e talvez pudéssemos encontrar interiores inteiramente limpos, pelos quais poderíamos chegar aos verdadeiros pavimentos térreos, se entrássemos cm edificações que ainda conservassem teto. Antes de deixarmos o baluarte fotografamo-lo cuidadosamente e estudamos sua obra de cantaria, não revestida, com total desnorteamento. Manifestamos desejo de que Pabodie estivesse conosco, pois seus conhecimentos de engenharia poderiam ter-nos ajudado a imaginar como aqueles blocos titânicos tinham sido manejados na época inacreditavelmente remota em que a cidade e suas cercanias haviam sido edificadas.

A caminhada de quase um quilômetro encosta abaixo, até a cidade propriamente dita, com o vento uivando selvaticamente nos picos às nossas costas, foi algo cujos pormenores, mesmo os mais ínfimos, hão de ficar para todo sempre gravados em minha memória. Somente em pesadelos fantásticos poderiam quaisquer seres humanos, salvo Danforth e eu, conceber tais efeitos ópticos. Entre nós e os vapores em revolução a oeste jazia aquele entrelaçamento monstruoso de escuras torres de pedra, cujas formas *outrées e* incríveis voltavam a nos aturdir a cada novo ângulo de visão. Era uma miragem em pedra sólida, e não fossem as fotografias ainda hoje eu duvidaria que tal coisa pudesse existir. O tipo geral de cantaria era idêntico ao do baluarte que tínhamos examinado pouco antes, mas as configurações urbanas superavam qualquer descrição.

Mesmo as fotografias ilustram apenas uma ou duas fases de sua variedade infinda, sua solidez sobrenatural, seu exotismo radialmente alienígena. Havia formas geométricas para as quais um Euclides dificilmente encontraria nome — cones de todos graus de irregularidade e truncamento, plataformas de toda espécie de desproporção, hastes com estranhos alargamentos bulbosos, colunas quebradas em grupos curiosos, arranjos em cinco pontas ou cinco rugas de louca grotesqueria. Ao nos aproximarmos conseguimos enxergar através de certas partes transparentes do

lençol de gelo e detectar algumas das pontes tubulares de pedra que interligavam as estruturas dementes a várias alturas. Quanto a arruamentos, parecia-nos não existirem, e o único espaço aberto situava-se a aproximadamente l,5 quilômetro à esquerda, onde o antigo rio sem dúvida havia atravessado a cidade, em direção às montanhas.

Com auxílio dos binóculos, constatamos que as faixas externas e horizontais de esculturas quase obliteradas e os agrupamentos de pontos eram comuníssimos e quase podíamos visualizar que aspecto teria tido outrora a cidade — muito embora a maioria dos telhados e as coroas das torres tivessem necessariamente desabado. De geral, a cidade fora um emaranhado complexo de aléias e caminhos tortuosos, sempre como canhões profundos, sendo alguns pouco mais que túneis, à conta das obras de cantaria em balanço e das pontes em arco. Agora, esparramada sob nós, ela avultava como uma fantasia de sonho que tinha como fundo a névoa a oeste, através de cuja extremidade setentrional o baixo e avermelhado sol antártico do começo da tarde se esforçava por penetrar. E quando, por um instante, esse sol encontrava uma obstrução mais densa e fazia mergulhar o cenário numa sombra efêmera, o efeito era de uma ameaça sutil que jamais poderei ter esperança de pintar com palavras. Até mesmo os uivos e sibilos suaves do vento nas gargantas profundas da cordilheira às nossas costas ganhavam um tom mais desvairado de deliberada malignidade. A última etapa de nossa descida até a cidade foi invulgarmente íngreme e abrupta; um afloramento rochoso no ponto em que o declive se alterava levou-nos a pensar que no passado existira ali uma esplanada artificial. Sob o gelo, acreditávamos, deveria haver um lance de degraus ou coisa equivalente.

Quando finalmente mergulhamos na cidade propriamente dita, tropeçando em escombros e nos sobressaltando por causa da proximidade opressiva e da altura acachapante dos onipresentes destroços e das paredes esburacadas, nossas sensações mais uma vez chegaram a tal intensidade que assombra-me o grau de autocontrole que conservamos. Danforth estava francamente com os nervos à flor da pele e pôs-se a tecer algumas especulações ofensivamente irrelevantes a respeito do horror que havíamos encontrado no acampamento — especulações contra as quais eu mais me ressentia por não poder deixar de compartilhar, certas conclusões a que éramos forçados por muitos aspectos daquela sobrevivência mórbida da antiguidade de pesadelo. Tais especulações atuaram também sobre a imaginação de Danforth. Digo isto porque em certo ponto — onde uma aléia cheia de escombros infletia numa esquina — ele insistiu em que via no chão leves vestígios de marcas de que não gostava; por outro lado, em outros locais ele se detinha para escutar um som sutil e imaginário, proveniente de algum ponto indefinido — um abafado sibilo musical, dizia ele, em nada diferente daquele que o vento arrancava às cavernas, mas de alguma forma perturbadoramente distinto. O incessante motivo de cinco pontas da arquitetura circundante e dos poucos arabescos murais discerníveis tinham um efeito vagamente sinistro a que não nos podíamos furtar e nos propiciava algo como que uma terrível certeza subconsciente com relação às entidades primais que haviam erguido aquele lugar sacrílego e nele habitado.

Não obstante, nossas almas científicas e aventureiras não estavam inteiramente mortas e mecanicamente levávamos avante nosso programa de obter amostras de todos os diferentes tipos de rochas representados na cantaria. Desejávamos colher um conjunto bastante completo deles, a fim de melhor inferir a idade do lugar. Nada nas grandes paredes externas parecia datar de depois dos períodos Jurássico e Comancheano, nem qualquer pedaço de pedra de todo aquele local era mais recente que a era Pliocênica. Tínhamos cabal certeza de estarmos a caminhar em meio a uma morte que já reinava havia pelo menos quinhentos mil anos e, com toda probabilidade, ainda mais tempo.

À medida que avançávamos por aquele dédalo de crepúsculo penumbroso, parávamos diante de todas as aberturas para estudar interiores e investigar possibilidades de acesso. Algumas estavam além de nosso alcance, ao passo que outras levavam apenas a ruínas obstruídas pelo gelo, tão vazias quanto o baluarte da montanha. Uma delas, ainda que espaçosa e promissora, dava para um abismo aparentemente sem fundo, sem qualquer meio visível de descida. Vez por outra tínhamos oportunidade de estudar a madeira petrificada de um postigo ainda meio intacto, e impressionavam-nos a fabulosa antiguidade implícita nas fibras ainda perceptíveis. Aquelas janelas tinham vindo de gimnospermas e coníferas mesozóicas — principalmente cicadáceas cretáceas — e de palmáceas e angiospermas antigos de clara origem Terciária. Nada categoricamente posterior ao Plioceno podia

ser visto. Aqueles postigos — cujas arestas revelavam a presença antiga de dobradiças estranhas e desde muito desaparecidas — haviam sido instalados das maneiras mais variadas; alguns ficavam do lado externo, outros do lado interno dos largos vãos. Pareciam ter ficado presos em seus lugares, sobrevivendo assim à oxidação de suas dobras antigas, provavelmente metálicas.

Após algum tempo chegamos diante de uma fileira de janelas — nas saliências de um colossal cone de cinco cantos, com ápice intacto — que conduziam a um salão vasto e bem conservado, com piso de pedra; no entanto, eram altas demais para que descêssemos sem ajuda de corda. Tínhamos efetivamente um rolo de corda conosco, mas não queríamos ter o trabalho de realizar aquela descida de seis metros a menos que fôssemos obrigados a tal — principalmente naquela atmosfera rarefeita onde o músculo cardíaco era forçado a grande trabalho. Aquela sala enorme seria decerto um salão de reunião, e nossas lanternas revelavam esculturas majestosas dispostas em torno das paredes, em largas faixas horizontais, separadas por frisas igualmente largas de arabescos convencionais. Tomamos nota cuidadosamente daquele lugar, tencionando entrar ali, a menos que encontrássemos um interior de acesso mais fácil.

Por fim, entretanto, encontramos exatamente a abertura que desejávamos, uma arcada com cerca de l,80m de largura e três metros de altura, que marcava a antiga extremidade de uma ponte suspensa que havia passado por cima de uma aléia, a cerca de l,50m sobre o atual nível do gelo. Essas arcadas, naturalmente, ficavam em linhas com pavimentos superiores, e neste caso ainda subsistia um dos pavimentos. O edifício a que assim se tinha acesso era uma série de plataformas retangulares à nossa esquerda, dando para oeste. O que ficava do outro lado da aléia, e na qual se abria a outra arcada, era um cilindro decrépito, sem janelas e com uma curiosa protuberância a cerca de três metros acima da abertura. O interior estava escuro e a arcada parecia abrir-se para um báratro de vazio ilimitado.

Uma pilha de escombros fazia com que o acesso ao vasto edifício da esquadra fosse ainda mais facilitado; ainda assim, por um momento hesitamos antes de tirarmos proveito da oportunidade por que tanto havíamos ansiado. Muito embora nos nos houvéssemos aventurado a entrar naquele labirinto de arcaico mistério, era preciso renovada força de vontade para nos dispormos a realmente penetrar no interior de um edifício completo e supérstite de um fabuloso mundo antigo cuja natureza a cada instante tornava-se-nos mais horrendamente clara. Por fim, entretanto, decidimo-nos e subimos pelo monte de escombros e chegamos ao vão hiante. O chão adiante era feito de grandes lajes de ardósia e parecia formar o desaguadouro de um longo e alto corredor de paredes esculpidas.

Observando as muitas arcadas que partiam daquele salão e percebendo a provável complexidade do ninho de aposentos que haveria ali, resolvemos dar início a nosso sistema de marcação de caminho. Até ali nossa bússola, juntamente com olhares freqüentes para a vasta cordilheira, entrevista em meio às torres, tinha sido suficiente para impedir que nos perdêssemos; de agora em diante, contudo, era preciso um adjutório artificial. Por conseguinte, rasgamos nossos papéis extras em tiras de tamanho adequado, que colocamos numa bolsa a ser transportada por Danforth, e nos preparamos para usá-las com tanta economia quanto permitisse a segurança. Tal método provavelmente evitaria que nos perdêssemos, porquanto não parecia haver fortes correntes de ar no interior da edificação. No caso de soprarem ventos, ou se nosso suprimento de papel chegasse ao fim, podíamos, naturalmente, recorrer ao método mais seguro, ainda que mais trabalhoso e lento, de tirar lascas na cantaria.

Era impossível conjecturar, sem tentativa real, qual a extensão do território que havíamos aberto. As freqüentes conexões entre os diferentes edifícios tornava provável que passássemos de um para outro, por pontes sob o gelo, exceto se isso fosse impedido por desabamentos locais e desastres geológicos, uma vez que parecia haver no interior das construções pouquíssima formação glacial. Quase todas as áreas de gelo transparente haviam mostrado que as janelas soterradas estavam fortemente fechadas, como se a cidade tivesse permanecido naquele estado uniforme até ter-se criado o lençol glacial que viria cristalizar a parte inferior da urbe para todo sempre. Com efeito, tinha-se a curiosa impressão de que o lugar fora voluntariamente fechado e evacuado em alguma era vaga e antiga, ao invés de sacudido por qualquer calamidade súbita ou mesmo por uma

gradual decadência. Porventura o advento do gelo fora previsto e uma população desconhecida abandonara em massa o lugar para buscar um abrigo menos condenado. As precisas condições fisiográficas que cercaram a formação do lençol glacial naquele ponto teriam de esperar solução posterior. Não havia ocorrido, com toda certeza, uma hecatombe repentina. Talvez a pressão de neves acumuladas tivesse sido seu causador, ou, quem sabe, uma cheia do rio ou o estouro de alguma antiga represa glacial na cordilheira houvessem contribuído para criar a situação especial que agora se observava. A imaginação era capaz de conceber quase tudo com àquele lugar.

VI

Seria enfadonho um relato minucioso e consecutivo de nossas deambulações no interior daquele favo cavernoso e arcaico de cantaria primal — aquela cova monstruosa de segredos antigos onde agora, pela primeira vez depois de milênios sem conta, ecoavam passos humanos. E sobretudo porque grande parte da angústia e da revelação hediondas provieram de um mero estudo das onipresentes entalhaduras murais. As fotografias que tiramos dessas obras de talhas, à luz de lanternas, em muito corroborarão a verdade do que estamos agora desvelando, e é lamentável que não tivéssemos conosco maior quantidade de filme. Depois que todos nossos filmes foram consumidos, passamos a fazer grosseiros esboços de certos elementos mais destacados.

O edifício em que entramos era de grande dimensão e apuro, proporcionando-nos uma idéia sugestiva da arquitetura daquele nefando passado geológico. As divisões internas eram menos imponentes que as paredes externas, mas nos pavimentos inferiores estavam preservadas com perfeição. Uma complexidade labiríntica, envolvendo diferenças de nível entre os pisos de curiosa irregularidade, caracterizava a planta; e decerto nos teríamos perdido de imediato não fosse a trilha de papéis rasgados que íamos deixando. Decidimos explorar antes de mais nada as decrépitas partes superiores, pelo que subimos por aquele dédalo, percorrendo uma distância de aproximadamente 30 metros, até o ponto em que a camada mais alta de câmaras se abria, nevosa e ruinosamente, para o céu polar. A ascensão se fez pelas rampas ou planos inclinados de pedra, íngremes e raiadas transversalmente, que por toda parte faziam as vezes de escadas. Os cômodos que encontramos eram de todas as formas e proporções imagináveis, variando de estrelas de cinco pontas a triângulos e cubos perfeitos. Poderíamos asseverar com certa segurança que as dimensões médias de tais cômodos eram em geral de nove metros de lado, com cerca de seis metros de altura, embora existissem muitos aposentos maiores. Após examinarmos com todo rigor as áreas superiores e o nível glacial, descemos, andar por andar, para a parte soterrada. Ali vimos, com efeito, que estávamos num contínuo labirinto de câmaras interligadas e de passagens, as quais provavelmente levavam a áreas ilimitadas fora daquele edifício específico. A imponência e o gigantismo ciclópico de tudo quanto nos rodeava tornaram-se curiosamente opressivos; e havia algo como que uma inumanidade vaga mas profunda em todos os contornos, dimensões, decorações e nuances daquela arquitetura blasfemamente arcaica. Logo percebemos, pelo que os entalhes revelavam, que aquela cidade monstruosa tinha milhões de anos.

Não sabemos ainda explicar os princípios de engenharia empregados no balanceamento e no ajuste anômalos das vastas massas rochosas, embora fosse claro o constante recurso ao princípio do arco. Os cômodos que visitamos achavam-se inteiramente despidos de qualquer coisa como mobília ou pertences móveis, uma circunstância que reforçou nossa convicção de que a cidade tinha sido abandonada deliberadamente. O principal elemento decorativo era o sistema quase universal de esculturas murais, que tendiam a correr em contínuas faixas horizontais de quase um metro de largura, dispostas do piso ao teto e em alternância com faixas, de igual largura, de arabescos geométricos. Havia exceções a essa regra, porém sua predominância era esmagadora. Com freqüência, todavia, uma série de cártulas lisas, com grupos de pontos em configurações singulares, era embutida numa das faixas de arabescos.

A técnica, logo verificamos, era amadurecida, requintada; e evoluíra, do ponto de vista estético, ao mais alto grau de apuro civilizado, embora permanecesse de todo estranha, em qualquer pormenor, a qualquer tradição artística conhecida da raça humana. Em delicadeza de lavor, nenhuma escultura que eu já tenha visto poderia fazer-lhe sombra. Os mais insignificantes detalhes de uma flora rica ou da vida animal eram traduzidos com atordoante vivacidade, a despeito da escala majestosa das entalhaduras; de outra parte, os desenhos convencionais eram primores de esmerado entrelaçamento. Os arabescos faziam uso sapiente de princípio matemáticos e compunham-se de curvas e ângulos obscuramente simétricos, de base cinco. As faixas pictóricas seguiam uma tradição altamente formalizada e envolvia um tratamento peculiar da perspectiva, mas possuíam uma força artística que nos causava emoção profunda, não obstante o abismo interveniente de imensos períodos geológicos. O método construtivo baseava-se numa singular justaposição da seção transversal com a silhueta bidimensional e incorporava uma psicologia analítica mais avançada que a de todas as raças conhecidas da antiguidade. Será inútil tentar comparar essa arte com qualquer uma das representadas em nossos museus. Quem examinar nossas fotografias provavelmente há de encontrar analogias com certas concepções grotescas dos mais extremados futuristas.

O risco dos arabescos consistia sempre em linhas deprimidas, cuja profundidade em paredes intactas variava de dois a quatro dedos. Quando surgiam cártulas com agrupamentos de pontos — evidentemente inscrições numa língua e num alfabeto primordiais e desconhecidos — a depressão na superfície lisa teria, talvez, três dedos de fundo; a dos pontos, talvez um dedo mais. As faixas pictóricas eram em alto-relevo, ficando o fundo deprimido cerca de 5 centímetros em relação à superfície da parede. Em uma que outra amostra, podia-se detectar resíduos de pintura, se bem que, na maioria das frisas, eras e eras sem conta haviam desintegrado e feito desaparecer quaisquer pigmentos que lhe pudessem ter sido aplicados. Quanto mais se estudava a técnica magnífica, mais se admirava as obras. Sob o rígido convencionalismo, percebia-se a observação minuciosa e precisa, bem como a perícia gráfica dos artistas; e, na verdade, as próprias convenções atendiam à simbolização e à acentuação da essência real ou da diferenciação vital de todo objeto representado. Sentíamos, ademais, que a par dessas excelências perceptíveis havia outras que se situavam além do alcance de nossa percepção. Aqui e ali, certos toques faziam vagas alusões a símbolos e estímulos latentes que um outro lastro mental e emocional, bem como um aparelho sensório mais completo ou diferente, poderia ter tornado de profundo e pungente significado para nós.

A temática das esculturas provinha obviamente da vida da época desaparecida de sua criação e continha grande proporção de relatos históricos. Foi essa extrema preocupação da raça primal em registrar sua história — uma circunstância casual que, por coincidência, atuou miraculosamente em nosso favor — que deu às entalhaduras uma tão formidável carga informativa e que nos levou a atribuir prioridade máxima a fotografá-las e transcrevê-las. Em certas salas, o arranjo dominante era diversificado pela presença de mapas, cartas celestes e outros desenhos científicos em grande escala — sendo que tais coisas davam uma ingênua e significativa corroboração ao que já havíamos inferido das frisas pictóricas. Ao me referir por alto ao que o todo revelava, só me resta esperar que minha narrativa não venha a suscitar, por parte dos que crêem em mim, uma curiosidade maior do que a justificada pela sã cautela. Seria trágico que alguém fosse atraído àquele reino de morte e horror pela própria advertência destinada a desencorajar novas visitas.

Essas paredes esculpidas eram interrompidas por janelas altas e imponentes portais de quase quatro metros, que vez por outra retinham as bandeiras de madeira petrificada, elaboradamente entalhadas. Todas as ferragens metálicas haviam desaparecido desde muito, mas algumas portas permaneciam no lugar e tinham de ser abertas à força enquanto progredíamos de câmara em câmara. Caixilhos de janelas, com curiosas vidraças transparentes — na maioria elípticas — subsistiam aqui e ali, ainda que em quantidade pouco considerável. Havia ainda, com freqüência, nichos de alentadas dimensões, em geral vazios, mas ocasionalmente exibindo algum objeto fantástico, esculpido em esteatita verde. Tais objetos ou estavam quebrados ou haviam sido considerados demasiado inferiores para serem removidos. Outras aberturas estavam indubitavelmente ligadas a desaparecidas instalações mecânicas — para aquecimento, iluminação

ou quejandos — de uma natureza indicada em vários dos entalhes. Os tetos em geral eram planos, mas às vezes tinham sido decorados com a esteatita verde ou outros tipos de azulejos, agora quase todos soltos. Os pisos eram também revestidos com tais azulejos, posto que predominassem pedras lisas.

Como já ficou dito, todo mobiliário e outros pertences haviam sido removidos. No entanto, as esculturas davam idéia clara dos objetos estranhos que outrora haviam guarnecido aqueles aposentos tumulares e ressonantes. Acima do lençol glacial, os pisos estavam em geral atulhados de detritos, destroços e escombros, porém mais embaixo essa situação se agravava. Em alguns dos aposentos e corredores inferiores havia pouco mais que poeira areenta ou incrustações antigas, ao passo que algumas poucas áreas ofereciam uma impressão sinistra de varredura recente. Naturalmente, onde haviam ocorrido fraturas ou desabamentos, os pavimentos inferiores estavam tão atulhados de destroços quanto os superiores. Um pátio central — como as que víramos do ar em outras estruturas — impedia que as regiões inferiores mergulhassem em trevas totais. Por isso, raramente tivemos de utilizar as lanternas elétricas nas salas superiores, salvo quando examinando pormenores de esculturas. Sob a calota glacial, no entanto, a penumbra aumentava e em muitos pontos do emaranhado andar térreo quase reinava o negrume absoluto.

Para que se forme uma idéia ao menos rudimentar de nossos pensamentos e sensações enquanto invadíamos aquele dédalo silencioso de cantaria inumana, é mister correlacionar um caos inapelavelmente atordoante de humores, lembranças e impressões fugitivas. Bastavam a estupefaciente antiguidade e a desolação letal do lugar para esmagar quase qualquer pessoa sensível, mas a esses elementos somava-se o recente e inexplicado horror que se nos deparara no acampamento, assim como as revelações logo impostas pelas portentosas esculturas murais que nos cercavam. No momento em que nos vimos diante de um trecho intacto do alto-relevo, que não permitia qualquer ambigüidade de interpretação, foi bastante um exame breve para que nos inteirássemos da hedionda verdade — uma verdade que só com ingenuidade Danforth e eu poderíamos alegar não havermos suspeitado independentemente antes, muito embora tivéssemos tomado todo cuidado para nem sequer aludir a ela. Daquele momento em diante já não podíamos nutrir qualquer dúvida clemente quanto à natureza dos seres que haviam edificado e habitado aquela tétrica cidade, morta havia milhões de anos, quando os ancestrais do homem eram primitivos mamíferos arcaicos e enormes dinossauros vagueavam pelas estepes tropicais da Europa e da Ásia.

Havíamos até então nos apegado a uma alternativa desesperada e insistido — cada qual consigo mesmo — que a onipresença do motivo de cinco pontas representava tão-somente alguma exaltação cultural ou religiosa do objeto natural arqueano que tão patentemente incorporava a idéia das cinco pontas — da mesma forma como os motivos decorativos da Creta minoana exaltavam o touro sagrado, os do Egito o escaravelho, os de Roma o lobo e a águia, e os de várias tribos selvagens algum animal totêmico. No entanto, esse único refúgio era-nos agora roubado e nos víamos forçados a encarar definitivamente a percepção enlouquecedora que o leitor destas páginas sem dúvida há de ter adivinhado há multo. Mal consigo me persuadir a registrar com todas letras essa verdade, ainda agora; mas talvez isso não seja necessário.

Os seres que haviam habitado aquela arquitetura assustadora ao tempo dos dinossauros não eram, com efeito, dinossauros, mas algo muito pior. Os dinossauros eram criaturas novas e quase destituídas de cérebro... mas os construtores da cidade eram sábios e antigos e haviam deixado certos sinais em rochas já então assentadas havia perto de um bilhão de anos. . . rochas assentadas antes que a verdadeira vida na Terra tivesse avançado além do estádio de grupos plásticos de células... rochas assentadas antes que a verdadeira vida da Terra sequer existisse, em qualquer forma. Eram eles os criadores é, os escravizadores daquela vida e, acima de toda duvidados fundamentos dos demoníacos mitos antigos aos quais coisas como os Manuscritos Pnakóticos e o *Necronomicon* fazem veladas alusões. Eram os “Antigos” que haviam descido das estrelas quando a Terra era Jovem — os seres cuja substância uma evolução desnaturada moldara e cujos poderes não haviam sido gerados neste planeta. E pensar que ainda na véspera Danforth e eu havíamos verdadeiramente contemplado fragmentos de sua substância milenariamente fossilizada... e que o pobre Lake e seu grupo haviam visto seus contornos completos...

É-me impossível, naturalmente, relatar na ordem adequada os estádios mediante os quais concatenamos aquilo que sabemos daquele monstruoso capítulo da vida pré-humana. Passado o choque inicial da revelação inescapável, tivemos de fazer uma pausa para nos recompormos e já eram três da tarde quando começamos o programa de pesquisa sistemática. As esculturas do edifício em que entramos datavam de uma época relativamente tardia — talvez dois milhões de anos passados, segundo indicavam características geológicas, biológicas e astronômicas, e representavam uma arte que poderia ser dita decadente em comparação à dos exemplos que encontramos em edifícios mais antigos, depois de atravessarmos pontes sob o lençol glacial. Um desses edifícios, talhado na rocha viva, parecia remontar a quarenta ou, possivelmente, até cinqüenta milhões de anos — ao Eoceno inferior ou ao Cretáceo superior — e continha alto-relevos de uma mestria inigualada por qualquer outra, com uma única exceção, que tenhamos encontrado. Aquela era, concordamos mais tarde, o mais antigo exemplo de arquitetura habitacional por que passamos.

Não fora a corroboração daquelas fotografias que logo serão divulgadas, eu me absteria de dizer o que encontrei e inferi, para não ser confinado como demente. Naturalmente, as partes infinitamente antigas da narrativa em retalhos — representando a vida pré-terrestre dos seres estrelicéfalos em outros planetas, em outras galáxias e em outros universos — podem ser prontamente interpretadas como a mitologia fantástica daqueles próprios seres. No entanto, tais partes por vezes envolviam desenhos e diagramas tão fantasticamente aproximados das mais recentes descobertas da matemática e da astrofísica que quase não sei o que pensar. Que outros avaliem quando virem as fotografias que publicarei.

Decerto, isoladamente nenhum dos conjuntos de entalhaduras que encontramos narrava mais que uma fração de qualquer história conexa, nem tampouco começamos, naqueles momentos, a tomar ciência das diversas etapas da história em sua ordem certa. Algumas daquelas salas colossais constituíam unidades independentes no que se referia à sua decoração, ao passo que, em outros casos, uma crônica contínua se desenrolava por uma série de câmaras e corredores. Os melhores mapas e diagramas situavam-se nas paredes de um abismo horripilante que ficava abaixo até mesmo do antigo nível do solo — uma caverna com, talvez, 60 metros de lado e 18 metros de altura, e que quase indubitavelmente fora alguma espécie de centro educacional. Havia muitas repetições exasperantes do mesmo material em salas e edifícios diferentes, dado que certos capítulos da experiência e certos sumários ou fases da história rácica evidentemente tinham gozado do favor de diferentes decoradores ou moradores. Às vezes, no entanto, variantes do mesmo tema mostravam-se úteis para dirimir dúvidas e preencher lacunas.

Admira-me ainda que tenhamos deduzido tanto no pouco tempo à nossa disposição. Naturalmente, mesmo agora só conhecemos os delineamentos mais gerais — e grande parte deles foi obtido posteriormente, pelo estudo das fotografias e esboços que fizemos. É possível que a causa imediata do atual colapso de Danforth tenha sido esses estudos posteriores — o reviver de memórias e vagas impressões, que se somou à sensibilidade geral do moço e àquele vislumbre final de horror indizível, cuja essência ele não revela sequer a mim. Contudo, assim tinha de ser, porquanto não poderíamos lançar nossa admoestação, de maneira eficaz, sem as informações mais plenas possíveis — e lançar essa admoestação é uma necessidade inelutável. Certas influências remanescentes naquele desconhecido mundo antártico de tempo desordenado e de leis naturais invertidas tornam imperativo que novas explorações sejam desestimuladas.

VII

A história completa, tal como decifrada até o presente, aparecerá mais adiante num boletim oficial da Universidade Miskatonic. Limitar-me-ei aqui a esboçar somente os aspectos mais notáveis de modo informe e divagante. Mito ou não, as esculturas falavam do advento daqueles seres estrelicéfalos, caídos do espaço cósmico, à Terra nascente e sem vida — o advento deles e de muitas outras entidades alienígenas que, em certas épocas, empenham-se em explorações espaciais.

Pareciam capazes de transpor o éter interestelar com suas vastas asas membranosas — confirmando assim, singularmente, alguns curiosos relatos folclóricos que há muito tempo me foram contados por um colega dado a antigualhas. Tinham vivido sob o mar por longo tempo, construindo cidades fantásticas e travando lutas formidáveis com adversários inomináveis, batalhas nas quais faziam emprego de artifícios complicados, baseados em desconhecidos princípios de energia. Evidentemente, o conhecimento científico e mecânico de que dispunham ultrapassava de longe o do homem moderno, muito embora só recorressem às suas formas mais difundidas e elaboradas quando obrigados a tanto. Algumas esculturas davam a entender que haviam passado, por um etapa de vida mecanizada em outros planetas, mas que tinham retrocedido por julgarem seus efeitos emocionalmente insatisfatórios. A dureza sobrenatural de seus corpos e a simplicidade de suas necessidades naturais tornavam-nos peculiarmente aptos a levarem uma vida de excelente qualidade sem os frutos mais especializados da manufatura artificial e até mesmo sem vestuário, salvo para proteção ocasional contra os elementos.

Foi sob o mar, primeiramente em busca de alimento e mais tarde com outros propósitos, que haviam criado a vida terrestre, utilizando as substâncias disponíveis segundo métodos desde muito conhecidos. As experiências mais elaboradas sucederam-se ao aniquilamento de vários inimigos cósmicos. Haviam feito o mesmo em outros planetas, produzindo não só os alimentos necessários como também certas massas protoplásmicas multicelulares capazes de transformar seus tecidos em toda espécie de órgãos temporários, sob efeito de hipnose, com o que eles produziam os escravos ideais para executarem o trabalho pesado da comunidade. Eram a essas massas viscosas que sem dúvida aludia Abdul al-Hazred no nefando *Necronomicon* — aquilo a que ele chamava “Shoggoths” —, ainda que nem mesmo aquele árabe louco dissesse que existiam na Terra, salvo nos sonhos daqueles que mascavam uma determinada erva alcalóide. Depois que, aqui neste planeta, os Antigos estrelicéfalos sintetizaram seus alimentos simples e produziram uma boa quantidade de Shaggoths, permitiram que outros grupos celulares se transformassem em outras formas de vida animal e vegetal, para diversos propósitos, extirpando todas aquelas cuja presença se tornasse incômoda.

Com ajuda dos Shoggoths, cujas expansões podiam ser levadas a erguer pesos prodigiosos, as pequenas e baixas cidades submarinas transformaram-se em vastos e imponentes labirintos de pedra, análogos aos que ulteriormente desenvolveram-se em terra. Na verdade, os Antigos, altamente adaptáveis, tinham vivido em terra em outras partes do universo e provavelmente conservavam muitas tradições de construção terrestre. Enquanto estudávamos a arquitetura de todas aquelas arcaicas, cidades esculpidas, inclusive daquela cujos corredores imemoriais percorríamos naquele momento, impressionava-nos uma curiosa coincidência que ainda não tentamos explicar nem a nós próprios. Os topos dos edifícios, que na cidade real em que nos encontrávamos haviam-se convertido, naturalmente, em ruínas havia muitas eras, eram mostrados claramente nos alto-relevos, onde se viam vastas aglomerações de flechas finas como agulhas, delicados remates em certos ápices cônicos e piramidais, assim como fileiras de finos discos horizontais, superpostos, coroando fustes cilíndricos, Era exatamente isso que havíamos visto naquela miragem monstruosa e portentosa, projetada por uma cidade morta na qual tais elementos estavam ausentes havia milhares e dezenas de milhares de anos, e que se agigantara diante de nossos olhos ignaros do outro lado das desconhecidas montanhas da loucura enquanto nos aproximávamos do fatídico acampamento do pobre Lake.

Sobre a vida dos Antigos, tanto sob o mar quanto depois que parte deles migraram para terra, poder-se-ia escrever volumes inteiros. Os que habitavam águas rasas haviam mantido o uso pleno dos olhos, nas extremidades de seus cinco principais tentáculos cefálicos, e haviam praticado as artes da escultura e da escrita de maneira bastante convencional, sendo a escrita realizada com um estilo, sobre superfícies de cera à prova d’água. Os que viviam nas regiões pelágicas, ainda que utilizassem um curioso organismo fosforescente para fornecer luz, logravam visão por intermédio de obscuros sentidos especiais que atuavam através dos cílios prismáticos das cabeças — sentidos esses que, em emergências tornavam todos os Antigos em parte independentes de luz. As formas de escultura e escrita haviam-se modificado curiosamente com a descida, incorporando certos processos de revestimento, aparentemente químicos — sem dúvida para garantir a fosforescência —

, que os altos-relevos não elucidavam para nós. Os seres moviam-se no mar, em parte nadando (com ajuda dos braços crinóides laterais) e em parte contorcendo-se com a fileira inferior de tentáculos, que continham os pseudópodos. Por vezes logravam saltos bem longos, fazendo uso de dois ou mais conjuntos auxiliar de asas dobráveis. Em terra, usavam os pseudópodos, mas ocasionalmente voavam a grandes altitudes ou cobriam enormes distâncias com as asas. Os muitos tentáculos finos em que os braços crinóides se subdividiam eram infinitamente delicados, flexíveis, robustos e possuíam precisa coordenação neuromuscular, o que assegurava perfeita habilidade e destreza em todas as operações manuais, inclusive as artísticas.

A dureza daqueles seres era quase inacreditável. Até mesmo a tremenda pressão dos abismos oceânicos parecia impotente para vulnerá-los. Parecia que pouquíssimos chegavam a morrer, exceto por violência, e seus locais fúnebres eram muito reduzidos. O fato de cobrirem seus mortos, que sepultavam em posição vertical, com montículos de cinco pontas, com inscrições, provocou em Danforth e em mim pensamentos que obrigaram a uma nova pausa para recuperação, depois que as esculturas o revelaram. Os seres multiplicavam-se por meio de espórios — como pteridófitos vegetais, tal como suspeitara Lake — mas, devido à sua prodigiosa dureza e sua longevidade, e à conseqüente falta de necessidade de reposição, não incentivavam o desenvolvimento em grande escala de progênie, exceto quando tinham novas regiões a colonizar. Os jovens amadureciam rapidamente e recebiam uma educação evidentemente além de qualquer padrão que possamos imaginar. A vida intelectual e estética era altamente desenvolvida, tendo produzido um conjunto extremamente duradouro de costumes e instituições que descreverei com mais vagar na monografia que está para sair. Variavam ligeiramente do mar para a terra, mas seus fundamentos e aspectos essenciais eram os mesmos.

Conquanto fossem capazes, como os vegetais, de se nutrirem de substâncias inorgânicas, davam clara preferência à alimentação orgânica, principalmente animal. No mar, comiam organismos marinhos sem cozer, porém em terra coziam suas vitualhas. Praticavam a caça e criavam rebanhos, abatendo os animais com armas aguçadas — e era essa a origem das curiosas marcas em ossos fósseis que nossa expedição havia observado. Resistiam notavelmente a todas as temperaturas ordinárias, e em seu estado natural, sem vestimentas, eram capazes de viver em águas cujas temperaturas chegavam à do congelamento. Não obstante, ao aproximar-se a grande glaciação do Pleistoceno — há quase um milhão de anos —, os habitantes da terra tiveram de recorrer a medidas especiais, inclusive aquecimento artificial, até que, finalmente, o frio mortal parece tê-los empurrado de volta ao mar. Para seus vôos pré-históricos pelo espaço cósmico, dizia a lenda, absorviam certas substâncias químicas e tornavam-se quase independentes de alimentação, respiração ou condições de temperatura. No entanto, à época do grande frio haviam perdido o conhecimento do método. De qualquer forma, não poderiam ter prolongado o estado artificial indefinidamente, sem dano.

Por não se acasalarem e por serem de estrutura semivegetal, os Antigos careciam de qualquer base biológica para a fase familiar de vida mamífera, mas, ao que parece, organizavam grandes comunidades "familiares", segundo o princípio de utilização ideal do espaço e — como deduzimos pelas ocupações representadas nas frisas e nas diversões dos co-habitantes — de associação mental compatível. Ao mobiliarem seus aposentos, colocavam tudo no centro dos cômodos imensos, deixando as paredes livres para tratamento decorativo. A iluminação, no caso dos terrícolas, era realizada por um dispositivo de natureza provavelmente eletroquímica. Tanto em terra quanto sob as águas, usavam mesas curiosas, cadeiras e sofás semelhantes a bastidores cilíndricos — pois repousavam e dormiam em posição ereta, com os tentáculos dobrados —, além de armações para as tábuas de superfícies pontilhadas que constituíam seus livros.

A estrutura de governo era evidentemente complexa e provavelmente socialista, embora as esculturas que vimos não permitissem certeza quanto a essas questões. Havia um amplo comércio, local e entre diferentes cidades, e certas fichas pequenas e chatas, de cinco pontas e com inscrições, cumpriam a função de moeda. E provável que as menores das várias esteatitas esverdeadas encontradas por nossa expedição constituíssem peças dessa moeda. Embora a cultura fosse sobretudo urbana, havia alguma agricultura e era disseminada a atividade criatória. Praticavam

também a mineração e um certo volume de manufatura. As viagens eram freqüentíssimas, mas a migração permanente parecia relativamente rara, exceto quando dos vastos movimentos colonizadores através dos quais a raça se expandia. Para transporte pessoal não usavam nenhum artifício mecânico, uma vez que, na terra, no ar ou na água, os Antigos pareciam ser capazes de lograr extraordinárias velocidades. As cargas, entretanto, eram puxadas por bestas de tiro — Shoggoths sob o mar e uma curiosa variedade de vertebrados primitivo no período posterior de vida terrestre.

Tais vertebrados, assim como uma infinitude de outras formas de vida — animais e vegetais, marinhos, terrestres e aéreas — eram produtos de evolução fortuita que atuava sobre células fabricadas pelos Antigos, mas às quais não davam eles maior atenção. Tinham-lhes sido permitido desenvolver-se à vontade, pois não haviam entrado em conflito com os seres dominantes. As formas incômodas, naturalmente, eram exterminadas por via mecânica. Interessou-nos ver, em algumas das últimas e mais decadentes esculturas, um trôpego e primitivo mamífero, usado às vezes como alimento e às vezes como bufão divertido pelos terrícolas, e cujas prefigurações simiescas e humanas eram inconfundíveis. Na construção das cidades terrestes, os colossais blocos de pedra eram geralmente erguidos por pterodáctilos de asas imensas, criaturas de uma espécie até aqui desconhecida para a paleontologia.

A persistência com que os Antigos sobreviveram a várias alterações geológicas e a convulsões da crosta terrestre raiava o milagre. Conquanto poucas (ou nenhuma) de suas primeiras cidades não houvessem, ao que entendemos, sobrevindo além da era arqueana, não houve qualquer solução de continuidade na civilização daqueles seres ou na transmissão de seus anais. O local onde tinham chegado originariamente ao planeta era o oceano Antártico, e não é provável que esse advento se tenha dado muito depois que a matéria formadora da Lua foi arrancada ao vizinho Pacífico Sul. Segundo um dos mapas escultóricos, todo o globo estava então submergido pelas águas, e à medida que transcorriam os éons, as cidades de pedra se dispersavam, afastando-se cada vez mais da Antártida. Outro mapa mostra uma grande porção de terra seca em torno do pólo sul, onde é evidente que alguns daqueles seres fundaram núcleos experimentais, ainda que seus centros principais fossem transferidos para o mais próximo leito marinho. Mapas posteriores, que mostram a massa terrestre com fissuras e em translação, lançando certas partes separadas em direção ao norte, coonestam de modo notável as teorias de translação dos continentes, propostas em dará recente por Taylor, Wegener e Joly.

Com o soerguimento de novas terras no Pacífico Sul, tiveram início episódios de tremendo significado. Algumas cidades marinhas foram irremediavelmente despedaçadas, mas no entanto não foi essa sua pior desdita. Uma outra raça — uma raça terrestre de seres em forma de polvo e que provavelmente corresponde à fabulosa raça pré-humana de Cthulhu — logo começou a se insinuar na Terra, vindo do infinito cósmico, e precipitou uma guerra monstruosa que por algum tempo impeliu totalmente os Antigos de volta ao mar, o que representou golpe terrível, em vista dos crescentes núcleos terrestres, Posteriormente fez-se a paz e as novas terras foram dadas à raça de Cthulhu, ao passo que os Antigos comandavam o mar e as terras mais velhas. Fundaram-se novas cidades em terra, as maiores na Antártica, pois aquela região, a primeira que haviam pisado, era sagrada. A partir de então, tal como antes, a Antártida permaneceu como centro da civilização dos Antigos e todas as cidades ali erigidas pela geração de Cthulhu foram aniquiladas. De repente, então, as terras do Pacífico imergiram novamente, levando consigo, para o fundo do mar, a horrí fica cidade pétrea de R'lyeh e todos os polvos cósmicos, de modo que os Antigos voltaram a reinar, soberanos, no planeta. Restou-lhes único temor nebuloso, com relação ao qual não gostavam de falar. Numa era mais tardia suas cidades pontilharam todas as terras e as águas do globo, donde a recomendação, em minha monografia vindoura, de que algum arqueólogo realize perfurações sistemáticas, com o equipamento projetado por Pabodie, em certas regiões vastamente separadas.

No decurso das eras, persistiu a tendência de trocarem as águas pelas terras, movimento encorajado pelo surgimento de nossas massas terrestres, embora o oceano nunca tivesse ficado inteiramente abandonado. Outra causa para o fluxo em direção à terra foi a nova dificuldade para geração e controle dos Shoggoths, de que dependia a vida normal no mar. Com o passar do tempo,

como confessavam tristemente as esculturas, a arte de produzir vida nova a partir da matéria inorgânica se perdera, de modo que os Antigos tinham de depender do modelamento de formas já existentes. Em terra os grandes répteis tinham-se mostrado bastante maleáveis; mas os Shoggoths do mar, que se reproduziam por fissão e haviam adquirido um perigoso grau de inteligência acidental, representaram durante algum tempo um problema grave.

Sempre haviam sido controlados através das sugestões hipnóticas dos Antigos, moldando sua dura plasticidade, de forma a criar vários membros e órgãos temporários de grande utilidade. Agora, porém, seus poderes metamorfoseantes às vezes eram exercidos de maneira independente e segundo diversas fórmulas imitativas implantadas por sugestão passada. Haviam, ao que parece, desenvolvido um cérebro semi-estável cuja volição separada e ocasionalmente obstinada ecoava a vontade dos Antigos sem obedecê-la sempre. As imagens esculpidas desses Shoggoths encheram-nos, a Denforth e a mim, de horror e asco. Eram entidades normalmente amorfas, compostas de uma geléia gosmenta que se assemelhava a uma aglutinação de bolhas, e cada um deles tinha em média, quando em forma esférica, cerca de quatro metros e meio de diâmetro. Possuíam, contudo, forma e volume em constante transformação — arrojando apêndices temporários ou formando órgãos para visão, audição e fala, numa imitação de seus senhores, quer espontaneamente, quer seguindo sugestões.

Parecem ter-se tornado peculiarmente intratáveis por volta de meados da era Permiana, há talvez 150 milhões de anos, quando uma verdadeira guerra lhes foi movida pelos Antigos marinhos, com o fito de novamente subjugá-los. As imagens dessa guerra, bem como das vitimas dos Shoggoths — caracteristicamente decapitavam-nas e deixavam seus corpos recobertos de limo —, revelavam uma qualidade maravilhosamente alarmante, a despeito do abismo interveniente de eras sem conta. Os Antigos empregavam contra as entidades rebeladas curiosas armas de desagregação molecular e atômica, e por fim haviam logrado um triunfo cabal. A partir de então as esculturas mostravam um período em que os Shoggoths foram amansados e dominados por Antigos armados, tal como os cavalos selvagens do oeste americano eram amansados por *cowboys.* Ainda que, durante a revolta, os Shoggoths houvessem demonstrado capacidade de viverem fora da água, essa transição não foi estimulada, uma vez que sua utilidade em terra dificilmente compensaria a dificuldade de controlá-los.

Durante a Era Jurássica, os Antigos haviam enfrentado uma nova adversidade, na forma de uma outra invasão do espaço galáctico, dessa vez de criaturas semifundosas, semicrustáceas — sem dúvida as mesmas que figuravam em certas lendas do norte, contadas aos sussurros, e retidas na região do Himalaia como os Mi-Go ou Abomináveis Homens das Neves. Para combater esses seres, os Antigos tentaram, pela primeira vez desde sua chegada à Terra, retornar ao éter planetário; no entanto, apesar de todos os preparativos preliminares, verificaram que já não lhes era possível deixar a atmosfera terrena. Qualquer que fosse o antigo segredo da viagem interestelar, a raça havia perdido inteiramente. Por fim os Mi-Go expulsaram os Antigos de todas as terras setentrionais, embora fossem impotentes para perturbar os que habitavam o mar. Pouco a pouco, começava o lento recuo da raça para seu original habitat antártico.

Foi curioso observar nas cenas de batalha que tanto a progênie de Cthulhu quanto os Mi-Go parecem ter-se constituído de uma matéria bem mais diferente da que conhecemos do que a substância que compunha os Antigos. Eram capazes de passar por transformações e reintegrações impossíveis para seus adversários, pelo que parecem ter provindo de báratros ainda mais remotos do espaço cósmico. Apesar de sua dureza anormal e das peculiares propriedades vitais, os Antigos eram rigorosamente materiais, e sua origem primeira deveria situar-se no continuum conhecido de espaço-tempo, ao passo que as fontes primordiais dos outros seres só podem ser objeto de conjecturas, com o fôlego suspenso. Tudo isso, naturalmente, supondo-se que os predicados não-terrestres e as anomalias atribuídos aos inimigos invasores não sejam pura mitologia. É concebível que os Antigos inventassem todo um referenciamento cósmico para explicarem suas derrotas ocasionais, uma vez que o interesse histórico c o orgulho constituíam, obviamente, o principal elemento psicológico da raça. É significativo que suas crônicas deixassem de fazer menção a muitas

raças avançadas e poderosas cujas culturas requintadas e cujas cidades majestosas figuram persistentemente em certas lendas obscuras.

A transformação do planeta no decorrer de longas eras geológicas aparecia com notável vivacidade em muitos dos mapas e cenas esculpidos. Em alguns casos, a ciência corrente terá de passar por uma revisão, ao passo que em outros suas audazes conclusões estão magnificamente confirmadas. Como já observei, a hipótese de Taylor, Wegener e Toly de que todos os continentes são fragmentos de uma original massa terrestre antártica, fendida pela força centrífuga, após o que as várias porções deslizaram sobre uma superfície inferior tecnicamente viscosa — uma hipótese sugerida, entre outras coisas, pelos contornos complementares da África e da América do Sul e pela maneira como as grandes cadeias de montanhas se apresentam com fortes dobramentos — recebe notável apoio dessa fonte fantástica.

Mapas que representavam patentemente o mundo do Cardonífero, há cem milhões de anos ou mais, exibiam acentuadas fissuras e fossas destinadas a mais tarde separar a África dos reinos outrora contínuos da Europa (então a Valúsia das lendas remotas), Ásia, Américas e Antártida. Outras cartas — e sobretudo uma relacionada com a fundação, há 50 milhões de anos, da vasta cidade morta que nos rodeava — mostravam todos os atuais continentes bem diferenciados. E no mais recente que pudemos analisar, que dataria da Era Pliocênica, via-se com toda clareza o mundo quase em seu estado atual, apesar da ligação do Alasca com a Sibéria, da América do Norte com a Europa, através da Groenlândia, e da América do Sul com o continente antártico através da Terra de Graham. No mapa do Carbonífero, todo o globo — tanto os leitos oceânicos quanto as massas terrestres — mostravam símbolos das vastas cidades de pedra dos Antigos; nas cartas posteriores, entretanto, a recessão gradual em direção à Antártica tornava-se manifesta. O mapa final do Plioceno não mostrava quaisquer cidades terrestres, salvo no continente antártico e na extremidade da América do Sul, nem quaisquer cidades oceânicas ao norte do paralelo 50 de latitude sul. O interesse pelo mundo setentrional, excetuado um estudo das linhas de costa realizado provavelmente durante longos vôos de exploração utilizando aquelas asas membranosas, havia evidentemente caído a zero entre os Antigos.

A destruição das cidades, causada pelo sublevamento orográfico, pelo despedaçamento centrífugo dos continentes, pelas convulsões sísmicas na terra e no leito marinho, e por outras causas naturais, era objeto de constante registro; e era curioso observar como as reposições se faziam cada vez mais raras com a passagem das eras. A vasta megalópole morta que se esparramava em torno de nós parecia ser o último centro geral da raça, tendo sido construída no princípio do Cretáceo, depois que uma titânica deformação terrestre obliterou uma predecessora ainda mais vasta, não muito distante. Era de crer que aquela região geral fosse, dentre todos, o local mais sagrado, onde os primeiros Antigos se teriam instalado no leito de um mar primevo. Na nova cidade — muitos aspectos da qual podíamos reconhecer nas esculturas, mas que se espraiava por nada menos de 160 quilômetros, junto da cordilheira, em ambas as direções, estendendo-se além dos limites mais distantes de nosso levantamento aéreo — eram conservadas, ao que constava, certas pedras sagradas que tinham feito parte da primeira cidade marinha, e que emergiu à luz do dia passadas longas épocas, no curso do desmoronamento geral das camadas geológicas.

VIII

Era natural que Danforth e eu estudássemos com interesse especial e uma sensação de reverência particularmente pessoal tudo quanto dizia respeito à área imediata em que nos encontrávamos. Havia, naturalmente, rica abundância daquele material local. E no emaranhado nível térreo da cidade tivemos a sorte de encontrar uma casa de data muito tardia, cujas paredes, conquanto um pouco danificadas por uma fratura próxima, continham esculturas de decadentes que levavam a história da região muito além do período do mapa Plioceno do qual derivamos nosso

último vislumbre geral do mundo pré-humano. Aquele foi o último lugar que examinamos em minúcia, pois o que descobrimos deu-nos um novo objetivo imediato.

Decerto estávamos em um dos mais estranhos, sobrenaturais e lúgubres dentre todos os recantos do planeta. Das terras existentes, era ela, infinitamente, a mais antiga. Cresceu em nós a convicção de que aquele sítio hórrido devia ser, com efeito, o legendário planalto de Leng, que até mesmo o louco autor do *Necronomicon* relutava em descrever. A grande cordilheira era tremendamente longa — começava como uma serra modesta na Terra de Luitpold, na costa do mar de Weddell, e atravessava praticamente todo o continente. Sua parte realmente alta estendia-se num arco pujante desde 82° S, 60° E até 70° S, 115° E, com o lado côncavo voltado para nosso acampamento e sua extremidade mais próxima do mar na região daquela longa costa congelada cujos montes foram entrevistos por Wilkes e Mawson no círculo antártico.

No entanto, exageros da natureza ainda mais monstruosos pareciam inquietantemente próximos. Já disse que esses picos são mais altos que os do Himalaia, mas as esculturas me impedem dizer que sejam os mais elevados do globo. Essa honra lúgubre está sem dúvida reservada a uma coisa que metade das esculturas hesitava em sequer registrar, ao passo que outras lhe faziam alusão com óbvia repugnância e trepidação. Ao que parece, havia uma parte da terra antiga — a primeira parte que emergiu das águas depois que a Terra projetou de si a Lua e os Antigos chegaram das estrelas — que passara a ser evitada, por ser considerada vaga e inominavelmente maléfica. As cidades ali construídas haviam ruído prematuramente e tinham-se visto abandonadas de repente. Depois, quando a primeira grande deformação da Terra havia convulsionado a região, na era comancheana, uma assustadora linha de picos se lançara subitamente em direção ao céu, em meio aos mais hórrido fragor e caos — e a Terra ganhou suas mais grandiosas e mais terríveis montanhas.

A estar correta a escala das entalhaduras, essas coisas nefandas deveriam ter muito mais de 12.000 metros de altitude — dimensões radicalmente mais vastas que as das chocantes montanhas de loucura que havíamos transposto. Estendiam-se, era de crer, desde 77° S 70° E até 70° S 100° E — a menos de 500 quilômetros da cidade morta, de modo que, em não havendo aquela bruma vaga e opalescente, teríamos entrevisto seus terríveis cumes a oeste. A extremidade norte dessa cadeia portentosa devia ser igualmente visível da longa costa do círculo antártico, na Terra da Rainha Mary.

Alguns dos Antigos, nos tempos da decadência, haviam dirigido estranhas preces àquelas montanhas — mas jamais algum deles se aproximou delas ou se atreveu a descobrir o que havia do outro lado. Olhos mortais jamais as tinham contemplado, e enquanto eu estudava as emoções traduzidas nos entalhes, rezava para que isso nunca acontecesse. Há montes protetores ao longo da costa além delas — a Terra da Rainha Mary e a do Imperador Guilherme — e dou graças aos céus por homem algum ter sido capaz de ali desembarcar e escalar tais montes. Já não sou tão cético com relação aos velhos contos e lendas como antes, nem me rio mais da idéia do escultor pré-humano de que o raio fazia uma pausa significativa, de vez em quando, em cada um dos cumes silenciosos e de que um brilho inexplicado fulgia em um daqueles pináculos horrorosos durante todo o transcurso da longa noite polar. Talvez haja um significado muito real e muito monstruoso nos velhos murmúrios Pnakóticos sobre Kadath, o habitante do Ermo Gélido.

Entretanto, as áreas mais adjacentes não eram de modo algum menos estranhas, ainda que menos impronunciavelmente amaldiçoadas. Logo depois da fundação da cidade, a grande cordilheira transformou-se em sede dos principais templos e muitas esculturas mostravam quantas torres grotescas e fantásticas se elevavam aos céus nos pontos onde agora só víamos os cubos e baluartes, curiosamente suspensos. No decorrer das eras, as cavernas haviam sido trabalhadas e anexadas aos templos. Com o avanço de épocas ainda mais tardias, todos os veios calcários foram escavados por águas superficiais, de modo que as montanhas, os contrafortes e as planícies abaixo deles eram uma verdadeira rede de cavernas e galerias interligadas. Muitas esculturas expressivas referiam-se a explorações a grandes profundidades e à descoberta final do trevoso mar Estígio que se ocultava nas entranhas da Terra.

Esse vasto abismo tenebroso fora indubitavelmente escavado pelo grande rio que descia das horríveis e exiciais montanhas de oeste e que outrora descrevera uma curva na base da cordilheira dos Antigos, seguindo depois por ela, indo desaguar no oceano Índico, entre a Terra de Budd e a de Totten, no litoral descrito por Wilkes. Palmo a palmo, o rio erodira a base calcária da montanha na curva, até que, por fim, suas correntes alcançaram as cavernas das águas superficiais e somaram forças com elas, escavando um abismo ainda mais profundo. Finalmente toda a caudal despejou-se nos montes vazios, deixando seco o velho leito, por onde ela seguia rumo à foz. Grande parte da cidade morta, como a víamos agora, havia sido construída sobre aquele antigo leito fluvial. Compreendendo o que tinha acontecido, e exercendo seu senso artístico sempre extremado, os Antigos haviam esculpido e transformado em colunas de rica ornamentação os promontórios dos contrafortes onde a grande caudal começava sua descida para o negrume eterno.

Esse rio, outrora atravessado por vintenas de nobres pontes de pedra era, seguramente, aquele cujo curso extinto tínhamos visto em nosso levantamento aéreo. Sua posição em diversas esculturas da cidade nos orientou em relação ao cenário, tal como se apresentara em vários estágios da história imemorial e desde muito cessada da região, de modo que pudemos esboçar um mapa apressado mas cuidadoso dos elementos mais importantes — praças, edifícios notáveis e coisas semelhantes — que norteasse futuras explorações. Logo podíamos reconstruir na fantasia toda aquela cidade estupenda, tal como era há um milhão, dez milhões ou cinqüenta milhões de anos atrás, pois as esculturas nos informavam com exatidão qual fora o aspecto dos edifícios, montanhas, praças, subúrbios, da paisagem e da luxuriante vegetação Terciária. Certamente teria sido de uma beleza maravilhosa e mística, e ao pensar nela eu quase me esquecia da pegajosa sensação de opressão sinistra que a idade sobrenatural, a imponência, o silêncio, o vazio e o crepúsculo glacial daquela cidade haviam infundido em meu espírito. No entanto, de acordo com certas esculturas, os próprios habitantes da cidade haviam conhecido o poder do terror opressivo, pois havia uma cena recorrente, soturna, em que os Antigos mostravam clara repugnância por um certo objeto — que nunca aparecia na cena — encontrado no grande rio; percebia-se que ele fora trazido pelas águas, através de florestas de cicadáceas, cheias de lianas c cipós, desde aquelas macabras montanhas do oeste.

Não foi senão natural casa de construção serôdia a que já me referi, onde havia as esculturas decadentes, que obtivemos uma indicação da calamidade final que levara à evacuação da cidade. Sem dúvida devia haver muitas esculturas da mesma época alhures, mesmo considerando-se o afrouxamento das energias e aspirações em um período tenso e incerto; na verdade, logo depois chegamos mesmo a encontrar certos indícios da existência de outras. Pretendíamos procurá-las mais tarde; no entanto, como já disse, as condições imediatas ditaram outro objetivo para o momento. Haveria, por certo, um limite — pois depois de toda esperança de uma longa ocupação futura do lugar ter parecido entre os Antigos, não poderia deixar de ter ocorrido uma completa cessação de decoração mural. O golpe final, naturalmente, foi o advento do grande frio que em certo instante assolou a maior parte do mundo, e que jamais abandonou os fatídicos pólos — o grande frio que, na outra extremidade do planeta, deu cabo das legendárias terras de Lomar e Hiperbórea.

Seria difícil dizer, em termos de data exata, quando começou essa tendência na Antártica. Atualmente situamos o início dos períodos glaciais gerais a aproximidade quinhentos mil anos do presente, mas nos pólos o flagelo terrível deve ter principiado muito mais cedo. Todas as estimativas quantitativas são em parte conjecturais, mas é de todo provável que as esculturas decadentes tenham sido feitas há bastante menos de um milhão de anos, e que o abandono final da cidade estivesse terminado bem antes da instalação convencional do Pleistoceno — há quinhentos mil anos — tal como se calcula em termos da superfície total da Terra.

Nas esculturas decadentes havia sinais de uma vegetação mais rala em outros lugares e de uma redução da vida na parte que cabia aos Antigos. Apareciam equipamentos de aquecimento nas casas e viajantes eram representados com agasalhos protetores no inverno. Vimos então uma série de cártulas — a disposição em faixas contínuas era freqüentemente interrompida nessas entalhaduras mais tardias — que mostravam uma migração crescente para os refúgios mais próximos de mais calor. Alguns fugiam para cidades submarinas, ao largo da costa distante, outros se metiam pelas

redes de cavernas calcárias nos montes ocos, descendo até o vizinho abismo negro de águas subterrâneas.

Por fim, parece que foi o abismo vizinho que se tornou alvo do principal movimento colonizador. Em parte isso se deveu, sem dúvida, ao tradicional caráter sagrado daquela região especial, mas o fato pode ter sido determinado de forma mais categórica pela possibilidade de manterem em uso os grandes templos escavados nas montanhas e de reterem a vasta cidade terrestre como local de veraneio e como base de comunicação com várias minas. A ligação entre o velho e o novo local de residência foi facilitada por vários declives e por melhorias nas rotas de comunicação, entre as quais cabe citar a abertura de numerosos túneis diretos desde a antiga metrópole até o abismo negro — túneis muito íngremes, cujas bocas desenhamos cuidadosamente, obedecendo a nossas estimativas mais judiciosas, no mapa-guia que estávamos compilando. Era óbvio que pelo menos dois desses túneis ficavam a uma distância viável do ponto onde estávamos — ambos na borda montanhosa da cidade, o primeiro a cerca de 400 metros dali, na direção do antigo leito fluvial, o segundo a talvez o dobro dessa distância, na direção oposta.

O abismo, parecia, apresentava áreas de terra seca em certos lugares, mas os Antigos construíram sua cidade sob a água, sem dúvida em virtude da maior garantia oferecida de calor uniforme. A profundidade do mar oculto parecia ter sido muito grande, de modo que o calor interno da Terra podia assegurar sua habitabilidade por um período indefinido. Os seres parecem não ter tido qualquer dificuldade em se adaptarem à vida em tempo parcial (e, mais tarde, naturalmente, todo o tempo) sob a água, porquanto jamais haviam deixado que seus sistemas de guelras se atrofiassem. Muitas esculturas mostravam que sempre tinham visitado, com freqüência, seus parentes submarinos alhures e que habitualmente se banhavam no fundo do grande rio. A escuridão do interior da Terra poderia, da mesma forma, não representar empecilho a uma raça acostumada às longas noites antárticas.

Por decadente que, sem dúvida, fosse seu estilo, essas esculturas tardias tornavam-se verdadeiramente épicas ao narrarem a construção da nova cidade no mar subterrâneo. Os Antigos haviam-se lançado à tarefa cientificamente — extraindo rochas insolúveis do seio das montanhas esburacadas e empregando especialistas da cidade submarina mais próxima para executarem a construção segundo os melhores métodos. Tais trabalhadores haviam trazido tudo quando era necessário para o novo empreendimento — tecidos de Shoggoths a partir dos quais gerar levantadores de pedras e, depois, bestas de carga para a cidade subterrânea, bem como outras matérias protoplásmicas a serem metamorfoseadas em organismos fosforescentes para fins de iluminação.

Por fim, ergueu-se uma majestosa metrópole no fundo daquele mar estígio, com arquitetura muito semelhante à da cidade que ficava acima dela, e o trabalho mostrava relativamente pouca decadência devido à previsão matemática inerente às operações de construção. Os Shoggoths recém-gerados vieram a adquirir dimensões enormes e singular inteligência; e, segundo as representações escultóricas, recebiam e executavam ordens com maravilhosa rapidez. Pareciam conversar com os Antigos arremedando-lhes a voz — uma espécie de silvo musical que cobria várias oitavas, a crer na correção da dissecação feita pelo pobre Lake —, e trabalhar agora mais obedecendo a ordens faladas do que a sugestões hipnóticas como no passado. Eram, no entanto, mantidos sob admirável controle. Os organismos fosforescentes forneciam luz com grande eficiência, e sem dúvida compensavam a perda das familiares auroras polares da noite terrestre.

Mantinha-se a prática da arte e da decoração, ainda que, naturalmente, com certa decadência. Ao que parece os próprios Antigos se davam conta dessa degeneração, e em muitos casos anteciparam a política de Constantino, o Grande, transplantando excelentes esculturas antigas da cidade terrestre, da mesma forma que o imperador, numa fase semelhante de declínio, privou a Grécia e a Ásia de suas melhores obras de arte para dar à nova capital bizantina esplendor maior do que seu próprio povo podia criar. Se a transferência de blocos esculpidos não foi mais ampla isso se deveu sem dúvida ao fato de que, no início, a cidade não foi inteiramente abandonada. Quando se deu finalmente o abandono total — o que decerto deve ter ocorrido antes que o Pleistoceno polar avançasse muito —, os Antigos talvez já se contentassem com sua arte decadente ou haviam

deixado de reconhecer o mérito superior das esculturas mais velhas. Fosse como fosse, as ruínas silentes que nos rodeavam não haviam sofrido decerto qualquer desnudamento escultóricos em grande escala, muito embora todas as melhores estátuas em redondo, como outros objetos móveis, tivessem sido removidas.

As cártulas decadentes que relatavam essa história eram, como já disse, as mais recentes que pudemos encontrar em nossa limitada exploração. Deixaram-nos uma imagem dos Antigos em constantes idas e vindas, entre a cidade terrestre no verão e a cidade do mar subterrâneo no inverno, e às vezes mercadejando com as cidades marinhas da costa antártica. A essa altura, já deviam ter reconhecido a condenação inevitável da cidade terrestre, pois as esculturas exibiam muitos sinais dos avanços malignos do frio. A vegetação estava em declínio e as terríveis neves do inverno já não se derretiam completamente, mesmo em pleno verão. Quase todos os sáurios já tinham morrido, e tampouco os mamíferos suportavam bem as novas condições. Para manterem a atividade a céu aberto os Antigos tinham sido forçados a adaptar alguns dos Shoggoths, amorfos e curiosamente resistentes ao frio, à vida terrestre, coisa que no passado tinham relutado em fazer. O grande rio já não abrigava qualquer vida e as camadas superiores do mar tinham perdido quase todos seus habitantes, exceto as focas e baleias. Todas as aves tinham emigrado, sendo a única exceção os grandes e grotescos pingüins.

Quanto ao que acontecera mais tarde, só podíamos conjecturar. Por quanto tempo sobrevivera a nova cidade subterrânea? Ainda estaria lá, um cadáver de pedra mergulhado em trevas perpétuas? Teriam as águas subterrâneas congelado enfim? Qual teria sido o destino das cidades oceânicas? Teriam alguns dos Antigos se transferido para o norte, antes do avanço da calota glacial? A geologia atual não revela qualquer vestígio de sua presença. Porventura àquela época os abomináveis Mi-Go ainda representavam ameaça no mundo da superfície? Podia-se ter certeza quanto ao que podia ou não subsistir, mesmo hoje, nos abismos escuros e insondáveis das águas mais profundas da Terra? Aquelas cidades tinham sido capazes, aparentemente, de suportar qualquer pressão... e vez por outra marujos haviam tirado do mar objetos curiosíssimos. E por acaso a teoria das orcas explicou realmente as selvagens e misteriosas cicatrizes observadas em focas antárticas, há uma geração, por Borchgrevingk?

Os espécimes localizados pelo pobre Lake não entravam nessas cogitações, pois o sítio geológico em que haviam sido encontrados mostrava que tinham vivido numa época muito recuada da história da cidade terrestre. A julgar por esse sítio, certamente não teriam menos de trinta milhões de anos, e concluímos que ao tempo de sua vida nem a cidade subterrânea, nem a própria caverna em que ela fora construída, ainda existiam. Eles teriam recordado um cenário mais antigo, com a virente vegetação Terciária por toda parte, uma cidade terrestre mais jovem, empenhada na produção artística, e um imenso rio que corria para o norte, margeando a base da pujante cordilheira, em direção a um longínquo oceano tropical.

No entanto, não conseguíamos deixar de pensar nesses espécimes — principalmente nos oito, intactos, que haviam desaparecido do acampamento de Lake, medonhamente devastado. Havia algo de anormal em tudo aquilo — as coesas estranhas que havíamos tentado tão arduamente atribuir à demência de alguém... aqueles túmulos horripilantes... a quantidade e a natureza do material sumido ... Gedney... a dureza fantástica daquelas monstruosidades arcaicas e as estranhas características biológicas que as esculturas mostravam que a raça possuíra... Danforth e eu tínhamos visto muitas coisas nas últimas horas e estávamos dispostos a acreditar em vários segredos espantosos e inacreditáveis de natureza primal, sobre os quais nos calaríamos para sempre.

IX

Já ficou dito que nosso estudo das esculturas decadentes acarretou uma modificação em nosso objetivo imediato. Tal objetivo, naturalmente, tinha relação com as avenidas escavadas na rocha e que demandavam o negro mundo subterrâneo, cuja existência ignorávamos antes, mas que

agora estávamos ansiosos por descobrir e visitar. Pela escala das entalhaduras deduzimos que uma caminhada íngreme de aproximadamente l,*5* quilômetros por qualquer um dos túneis nos levaria à beira dos penhascos estonteantes e trevosos sobre o grande abismo, cujas veredas laterais, melhoradas pelos Antigos, conduziam a praia rochosa do oculto e tenebroso oceano. Parecia impossível resistir à tentação de contemplar esse golfão fabuloso, em sua crua realidade, depois de termos tomado conhecimento dele; no entanto, compreendíamos que teríamos de começar a pesquisa imediatamente, se desejávamos realmente incluí-la em nossa exploração presente.

Eram agora 20 horas e não dispúnhamos de pilhas sobressalentes em quantidade que permitisse deixarmos as lanternas acesas indefinidamente. Tínhamos feito tantos exames e cópias sob o nível glacial que as lanternas tinham sido usadas quase continuamente durante pelo menos cinco horas. Obviamente o suprimento só daria para mais quatro horas, ainda que, mantendo uma lanterna apagada, exceto quando fosse preciso iluminar locais difíceis ou de especial interesse, talvez pudéssemos conseguir uma margem segura além desse tempo. De nada valeria descermos, sem luz, aquelas catacumbas ciclópicas, de modo que para podermos ir até o abismo tínhamos de renunciar a todo o trabalho de deciframento dos murais. Pretendíamos, naturalmente, visitar novamente aquele lugar durante dias ou mesmo semanas, para realizar estudos intensivos e levantamento fotográfico. A curiosidade já suplantara o horror, porém no momento era forçoso apressarmo-nos.

Nosso suprimento de papéis para marcar o caminho estava longe de ser ilimitado e relutávamos a sacrificar blocos de reserva ou as cadernetas de esboços a fim de aumentá-lo, mas terminamos por abrir mão de um grande bloco. Se acontecesse o pior, sempre poderíamos recorrer ao método das lascas nas pedras, e naturalmente seria possível, mesmo no caso de realmente nos perdermos, voltarmos à luz do dia por um ou outro caminho, desde que tivéssemos tempo suficiente para experiências e tentativas. Assim, pois, finalmente seguimos, ansiosos, na direção do túnel mais próximo.

Segundo os entalhes com base nos quais havíamos feito nosso mapa, a procurada boca do túnel não podia estar muito além de 400 metros do local onde nos encontrávamos. O espaço de permeio mostrava edifícios de aspecto sólido que com toda certeza ainda poderiam ser atravessados no nível subglacial. A abertura propriamente dita ficaria no subsolo — no ângulo mais próximo dos contrafortes — de uma vasta estrutura com cinco pontas, de natureza evidentemente pública e talvez cerimonial.

Recapitulando o vôo de reconhecimento das ruínas, não nos lembrávamos de ter visto nenhuma estrutura semelhante a essa, pelo que concluímos que suas partes mais altas tinham sido severamente danificadas, ou que o edifício fora completamente destruído numa fratura glacial que havíamos observado. Dado esse caso, provavelmente constataríamos que o túnel estava obstruído, de modo que teríamos de tentar o outro — o que ficava a cerca de 1,5 quilômetro dali, mais para norte. O leito fluvial intermediário impedia que tentássemos qualquer outro dos túneis do sul naquela excursão. Na verdade, se ambos estivessem obstruídos, era de duvidar que nossas pilhas justificassem uma tentativa com relação a um terceiro, do lado norte — a cerca de l, 5 km de nossa segunda opção.

Enquanto avançávamos pelo escuro labirinto, com a ajuda do mapa e da bússola — atravessando aposentos e corredores em todos os estádios de ruína e de preservação, subindo por rampas que atravessavam andares superiores e pontes e depois voltando a descer, encontrando portais obstruídos e pilhas de escombros, correndo de vez em quando ao longo de trechos magnificamente reservados e fantasticamente imaculados, seguindo por caminhos falsos e refazendo o percurso (em tais casos retirando os marcadores de papel que tínhamos deixado), e vez por outra dando com um poço de ventilação, pelo qual a luz do dia se derramava ou se filtrava — enquanto avançávamos éramos repetidamente tantalizados pelas paredes decoradas que encontrávamos. Muitas deveriam conter relatos de imensa importância histórica, e somente a perspectiva de visitas posteriores fez com que nos conformássemos com a necessidade de não nos determos para examiná-las. Na verdade, já éramos obrigados, de vez em quando, a nos retardar a

acender a segunda lanterna. Se dispuséssemos de mais filme, na certa faríamos breves pausas para fotografar alguns baixos-relevos, mas a lenta cópia a mão estava claramente fora de cogitação.

Mais uma vez chego a um ponto em que se faz muito forte a tentação de hesitar, ou de insinuar antes que afirmar. É necessário, entretanto, revelar o restante a fim, de justificar minha atitude, a de procurar desestimular novas explorações. Havíamos seguido o caminho tortuoso até bem perto do local onde deveria situar-se a abertura do túnel — tendo atravessado uma ponte, na altura do segundo pavimento, que nos levou ao que parecia ser claramente a extremidade de uma parede em ponta, e descido a um corredor em ruínas onde abundavam esculturas tardias, de ornamentação decadente e com fins aparentemente ritualísticos —, quando, pouco antes das 20h30min, as narinas jovens e alertas de Danforth nos proporcionaram o primeiro sinal de alguma coisa anormal. Se tivéssemos um cão conosco, imagino que ele nos teria advertido primeiro. De começo não saberíamos dizer ao certo o que havia de errado com o ar, antes cristalino, mas depois de alguns segundos, nossa memória reagiu com bastante nitidez. Tentarei dizer o que era claramente, seu titubear. Havia um odor... e aquele odor era vaga, sutil e inequivocamente afim do que nos nauseara ao abrirmos o túmulo demente daquele horror que o pobre Lake havia dessecado.

A revelação, naturalmente, não foi tão nítida naquele momento como parece agora, expressada em palavras. Havia várias explanações concebíveis, e trocamos uma longa série de sussurros indecisos. O mais importante foi que não batemos em retirada sem levar avante a investigação. Tendo chegado tão longe, não haveríamos de desistir, salvo diante de desastre iminente. De qualquer forma, aquilo de que devíamos ter suspeitado era absolutamente fantástico demais para que acreditássemos. Tais coisas não aconteciam em qualquer mundo normal. Provavelmente foi o puro instinto irracional que nos levou a reduzir a luz de nossa única lanterna — já não nos tentava mais esculturas decadentes e sinistras que nos olhavam de esguelha, ameaçadoramente, das paredes opressivas —, com o que reduzimos nosso avanço a um caminhar cauteloso na ponta dos pés, pelo chão cada vez mais atulhado de escombros e pelas pilhas de destroços.

Os olhos de Danforth, tanto quanto seu nariz, eram melhores que os meus, pois foi também ele quem primeiro notou o aspecto singular dos escombros depois de havermos passado por muitos arcos semi-obstruídos que levava a câmaras e corredores no andar térreo. O aspecto não era de modo algum o que deveria ser após incontáveis milênios de abandono, e quando, cuidadosamente, aumentamos a luz, percebemos que uma espécie de espaço aberto parecia revelar pegadas recentes. A natureza irregular dos escombros impedia quaisquer marcas claras, porém nos lugares mais limpos havia sutis indícios de que objetos pesados tivessem sido arrastados. Num dado momento, julgamos perceber um leve sinal de raias paralelas, como as deixadas por trenós. Isso nos fez fazer nova pausa.

Foi durante essa pausa que captamos — simultaneamente, dessa vez — o outro odor à frente. Paradoxalmente, era um odor a um só tempo menos e mais assustador. Menos assustador, de um ponto de vista intrínseco, porém infinitamente espantoso naquele local e nas circunstâncias conhecidas... a menos, naturalmente, que Gedney... pois era o cheiro familiaríssimo de petróleo... de gasolina.

Qual terá sido, depois disso, a motivação que nos levou a prosseguir a investigação é coisa que deixarei aos psicólogos. Sabíamos agora que alguma extensão terrível dos horrores do acampamento teria chegado até aquele tenebroso cemitério das eras, e assim não podíamos duvidar mais da existência de condições abomináveis — presentes ou pelo menos recentes — logo adiante. Por fim, no entanto, permitimos que a pura curiosidade... ou a ansiedade... ou o auto-hipnotismo... ou vagas idéias de responsabilidade por Gedney... ou o que fosse... nos impelisse para a frente. Danforth voltou a se referir, num murmúrio, à pegada que ele julgava ter visto na esquina do beco, nas ruínas lá em cima, e aos suaves silvos musicais... potencialmente de significado atroz, em vista do relatório feito por Lake quando da dissecção, apesar de sua clara semelhança com os ecos nas bocas das cavernas dos picos ventosos... silvos esses que Danforth acreditava ter escutado pouco depois, e que viriam dos abismos subterrâneos. Eu, por minha vez, murmurei frases sobre o estado em que ficara o acampamento... sobre o que havia desaparecido e como a loucura de um

sobrevivente solitário poderia ter concebido o inconcebível... um percurso desabalado pelas montanhas monstruosas e uma descida pelas estranhas daquela arquitetura desconhecida, primeva...

Contudo, não tínhamos como persuadir um ao outro, ou mesmo a nós próprios, de qualquer coisa de definido. Havíamos apagado todas as luzes enquanto nos detivemos ali, imóveis, e notamos vagamente que um vestígio da luz externa, que chegava de uma longa distância, impedia que o negror fosse absoluto. Havendo começado a nos mover para diante, automaticamente, guiávamo-nos por clarões ocasionais de nossa lanterna. Os escombros mexidos engendravam uma impressão que não conseguíamos afastar, e o cheiro de gasolina se tornava mais forte. Uma quantidade de ruínas cada vez maior obstava o caminho, até que logo depois percebemos que em breve não seria mais possível qualquer avanço. Tivéramos toda razão quanto à nossa conjectura pessimista sobre aquela fratura, quando vista do ar. Nossa procura do túnel estava fadada à inutilidade, e não poderíamos sequer chegar ao subsolo em que se abria a boca do abismo.

Iluminando as paredes grotescamente esculpidas do corredor em que nos achávamos, vimos várias portas em diversos estados de obstrução; e de uma delas chegava com especial intensidade — submergindo de todo a outra insinuação de odor — o cheiro de gasolina. Prestando maior atenção, constatamos que os escombros naquela abertura específica tinham sido, sem dúvida alguma, remexidos recentemente. Qualquer que fosse o horror que ocultavam, passamos a crer que a explicação era agora patente. Não acredito que alguém se admire de havermos esperado um tempo apreciável antes de nos atrevermos a qualquer outro movimento.

No entanto, quando nos ousamos a transpor aquele arco negro, nossa primeira sensação foi de desapontamento. Naquela cripta esculpida — um cubo perfeito, com lados de aproximadamente seis metros — não havia nenhum objeto de dimensões instantaneamente discerníveis; assim sendo, procuramos por instinto, porém, os olhos de lince de Danforth lobrigaram um ponto em que os detritos do chão haviam sido afastados e acendemos nossas duas lanternas, de modo a que produzissem máxima iluminação. Muito embora o que vimos fosse na verdade simples e desimportante, ainda assim reluto em declarar o que foi , por causa do que aquilo implicava. Aos escombros tinha sido dada uma certa arrumação e sobre eles jaziam vários objetos, espalhados descuidadamente; fora derramada uma considerável quantidade de gasolina e isso acontecera há pouco tempo, pois o cheiro ainda era forte, mesmo naquela altitude do planalto. Em outras palavras, aquilo não era senão uma espécie de acampamento — um acampamento feito por seres inquisitivos e que, tal como nós, tinham sido obrigados a recua ao encontrarem, inesperadamente, bloqueado o caminho para o abismo.

Vou ser claro. Todos os objetos dispersos provinham, no que dizia respeito à sua substância, do acampamento de Lake; e consistiam em latas, abertas de um modo tão singular quanto as que tínhamos visto naquele lugar devastado, muitos fósforos usados, três livros ilustrados, manchados com nódoas curiosas, uma garrafa vazia de tinta ainda na embalagem de papelão, uma caneta-tinteiro quebrada, fragmentos singularmente picotados de peles e de lonas de barraca, uma bateria elétrica usada, com o folheto de instruções, um livreto que acompanhava o tipo de aquecedor de barracas que usávamos, e um punhado de papéis amassados. Tudo isso já era bastante desagradável, mas quando endireitamos os papéis e olhamos o que lia via neles, sentimos que havíamos dado com o pior. Havíamos encontrado no acampamento certas folhas com manchas inexplicáveis, que poderiam ter preparado nosso espírito; no entanto, o efeito daquilo que víamos nas abóbadas pré-humanas de uma cidade de pesadelo era quase insuportável.

No caso de ter perdido a razão, Gedney poderia ter traçado os grupos de pontos, imitando os encontrados nas esteatitas esverdeadas, da mesma forma como podia ter feito também os pontos naqueles dementes túmulos de cinco pontas; e era de imaginar que ele tivesse confeccionado esboços grosseiros e apressados — de variada exatidão ou falta de exatidão — que delineavam as cercanias da cidade e traçavam o caminho desde um lugar representado como um círculo, fora de nossa rota anterior (um lugar que identificamos com uma grande torre cilíndrica nos relevos e como um enorme buraco circular entrevisto em nosso levantamento aéreo), até a presente estrutura em cinco pontas e a boca de túnel que ali ficava.

Ele poderia, repito, ter preparado esses esboços, que víamos à nossa frente, pois obviamente tinham sido compilados, tal como o nosso, com base em esculturas tardias situadas em alguma parte do labirinto glacial, embora não fossem as mesmas que tínhamos visto e utilizado. Entretanto, uma coisa aquele jovem sem qualquer formação artística jamais poderia ter feito: executar aqueles esboços com uma técnica estranha e segura, talvez superior, apesar da pressa e da desatenção, a qualquer um dos relevos decadentes dos quais tinham sido copiados — a técnica característica e inequívoca dos próprios Antigos no apogeu da cidade morta.

Haverá quem diga que Danforth e eu estávamos inteiramente loucos se não saímos dali correndo depois disso, uma vez que nossas conclusões eram agora, apesar de absurdas, inabaláveis e de uma natureza que não preciso sequer mencionar aos que leram meu relato até aqui. Talvez estivéssemos mesmo loucos... Já não disse que aqueles picos horríveis eram as montanhas da loucura? Todavia, creio poder detectar algo da mesma ordem — posto que em forma menos extrema — nos homens que perseguem feras mortíferas nas selvas da África, para fotografá-las ou estudar-lhes os hábitos. Conquanto semi-paralisados de terror, crepitava dentro de nós uma chamazinha de pasmo e curiosidade que por fim veio a triunfar.

Naturalmente não pretendíamos defrontar-nos com aquilo — ou aqueles — que havia estado ali, mas percebíamos que já deviam ter ido embora. Àquela altura Já teriam encontrado a entrada vizinha para o abismo c nela teriam entrado. . . teriam chegado aos fragmentos trevosos do passado que os esperavam no precipício máximo... o precipício supremo que nunca tinham visto. Ou, se também aquela entrada estivesse bloqueada, teriam seguido para norte, em busca de outra. Eram, lembrávamos, em parte independentes de luz.

Recordando aquele momento, não sei dizer ao certo qual a forma precisa que tomaram nossas novas emoções... qual terá sido exatamente a mudança de objetivo imediato que tanto aguçou nossa sensação de expectativa. Decerto não tínhamos intenção de nos defrontarmos com o que temíamos... e, no entanto, não nego que talvez tivéssemos uma vontade secreta e inconsciente de espreitar certas coisas, de algum seguro ponto de observação. Provavelmente não tínhamos renunciado à ânsia de vislumbrar o abismo em si, embora entre nós e essa meta se interpusesse agora um novo objetivo, na forma do grande local circular representado nos esboços amassados que tínhamos encontrado. Nós o havíamos reconhecido incontinenti como uma monstruosa torre cilíndrica que aparecia nas esculturas mais antigas, mas que do alto se mostrava apenas como uma prodigiosa abertura redonda. Alguma coisa na imponência de sua representação, mesmo naqueles diagramas apressados, nos fez pensar que seus níveis subglaciais deviam ainda constituir algo de transcendental importância. Talvez abrigasse maravilhas arquitetônicas que ainda não tivermos encontrado. Era, por certo, de idade inacreditável, a julgar pelas esculturas em que aparecia — contava-se, na verdade, entre as primeiras coisas construídas na cidade. Seus relevos, se ainda subsistiam, não podiam deixar de ter suprema significação. Ademais, aquele local talvez constituísse uma boa ligação com o ar livre — um caminho mais curto do que aquele que tínhamos cuidadosamente marcado; e seria, provavelmente, a rota pela qual aqueles outros tinham descido.

De qualquer forma, o que fizemos foi estudar os espantosos esboços — que confirmavam à perfeição o nosso — e retroceder, pelo caminho indicado, até o local circular: o caminho que nossos inomináveis predecessores tinham percorrido duas vezes antes de nós. A outra entrada próxima para o abismo estaria além daquele local. É escusado descrever nossa jornada, no decurso da qual continuamos a deixar parcimoniosas marcas de papel, pois sua natureza foi em tudo semelhante à daquela pela qual havíamos chegado ao beco sem saída. A única diferença era que aquele caminho tendia a seguir mais pelo andar térreo e até descer a corredores subterrâneos. De vez em quando divisávamos certas marcas inquietadoras nos escombros e no pó; e depois de havermos deixado para trás o cheiro de gasolina, mais uma vez tomamos ligeira consciência, intermitentemente, daquele odor mais hediondo e mais persistente. Depois que o caminho se afastou de nossa rota prévia, vez por outra iluminávamos rapidamente as paredes, observando as esculturas quase onipresentes; com efeito, pareciam ter sido um importante meio expressivo para os Antigos.

Mais ou menos às 2lh30min, atravessando um corredor longo e abobadado, cujo piso cada vez mais gelado parecia um pouco abaixo do nível do solo e cujo teto tornava-se cada vez mais

baixo à medida que avançávamos, começamos a ver luz forte adiante e pudemos desligar a lanterna. Parecia que estávamos chegando ao vasto local circular e que a distância que nos separava do ar livre não podia ser muito grande. O corredor terminava num arco surpreendentemente baixo para aquelas ruínas megalíticas, mas através dele, mesmo antes de sairmos do corredor, podíamos ver muita coisa. Depois do arco estendia-se um prodigioso espaço circular — não teria menos de 60 metros de diâmetro — atulhado de destroços e contendo muitos arcos obstruídos, alinhados com o que estávamos para atravessar. Os espaços disponíveis das paredes apresentavam esculturas que formavam uma faixa espiralada de proporções grandiosas; e exibiam, apesar do desgaste motivado pelas intempéries, um esplendor artístico muito além de tudo quanto já havíamos encontrado. O piso estava muito coberto de gelo, e calculamos que o solo verdadeiro situava-se a uma profundidade consideravelmente maior.

Entretanto, o que mais se destacava ali era a titânica rampa de pedra que, esquivando-se às arcadas através de uma curva pronunciada, subia em espiral pela estupenda parede cilíndrica como uma contrapartida interior daquelas que outrora subiam pelo lado de fora das monstruosas torres ou zigurates da antiga Babilônia. O que nos impedira de perceber do ar aquela passagem, fazendo-nos procurar outro caminho para o nível subglacial, fora a velocidade do vôo e a perspectiva, que confundira a descida com a parede interna da torre. Talvez Pabodie pudesse-nos dizer que espécie de artifício de engenharia a mantinha no lugar, mas a Danforth e a mim só era dado maravilhar-nos. Avistávamos colossais modiIhões e pilares de pedra aqui e ali, mas o que víamos nos parecia inadequado à função cumprida. A coisa mostrava um excelente estado de conservação até o atual topo da torre, fato notável em vista da exposição às intempéries, e seu abrigo contribuíra em muito para proteger as fantásticas e perturbadoras esculturas cósmicas nas paredes.

Ao sairmos para a aterradora semiclaridade daquele monstruoso fundo cilíndrico — com 50 milhões de anos, sem dúvida a estrutura mais antiga dentre todas aquelas antigualhas primais — percebemos que os lados, cortados por rampas, alteavam-se a uma altura vertiginosa, não inferior a vinte metros. Isto, nossa exploração aérea revelava, significava uma glaciação externa de aproximadamente doze metros, já que o buraco escancarado que tínhamos visto ao avião ficava no topo de uma pilha de escombros de aproximadamente seis metros, um tanto protegida até três quartos de sua circunferência pelas imponentes muralhas curvas de uma linha de ruínas mais altas. De acordo com os relevos, a torre original se ergueram centro de uma imensa praça circular e tinha, talvel, 150 ou 180 metros de altura, com camadas de discos horizontais perto do topo e uma fileira de cúspides finas como agulhas ao longo da borda superior. A maior parte da alvenaria ruíra obviamente para o lado de fora, e não para dentro; caso tivesse acontecido o contrário, a rampa poderia ter sido destruída e todo o interior ficaria obstruído. Ainda assim, a rampa revelava um desgaste lamentável, ao passo que a quantidade de escombros era tal que todas as arcadas no fundo pareciam cobertas.

Foi preciso apenas um instante para concluirmos que era aquele, de fato, o caminho pelo qual aqueles outros haviam descido e que seria, outrossim, o caminho lógico para nossa própria subida, apesar da longa trilha de papel que havíamos deixado alhures. A boca da torre não ficava mais distante dos contrafortes e de nosso avião do que o grande edifício escalonado em que havíamos entrado, e qualquer exploração subglacial adicional que realizássemos naquela excursão se daria naquela região geral. Estranhamente, ainda estávamos pensando em possíveis excursões futuras — mesmo depois de tudo quanto havíamos visto e adivinhado. Foi então que, enquanto seguíamos cautelosamente sobre os destroços que recobriam o largo espaço, vimos algo que por algum tempo afastou de nossas mentes tudo mais.

O que vimos foram os três trenós desaparecidos do acampamento de Lake, bem arrumados naquele ângulo mais distante do curso mais baixo da rampa, que até agora nos estivera oculto à visão. Lá estavam eles, um tanto danificados por terem sido arrastados por longos trechos de cantaria, sem neve e escombros, ou transportados por espaços simplesmente intransponíveis. Estavam carregados e amarrados com cuidado, e continham coisas bastante familiares: o aquecedor a gasolina, latas de combustível, caixas de instrumentos, latas de mantimentos, oleados que

obviamente envolviam livros e outros que ocultavam conteúdos menos óbvios — tudo aquilo integrante do equipamento de Lake.

Depois do que havíamos encontrado naquela outra câmara, estávamos de certa forma preparados para aquilo. O choque verdadeiramente grande se deu quando nos aproximamos e desfizemos as amarras de uma trouxa de oleado cujos contornos haviam excitado nossa curiosidade. Ao que parece, outros, além de Lake, tinham-se interessado em coletar espécimes típicos; havia dois ali, congelados, muito bem preservados, com algumas contusões em torno dos pescoços suturadas com esparadrapo, e embrulhados com cuidado para evitar maiores danos. Eram os corpos do jovem Gedney e do cão desaparecido.

X

Muitas pessoas provavelmente nos julgarão insensíveis, além de loucos, por pensarmos sobre o túnel do lado norte e sobre o abismo tão pouco tempo depois de nossa horrenda descoberta, e não estou disposto a dizer que teríamos revivido imediatamente tais idéias se não fosse uma circunstância específica com a qual nos confrontamos reposto o oleado sobre o pobre Gedney e estávamos imóveis, numa espécie de mudo aturdimento, quando os sons finalmente atingiram nossa consciência — os primeiros sons que ouvíamos desde que havíamos saído do ar livre, onde o vento da montanha gemia baixinho, precipitando-se de altitudes demoníacas. Por mais conhecidos que fossem, a presença deles naquele mundo de morte era mais inesperada e enervante do que quaisquer sons grotescos ou fabulosos poderiam ter sido, uma vez que novamente perturbavam todas nossas concepções de harmonia cósmica.

Tivessem aqueles sons qualquer vestígio dos estranhos silvos musicais que o laudo da dissecção de Lake nos havia levado a esperar naqueles seres — e que, na verdade, nossa imaginação exausta vinha escutando em todos os uivos de ventos que ouvíamos desde a visão horrífica do acampamento —, eles teriam como que uma congruência infernal com a região silente que nos rodeava. Uma voz de outras eras fica bem num cemitério de outras eras. Sucedeu, porém, que o ruído fez em pedaços toda nossa aceitação tácita do centro da Antártida como um ermo completa e inapelavelmente destituído de qualquer resíduo de vida normal. O que escutamos não foi a nota fantasiosa de qualquer blasfêmia sepulta da terra prístina, de cuja dureza superna um sol polar, quase extinto, houvesse extraído uma resposta monstruosa. Na realidade, foi algo tão zombeteiramente normal e com o qual estávamos de tal forma familiarizados, desde a travessia marítima ao largo da Terra de Vitória e desde os dias em que havíamos acampado no estreito McMurdo, que nos sobressaltamos ao imaginá-lo ali, onde tais coisas não podiam existir. Para ser sucinto, foi simplesmente o guincho gutural de um pingüim.

O som abafado vinha de desvãos subglaciais quase postos ao corredor pelo qual tínhamos chegado ali — regiões manifestamente na direção daquele outro túnel que levava ao vasto abismo. A presença de uma ave aquática viva naquela direção — num mundo cuja superfície não conhecia qualquer vida desde eras sem fim — só justificava uma conclusão. Por conseguinte, nosso primeiro pensamento foi o de verificar a realidade objetiva do som. Na verdade, ele se repetia e, de vez em quando, parecia provir de mais de uma garganta. Buscando-lhe a fonte, entramos por uma arcada da qual muitos escombros tinham sido afastados, e recomeçamos a marcar o caminho com papéis — tirados, com curiosa repugnância, de uma das trouxas de oleado que estavam nos trenós — quando deixamos para trás a luz do dia.

À proporção que o piso coberto de gelo cedia lugar a uma confusão de detritos, pudemos observar claramente curiosas marcas de objetos arrastados; e num dado momento Danforth descobriu uma pegada nítida cuja descrição seria de todo supérflua. O rumo indicado pelos gritos dos pingüins era bem aquele que nosso mapa e a bússola prescreviam como sendo, aproximadamente, o da boca do túnel mais a norte, e alegramo-nos ao constatar que parecia estar aberta uma passagem, sem ponte, no andar térreo e no pavimento subterrâneo. Segundo o mapa, o

túnel deveria começar na parte inferior de uma grande estrutura piramidal que achávamos estar em excelente estado de conservação, a julgar por vagas lembranças de nossa exploração aérea. A lanterna mostrava a habitual profusão de relevos ao longo do caminho, mas não nos detivemos para examiná-los.

De súbito, uma volumosa forma branca alteou-se diante de nós, e acendemos a segunda lanterna. É estranho pensar até que ponto aquela nova investigação havia desviado nossa atenção dos primeiros medos do que pudesse estar oculto nas proximidades. Aqueles outros seres, depois de deixarem seus despojos no grande espaço circular, deviam ter planejado voltar, após sua expedição exploratória na direção do abismo ou em seu interior. No entanto, havíamos posto de lado toda cautela com relação a eles, como se não existissem. Aquele objeto branco, gigante, teria nada menos de l,80m de altura, mas, ao que parece, percebemos de imediato que não se tratava de um daqueles seres. Estes eram maiores e mais escuros; e, segundo as esculturas, moviam-se em terra com rapidez e segurança, a despeito da estranheza de seu aparelho tentacular, de origem marinha. Todavia, seria falso dizer que aquela coisa branca não nos fez gelar o sangue nas veias. Na verdade, por um instante fomos tomados de um temor primitivo quase mais intenso que o pior de nossos fundados medos com relação àqueles outros seres. Seguiu-se então um instante de anticlímax, quando o vulto branco entrou por uma arcada lateral, à nossa esquerda, para se unir a outros dois, de sua espécie, que o haviam chamado com guinchos guturais. Pois tratava-se tão-somente de um pingüim, ainda que de uma espécie gigantesca e desconhecida, maior que o mais desenvolvido dentre os chamados pingüins-reais, e que combinava, de maneira monstruosa, albinismo e quase total ausência de olhos.

Depois de seguirmos o avejão pela arcada e dirigirmos os fachos das duas lanternas para o trio indiferente, vimos que eram todos albinos cegos, da mesma espécie desconhecida e gigantesca. Pelo tamanho, lembravam-nos alguns dos pingüins arcaicos representados nas esculturas dos Antigos, e não foi preciso muito tempo para concluirmos que descendiam da mesma cepa e que tinham sobrevivido, sem dúvida, por se retirarem para alguma região subterrânea mais quente cujo negrume eterno havia-lhe destruído a pigmentação e lhes atrofiado os olhos, que se reduziam a meras fendas inúteis. Nem por um momento duvidamos que vivam atualmente no vasto abismo que procurávamos; e essa comprovação de que o golfão permanecia quente e habitável encheu-nos das mais curiosas fantasias, sutilmente perturbadoras.

Imaginamos, também, o que teria levado aquelas três aves a abandonarem seu habitat habitual. O estado e o silêncio da grande cidade morta deixavam claro que em nenhum tempo ela fora uma colônia sazonal costumeira, ao passo que a patente indiferença do trio à nossa presença fazia parecer estranho que a passagem de um grupo dos outros seres os tivesse assustado. Seria possível que os tais outros houvessem assumido alguma atitude agressiva ou tentado aumentar seu suprimento de carne? Duvidávamos de que o odor picante a que os cães haviam demonstrado aversão pudesse provocar igual antipatia naqueles pingüins, uma vez que seus ancestrais haviam obviamente coexistido em perfeita harmonia com os Antigos — um relacionamento amistoso que deveria ter sobrevivido no abismo, enquanto restassem quaisquer representantes dos Antigos. Lamentando, num novo assomo daquele velho espírito da ciência pura, não podermos fotografar aquelas criaturas anômalas, logo as deixamos com seus guinchos e seguimos rumo ao abismo, que agora sabíamos com certeza estar aberto, e cuja direção exata as pegadas dos pingüins indicavam.

Logo depois, uma descida íngreme por um corredor longo, baixo, sem portas è peculiarmente destituído de esculturas levou-nos a crer que estávamos por fim chegando à abertura do túnel. Tínhamos passado por mais dois pingüins e ouvíamos outros um pouco adiante. O corredor terminou então num prodigioso espaço aberto, que nos fez arfar involuntariamente. Era um hemisfério invertido perfeito, obviamente escavado muito a fundo na terra; teria nada menos de 30 metros de diâmetro e l5 metros de altura, com arcadas baixas que se abriam por toda a circunferência, menos em um ponto. E esse ponto escancarava-se cavernosamente, com uma abertura negra e arqueada que quebrava a simetria da abóbada, elevando-se a uma altura de quase 15 metros. Era aquela a boca do grande abismo.

Naquele imenso hemisfério, cujo teto côncavo exibia esculturas expressivas, mas decadentes, figurando o céu primordial, gingavam alguns pingüins albinos — estranhos àquele lugar, mas indiferentes e cegos. O túnel negro abria-se para o infinito num declive acentuado, com a abertura ornamentada com jambas e lintéis de grotesco lavor. Tivemos a impressão de que daquela caverna provinha uma lufada de ar um pouco mais quente e até mesmo uma suspeita de vapor. Que espécie de entidades vivas, além de pingüins, poderiam ocultar aquele vazio infinito e os favos contíguos, na terra e nas montanhas? E conjeturamos também se o vestígio de fumarolas nos copos das montanhas, que de início o pobre Late havia suspeitado, bem como a bruma singular que nós próprios havíamos percebido em torno do pico encimado por baluartes, não poderiam ser causados pela emissão de algum vapor como aquele, um vapor que brotasse das regiões ignotas do seio da terra e percorresse canais tortuosos.

Entrando no túnel, notamos que, pelo menos de começo, ele teria cerca de 4,5 metros de cada lado, e que as paredes, o piso e o teto compunham-se da habitual cantaria megalítica. As paredes eram decoradas com cártulas esparsas de desenho convencional, em estilo tardio e decadente; e toda a obra de engenharia e as entalhaduras achavam-se em maravilhoso estado de conservação. O chão estava muito limpo e havia apenas uma leve camada de pó, com pegadas de pingüins, que saíam, e dos outros seres, que entravam. Quanto mais avançávamos, mais aumentava a temperatura; daí a pouco vimo-nos desabotoando os pesados agasalhos. Ficamos a imaginar se não haveria verdadeiramente manifestações ígneas lá embaixo e se as águas do mar trevoso não seriam quentes. Percorrida uma pequena distância, a cantaria cedeu lugar à rocha viva, embora o túnel mantivesse as mesmas proporções e apresentasse o mesmo aspecto de regularidade. De vez em quando, o declive tornava-se tão forte que tinham sido abertos sulcos transversais no piso. Por várias vezes observamos as bocas de pequenas galerias laterais, não registradas em nossos diagramas; nenhuma delas oferecia perigo de complicar nosso retorno e todas nos pareciam possíveis refúgios para o caso de encontrarmos indesejadas entidades de regresso do abismo. O cheiro abominável daquelas criaturas era agora bastante nítido. Sem dúvida, embrenharmo-nos por aquele túnel nas condições conhecidas era de uma tolice suicida, mas a atração do desconhecido é mais acentuada em certas pessoas do que se imagina. Na verdade, fora essa espécie de atração que nos levara, de início, àqueles inóspitos paramos antárticos. Enquanto caminhávamos, víamos vários pingüins e imaginávamos a distância que ainda restava a percorrer. As esculturas nos haviam levado a esperar uma descida de aproximadamente 1,5 quilômetro até o abismo, porém nossas deambulações anteriores haviam mostrado que não podíamos confiar nelas às cegas em questões de escala.

Passados cerca de quinhentos metros, aquele cheiro nauseabundo ganhou muita força e passamos a vigiar com todo cuidado as várias aberturas laterais por que passávamos. Não havia nenhum vapor visível, como na entrada, mas sem dúvida isso se devia à ausência, ali, de um ar mais fresco e contrastante. A temperatura estava aumentando depressa e não ficamos surpresos ao darmos com uma pilha de materiais que nos eram horrorosamente familiares. Compunha-se de peles e lonas de barracas tiradas do acampamento de Lake, mas não paramos para analisar os rasgões estranhíssimos que tinham sido feitos no tecido. Pouco além desse ponto, observamos um positivo aumento no tamanho e no número das galerias laterais e concluímos que havíamos chegado à região densamente esburacada sob os contrafortes mais altos. O odor nauseante mesclava-se agora, curiosamente, com um outro cheiro, em nada menos repulsivo, mas cuja natureza não sabíamos identificar, embora pensássemos em organismos em putrefação e, talvez, desconhecidos fungos subterrâneos. Seguiu-se então um surpreendente alargamento do túnel, para o qual os relevos não nos haviam preparado — uma caverna elíptica, de aspecto natural, mais larga e mais alta, com piso plano, com cerca de 25 metros de comprimento e 15 de largura, e com muitas passagens laterais, imensas, que conduziam aos secretos negrumes.

Ainda que aquela caverna tivesse aspecto natural, uma inspeção com as duas lanternas indicou que fora formada pela destruição artificial de várias paredes entre favos adjacentes. Tinha os lados ásperos e o teto, abobadado, mostrava-se tomado de estalactites. No entanto, o piso, em rocha viva, havia sido alisado e estava livre de quaisquer escombros, detritos ou, possivelmente, até poeira, num grau positivamente anormal. Com exceção do caminho pelo qual viéramos, o mesmo se podia

dizer dos pisos de todas as grandes galerias que dele saíam; e essa circunstância era de tal modo singular que causava perplexidade. O estranho fedor que se havia somado ao odor repugnante era ali tremendamente cáustico, a ponto de obliterar qualquer vestígio do outro. Havia alguma coisa naquele lugar, com seu chão polido e quase reluzente, que se nos afigurava mais enigmático e horrível, ainda que indefinidamente, que qualquer outra das circunstâncias monstruosas que já tínhamos encontrado.

A regularidade do caminho que ficava imediatamente à frente, assim como a maior proporção dos detritos de pingüins ali depositados, impediam qualquer confusão quanto ao rumo correto em meio àquela pletora de bocas de caverna, todas igualmente grandes. Mesmo assim, decidamos retomar a marcação com papéis, para o caso de surgir alguma dificuldade, pois, naturalmente, não podíamos esperar que dali em diante houvesse pegadas na poeira. Ao recomeçarmos a caminhada, jogamos um facho de luz sobre as paredes do túnel... e nos detivemos, assombrados, diante da modificação radicalíssima sofrida pelos relevos naquela porção do caminho. Percebíamos, é claro, a grande decadência da escultura dos Antigos à época da abertura do túnel e havíamos, de fato, observado a qualidade inferior dos arabescos nos trechos por que havíamos passado. Agora, porém, naquele trecho mais profundo, além da caverna, notava-se uma diferença repentina que se furtava a qualquer explicação — tanto quanto em natureza básica, havia também uma diferença de qualidade, e que envolvia tão profunda e calamitosa degradação artística que nada no ritmo de declínio até então observado levaria alguém a esperá-la.

Aquela obra degenerada era grosseira, bruta e inteiramente sem esmero quanto aos pormenores. A depressão dos altos-relevos era de uma profundidade exagerada e as faixas seguiam a mesma linha geral das cártulas esparsas dos trechos anteriores; no entanto, a altura dos relevos não chegava ao nível da superfície geral. Danforth aventou a hipótese de tratar-se de um segundo entalhamento — uma espécie de palimpsesto executado após a obliteração de um desenho anterior. Era de natureza inteiramente decorativa e convencional e consistia em espirais e ângulos grosseiros que obedeciam, aproximadamente, à tradição matemática de base cinco dos Antigos; no entanto, mais lembrava uma paródia do que a perpetuação de tal tradição. Não conseguíamos afastar da mente a idéia de que algum elemento, sutil mas profundamente alienígena, havia sido acrescentado ao senso estético subjacente à técnica — um elemento exótico, conjecturava Danforth, que era responsável pela penosa substituição. Aquela arte era semelhante, e ao mesmo tempo incomodamente dessemelhante, à que tínhamos passado a reconhecer como sendo a dos Antigos; e me acorriam ao espírito, com persistência, coisas híbricas como as deselegantes esculturas de Palmira, talhadas à romana. Outros haviam recentemente observado aquela faixa de esculturas; isso era indicado pela presença de uma pilha usada de lanterna, no chão, diante de uma das cártulas mais características.

Como não podíamos perder tempo, retomamos o caminho após um exame superficial, embora lançássemos com freqüência fachos de luz pelas paredes, para ver se surgiam novas alterações decorativas. Não constatamos nada nesse sentido, ainda que em certos pontos as esculturas se mostrassem esparsas, devido às numerosas entradas de túneis laterais, que tinham os pisos limpos. Víamos e ouvíamos cada vez menos pingüins, mas Julgamos ter captado uma vaga suspeita de um coro deles, infinitamente distante, nas profundezas da terra. O novo e inexplicável odor era abominavelmente intenso e mal conseguíamos detectar qualquer resquício daquele outro cheiro inominável. Baforadas de vapor visível, à nossa frente, anunciavam crescentes contrastes de temperatura e a relativa proximidade dos tenebrosos penhascos marinhos do grande abismo. Então, inesperadamente, avistamos certas obstruções no pavimento polido — obstruções que, decididamente, não eram pingüins — e acendemos a segunda lanterna, depois de nos certificarmos que os objetos estavam imóveis.

XI

Mais uma vez chego a um ponto em que me é difícil prosseguir. Seria de esperar que neste ponto eu já estivesse empedernido. No entanto, há experiências e contingências que ferem fundo demais para que se curem as cicatrizes e que deixam tamanha sensibilidade que a memória reacende todo o horror original. Como eu disse, vimos à nossa frente certas obstruções no chão luzidio; e talvez convenha aduzir que nossas narinas foram quase simultaneamente assaltadas por uma curiosíssima intensificação do estranho fedor geral, agora claramente mesclado com o ranço inominável daqueles outros seres que por ali tinham passado antes. A luz da segunda lanterna não deixava dúvida quanto à natureza das obstruções e só nos atrevemos a continuar porque podíamos ver, mesmo a distância, que estavam tão incapacitados a nos fazer mal quanto os seis espécimes similares que haviam sido desenterrados dos monstruosos túmulos decorados com pentáculos no acampamento do pobre Lake.

Com efeito, estavam tão incompletos quanto a maioria daqueles que havíamos exumado — ainda que fosse claro, a julgar pela poça densa e verde-escura que se juntava em torno deles, que sua desinteireza era infinitamente mais recente. Parecia haver apenas quatro deles, ao passo que os boletins de Lake levavam a crer que pelo menos oito formavam o grupo que nos haviam precedido. Encontrá-los naquele estado era algo de todo inesperado, e ficamos a imaginar que espécie de conflitos monstruosos ocorrera ali embaixo, nas trevas.

Quando atacados em conjunto, os pingüins revidam selvagemente com os bicos e nossos ouvidos garantiam agora a existência de uma colônia deles, mais adiante. Teriam aqueles seres perturbado o lugar e provocado mortífera represália? As obstruções não corroboravam essa idéia, pois o ataque de bicos de pingüins contra os tecidos tenazes que Lake havia dissecado de forma alguma podia explicar as lesões generalizadas que começávamos a perceber enquanto caminhávamos. Além disso, as gigantescas aves cegas tinham dado sanais de serem singularmente pacíficas.

Houvera, então, uma luta entre aqueles seres, e seriam os quatro ausentes os responsáveis? Nesse caso, onde estavam? Estariam porventura próximos, podendo constituir uma ameaça iminente a nós? Vigiávamos ansiosamente as passagens laterais, com seus pisos lisos, enquanto prosseguíamos com vagar e franca relutância. Qualquer que tivesse sido o conflito, fora ele evidentemente que assustara os pingüins, levando-os a se afastarem dali, o que não lhes era típico. Portanto, a luta devia ter-se iniciado perto daquela colônia cujos sons ouvíamos debilmente e que se situava no abismo incalculável à frente, porquanto não havia sinal de que as aves normalmente vivessem ali. Talvez, refletimos, tivesse ocorrido uma medonha luta, acompanhada de fuga, com os contendores mais fracos procurando retroceder para as galerias ocultas, onde os perseguidores acabaram com eles. Podíamos visualizar a peleja demoníaca, entre entidades indizivelmente monstruosas, rebentando no abismo negro, com grandes bandos de pingüins fonéticos guinchando e correndo em debandada.

Digo que nos aproximamos daquelas obstruções esparramadas e incompletas com vagar e relutância. Quisera Deus que não houvéssemos nos aproximado em absoluto, que houvéssemos dado às de vila-diogo, fugindo daquele túnel tétrico de pisos lisos e gosmentos, no qual os murais degenerados arremedavam e ironizavam aquilo que haviam suplantado... Oxalá houvéssemos batido em retirada antes de vermos o que vimos e antes que nosso espírito fosse cauterizado por algo que jamais há de nos permitir respirar com tranqüilidade novamente!

Nossas duas lanternas estavam voltadas para os objetos prostrados, de sorte que logo percebemos o fator dominante em sua desinteireza. Mutilados, comprimidos, torcidos e vazados como estivessem, todos tinham em comum a decapitação radical. De cada um deles havia sido arrancada a cabeça estreliforme e tentaculada; e ao nos aproximarmos verificamos que o processo de remoção mais lembrava alguma sucção infernal do que qualquer forma ordinária de mutilação. O fétido icor verde-escuro formava uma poça crescente; mas seu mau-cheiro era semi-eclipsado pelo fedor mais novo e mais estranho, ali mais pungente que em qualquer outro lugar de nossa rota. Só quando chegamos bastante perto das obstruções esparramadas foi que pudemos relacionar aquele segundo e inexplicável fedor a uma fonte imediata — e no instante em que isso aconteceu, Danforth, recordando certas esculturas muito vívidas da história dos Antigos na Era Permiana, há

150 milhões de anos, emitiu um grito torturado que ecoou histericamente por aquele corredor abobadado e arcaico, de relevos repulsivos.

Por pouco eu próprio não lhe fiz coro, pois também vira aquelas esculturas primais e havia admirado, com calafrios, o modo como o artista desconhecido havia sugerido aquela camada medonha de limo encontrada em certos Antigos mutilados e prostrados — aqueles que os horripilantes Shoggoths haviam, caracteristicamente, sugado e decapitado hediondamente na grande guerra de ressubjugação. Eram esculturas infames, de pesadelo, mesmo quando narravam atos passados havia éons e éons; pois os Shoggoths e suas obras não deveriam ser vistos por seres humanos ou representados por quaisquer criaturas. O louco autor do *Necronomicon* havia nervosamente tentado jurar que jamais um deles era gerado neste planeta e que somente em sonhos induzidos por estupefacientes alguns insanos haviam-nos concebido. Protoplasmas amorfos, capazes de imitar e refletir todas as formas de órgãos e processos... aglutinações pegajentas de células borbu-lhantes... elásticos esferóides de cinco metros, infinitamente plásticos e dúcteis... escravos da sugestão, construtores de cidades... cada vez mais arrogantes, cada vez mais inteligentes, mais e mais ambiciosos, mais e mais miméticos! Deus Todo-Poderoso! Que loucura fizera com que mesmo aqueles blasfemos Antigos ousassem utilizar e engendrar tais coisas?

E agora, no momento em que Danforth e eu vimos o lodo negro, de uma cintilação recente e espelhante iridescência, que se aderia densamente aos corpos degolados e exalava aquele horrendo fedor, novo e desconhecido, cuja causa só uma imaginação desvairada poderia fantasiar... aquele limo que aderia aos corpos e brilhava com menos intensidade numa parte lisa da parede execravelmente esculpida numa série de pontos agrupados... naquele momento compreendemos de maneira suprema o que é um terror cósmico. Não era medo daqueles quatro seres desaparecidos. . . pois tínhamos bons motivos para suspeitar que não voltariam a fazer qualquer mal. Infelizes! Afinal, não eram representantes de uma raça intrinsecamente torpe e perversa. Eram os homens de outra era e de outra ordem de existência. A natureza havia-lhes pregado uma peça diabólica — como fará a outros que a loucura, a insensibilidade ou a crueldade humana venham ao futuro exumar naquele ermo polar horridamente morto ou adormecido — e assim terminaria para eles a trágica volta ao lar. Não tinham sido sequer selvagens... pois, na verdade, o que tinham feito? Aquele horrível despertar no frio de uma época desconhecida... talvez um ataque dos quadrúpedes peludos, que latiam com frenesi, e uma defesa atônita contra eles e contra os igualmente frenéticos símios brancos com estranhos envoltórios e equipamentos... Pobre Lake, pobre Gedney.... e pobres Antigos! Cientistas até o fim... o que haviam feito que não faríamos em seu lugar? Deus, que inteligência, que persistência! Com que denodo haviam enfrentado o inacreditável, da mesma forma como aqueles parentes e ancestrais esculpidos haviam enfrentado coisas só um pouco menos inacreditáveis! Radiados, vegetais, monstruosidades, progênie das estrelas... não importa o que tivessem sido, eram homens!

Haviam atravessado os cumes nevados, em cujas encostas pontilhadas de templos tinham outrora prestado culto, e vagueado entre os fetos arbóreos. Haviam encontrado a cidade morta entregue à sua maldição e, tal como nós, haviam lido a história esculpida de seus últimos dias. Haviam tentado alcançar seus irmãos vivos em profundezas de terrível negrume, que jamais haviam contemplado... e o que tinham achado? Tudo isso passou como um relâmpago por nossos pensamentos enquanto desviávamos o olhar daqueles vultos decapitados e cobertos de lodo e o dirigíamos para as horríveis esculturas em palimpsesto e para os infernais grupos de pontos, feitos com limo fresco, na parede ao lado delas... enquanto olhávamos e entendíamos o que devia ter triunfado e sobrevivido lá embaixo, na ciclópica cidade aquática daquele abismo trevoso e orlado de pingüins, de onde naquele instante mesmo uma sinistra névoa ondulante havia começado a eructar palidamente, como que em resposta ao grito histérico de Danforth.

O choque causado pela compreensão do que significavam aquele limo monstruoso e a decapitação havia-nos petrificado, transformando-nos em estátuas mudas e imóveis, e só por conversas posteriores foi que pudemos definir cabalmente nossos pensamentos naquele momento. Nossa impressão foi de que nos detivemos ali por milênios, mas na verdade não pode ter sido por mais de dez ou quinze segundos. Aquela névoa odienta e pálida ondulava-se em nossa direção como

que verdadeiramente impulsionada por algum vulto, mais remoto, que avançasse... e escutamos então um som que abalou grande parte do que tínhamos acabado de decidir e, ao assim fazer, rompeu o encantamento e nos possibilitou sair em louca disparada, entre pingüins confusos e guinchantes, retrocedendo por nossa trilha de volta à cidade, passando por megalíticos corredores enterrados no gelo até o grande círculo aberto, subindo aquela arcaica rampa espiralada numa arremetida frenética e automática em busca do sadio ar livre e da luz do dia.

O novo som, como declarei, abalou muito do que havíamos decidido, pois era aquilo que a dissecção feita pelo pobre Lake nos levava a atribuir aos que tínhamos julgado mortos. Era, disse-me Danforth mais tarde, exatamente o que ele havia captado em forma infinitamente abafada quando estávamos naquele ponto além da esquina do beco acima do nível glacial. E por certo mostrava uma malsã semelhança com as sibilações que ambos tínhamos escutado em torno das altas cavernas das montanhas. Ainda que ao risco de parecer pueril, acrescentarei uma coisa mais, ao menos por causa da maneira surpreendente como as impressões de Danforth coincidiram com as minhas. Foram, naturalmente, as mesmas leituras que nos predispuseram à mesma interpretação, ainda que Danforth tenha aludido a idéias estranhas relativas a fontes insuspeitadas e interditas a que Poe talvez tenha tido acesso ao redigir seu *Artuir Gordon Pym*, há um século. Todos hão de lembrar que naquele conto fantástico lia uma palavra de significado desconhecido, porém terrível e prodigioso, ligada à Antártida e gritada eternamente pelas gigantescas aves, espectralmente nevosas, do interior daquela maligna região. *"Tekeli-li! Tekeli-li!"* Isso, admito, foi precisamente o que julgamos escutar naquele súbito som que precedia a bruma branca que avançava — aquele insidioso silvo musical, que cobria várias oitavas.

Já corríamos à toda antes que as três notas ou sílabas tivessem sido emitidas, embora soubéssemos que a rapidez dos Antigos possibilitaria a qualquer sobrevivente do massacre, despertado pelo grito de Danforth, a nos capturar instantaneamente, se realmente quisesse fazê-lo. Nutríamos, todavia, vaga esperança de que uma conduta plácida e uma demonstração de razão levassem tal ser a. nos poupar, ao menos por curiosidade científica, se fôssemos apanhados. Afinal de contas, se tal criatura nada tinha a temer, não teria qualquer motivo para nos fazer mal. Sendo inútil, nas circunstâncias, procurarmos nos esconder, usamos a lanterna para ver o que se passava às nossas costas, ainda correndo, e constatamos que a névoa estava minguando. Haveríamos de ver, finalmente, um espécime vivo e intacto daqueles seres? Mais uma vez escutamos aquele insidioso sibilo musical — *"Tekeli-li! Tekeli-li!"*

Então, notando que na verdade estávamos aumentando a distância que nos separava de nosso perseguidor, ocorreu-nos que talvez a entidade estivesse ferida. Contudo, não iríamos correr nenhum risco, pois era óbvio que ela estava-se aproximando em resposta ao grito de Danforth, e não por fugir de qualquer outra entidade. A reação tinha sido por demais imediata para permitir dúvida. Quanto ao paradeiro daquele pesadelo menos concebível e menos mencionável — aquela montanha fétida de protoplasma que emitia lodo, cuja raça havia conquistado o abismo e enviado pioneiros terrestres para re-esculpir os caminhos pelos quais se contorcia —, não podíamos formar nenhuma conjectura; e só ao custo de uma dor genuína abandonamos aquele Antigo provavelmente mutilado — talvez um sobrevivente solitário — ao perigo de recaptura e de um destino impronunciável.

Graças a Deus não diminuímos nossa corrida. A névoa ondulante havia-se adensado de novo e era impelida com crescente velocidade, enquanto os pingüins desgarrados às nossas costas guinchavam, gritavam e mostravam sinais de um pânico realmente surpreendente em vista de sua perplexidade relativamente pequena ao passarmos por eles. Mais uma vez sobreveio aquele silvo sinistro e em várias oitavas — *"Tekeli-li! Tekeli-li!"* Havíamos incorrido em erro. A coisa não estava ferida, mas havia simplesmente feito uma pausa ao dar com os corpos dos camaradas abatidos e a informal inscrição feita a lodo sobre eles. Jamais poderíamos saber o que dizia a mensagem demoníaca... mas aquelas tumbas no acampamento de Lake haviam mostrado quanta importância os seres atribuíam a seus mortos. Nossa lanterna, prodigamente usada, revelava à frente a imensa caverna aberta, para a qual convergiam vários caminhos, e agradou-nos deixar para trás aquelas mórbidas esculturas em palimpsesto, quase sentidas mesmo quando praticamente não eram vistas.

Outro pensamento inspirado pelo aparecimento da caverna foi a possibilidade de despistarmos nosso perseguidor naquele assombroso foco de grandes galerias. Havia vários dos pingüins albinos e cegos no espaço aberto e parecia claro que o medo que sentiam diante da aproximação da entidade era extremo, levando-os ao desvario. Se naquele ponto diminuíssemos a luz da lanterna ao mínimo indispensável para prosseguirmos na fuga, mantendo-a apontada rigorosamente à frente, era possível que os assustados movimentos gingantes das aves imensas, em meio à névoa, abafasse nossos passos, encobrisse nosso verdadeiro rumo e de alguma forma criasse uma pista falsa. Em meio ao nevoeiro espiralante e em revolução, daquele ponto em diante, o piso cheio de escombros do túnel principal, tão diferente dos demais caminhos morbidamente polidos, dificilmente apareceria com grande clareza; nem mesmo, até onde podíamos imaginar, para aqueles sentidos especiais que, em emergências, tornavam os Antigos em parte, ainda que imperfeitamente, independentes da luz. Na verdade, nós próprios de certa forma temíamos que, na pressa, nos perdêssemos. Havíamos, naturalmente, decidido seguir em linha reta, na direção da cidade morta, uma vez que as conseqüências de nos perdermos naquele meandro de passagens desconhecidas dos contrafortes seriam inimagináveis.

O fato de havermos sobrevivido e chegado ao ar livre é prova bastante de que a coisa realmente enveredou por uma galeria errada, ao passo que, providencialmente, seguimos pela correta. Sozinhos, os pingüins não nos poderiam ter salvo, mas em combinação com a névoa parecem tê-lo conseguido. Somente um destino benigno mantiveram os vapores ondulantes suficientemente densos no momento certo, pois estavam sempre virando de um lado para outro e ameaçando desaparecerem. Com efeito, dissiparam-se por um segundo, pouco antes de emergirmos do túnel nauseantemente reesculpido e entrarmos na caverna; com isso, na verdade tivemos um primeiro e único vislumbre da entidade que se aproximava, quando lançamos para trás um último e desesperado olhar, repleto de temor, antes de reduzirmos a luz e nos misturarmos aos pingüins, na esperança de nos esquivarmos à perseguição. Se o destino que nos protegeu foi benigno, aquele que nos proporcionou entrever a entidade foi infinitamente oposto — pois àquele relâmpago de semivisão podemos atribuir pelo menos metade do horror que desde então ronda nossas vidas.

A motivação precisa de novamente olharmos para trás terá sido, talvez, o mero instinto imemorial que leva o perseguido a avaliar a natureza e o rumo do perseguidor; ou quiçá foi uma tentativa automática de responder a uma pergunta subconsciente levantada por um de nossos sentidos. No meio de nossa fuga, com todas as faculdades concentradas no problema de escapar, não estávamos em condições de observar e analisar pormenores; no entanto, mesmo assim nossas latentes células cerebrais devem ter-se surpreendido com a mensagem que lhes era levada por nossas narinas. Mais tarde compreendemos o que era — que o afastamento do fétido revestimento de limo daquelas obstruções decapitadas e a simultânea aproximação da entidade perseguidora não haviam trazido a troca de fedores que a lógica determinava. Na vizinhança dos seres prostrados, aquele novo fedor, inexplicável, predominara com força; mas àquela altura ele já deveria ter dado lugar ao abominável mau-cheiro associado com aqueles seres. Isso não acontecera... pois, ao contrário, o odor mais novo e menos tolerável mantinha-se praticamente o mesmo, ganhado até uma peçonhenta insistência a cada segundo.

Por isso olhamos para trás ao mesmo tempo, por assim dizer, muito embora, sem dúvida, o movimento inicial de um de nós tenha provocado o mesmo ato por parte do outro. Ao fazê-lo, dirigimos as duas lanternas, com toda sua intensidade luminosa, para a névoa momentaneamente rala, fosse por pura ansiedade primitiva de vermos tudo que pudéssemos ou, num esforço menos primitivo, mas igualmente inconsciente, de ofuscar a entidade antes de quase apagarmos as luzes e nos metermos entre os pingüins no centro labiríntico à frente. Ato infeliz! Nem o próprio Orfeu, nem a mulher de Lot pagaram mais caro por um olhar sobre o ombro. E mais uma vez sobreveio aquele silvo chocante, enregelante... *“Tekeli-li! Tekeli-li”*

Convém ser franco, mesmo que eu não ouse ser de todo direto, e dizer o que vimos, muito embora no momento achássemos que não era uma coisa que pudéssemos admitir, mesmo um para o outro. As palavras que chegam ao leitor não logram sequer sugerir a bestialidade da visão. Ela paralisou nossa consciência tão completamente que admiro nos haver restado bom senso para

reduzirmos a luz das lanternas, tal como planejado, e entrarmos pelo túnel certo, rumo à cidade morta. Só o instinto nos deve ter levado adiante... talvez melhor do que a razão poderia fazer. No entanto, se foi isso que nos salvou, pagamos alto preço; decerto sobrou-nos muito pouca razão.

Danforth estava totalmente fora de si e a primeira coisa que me recordo do resto do percurso foi ouvi-lo entoar, como se houvera perdido o juízo, uma fórmula histérica na qual apenas eu, em toda a humanidade, poderia encontrar alguma coisa além de insana irrelevância. Ela reverberava, em ecos esganiçados, entre os guinchos dos pingüins; reverberava entre as abóbadas à nossa frente e — graças a Deus — pelas abóbadas agora vazias atrás. Ele não pode tê-la começado imediatamente, pois dessarte não estaríamos vivos e correndo cegamente. Estremeço ao pensar o que uma mínima diferença em suas reações nervosas poderia ter acarretado.

"South Station Under... Washington Under... Park Street Under... Kendall... Central... Harvard..." O infeliz estava a enunciar as conhecidas estações do túnel Boston-Cambridge, que corria sob nosso pacífico solo nativo, a milhares de milhas dali, na Nova Inglaterra, mas para mim o ritual não tinha irrelevância nem traduzia saudades do lar. Transmitia apenas horror, porque eu sabia, com absoluta certeza, qual nefanda analogia o havia sugerido. Havíamos esperado, ao olharmos para trás, avistar uma terrível e inacreditável entidade semovente, se as névoas estivessem bastante ralas; daquela entidade tínhamos formado uma idéia clara. O que realmente vimos — pois as névoas estavam malignamente ralas — foi algo inteiramente diferente e incomensuravelmente mais hediondo e repulsivo. Era a encarnação completa e objetiva da "coisa que não devia existir" do romancista fantástico; e sua mais próxima analogia compreensível é um vasto e veloz trem de metro, tal como é visto de uma plataforma de estação — a grande frente negra avultando colossalmente a uma infinita distância subterrânea, constelada de estranhas luzes coloridas e preenchendo um túnel prodigioso tal como um pistão enche um cilindro.

Entretanto, não estávamos numa plataforma de estação. Estávamos nos trilhos à sua frente, enquanto a coluna plástica de pesadelo, feita de uma iridescência negra e fétida escorria para a frente, através de seu sínus de 4,5 metros, ganhando uma ímpia velocidade e impelindo uma nuvem espiralante e novamente espessa do pálido vapor do abismo. Era uma coisa terrível, inacreditável, mais vasta do que qualquer trem subterrâneo — um montão informe de bolhas protoplásmicas, ligeiramente luminosa e com miríades de olhos temporários, que se formavam e se desfaziam como pústulas de luz esverdeada em sua fachada que enchia o túnel e investia contra nós, esmagando os frenéticos pingüins e deslizando sobre o piso reluzente que ele e os de sua espécie haviam deixado horrendamente livre de qualquer grão de pó. E ao mesmo tempo emitia aquele brado medonho, zombeteiro — *"Tekeli-li! Tekeli-li!" — e* por fim nos lembramos de que os demoníacos Shoggoths — aos quais os Antigos, exclusivamente, haviam dado vida, pensamentos e configurações físicas plásticas, e que não tinham outra linguagem senão aquela que os grupos de pontos expressavam — não tinham igualmente outra voz senão os sons de seus desaparecidos senhores, que imitavam.

XII

Danforth e eu temos lembranças de sairmos para o grande hemisfério esculpido e de refazermos o caminho que havíamos percorrido através dos ciclópicos aposentos e corredores da cidade morta; no entanto, são puramente fragmentos de sonhos, não compreendem nenhuma memória de volição, pormenores ou esforço físico. Era como se boiássemos em um mundo ou dimensão nebulosa, sem tempo, causação ou orientação. A luz acinzentada do vasto espaço circular nos acalmou um pouco; entretanto, não nos aproximamos daqueles trenós escondidos nem olhamos de novo para o pobre Gedney e para o cão. Descansam num estranho e titânico mausoléu, e rezo para que o fim deste planeta os encontre ainda em paz.

Foi enquanto nos esfalfávamos pela colossal rampa em espiral que sentimos pela primeira vez a fadiga terrível e a falta de fôlego que nossa corrida, no ar rarefeito do planalto, havia produzido. No entanto, nem mesmo o medo do colapso nos faria parar antes de chegarmos ao reino exterior, normal, de sol e céu. Houve algo de vagamente apropriado em nossa despedida daquelas

eras soterradas; enquanto dávamos voltas, ofegantes, subindo o cilindro de 20 metros de cantaria primeva, vislumbramos a nosso lado um contínuo cortejo de esculturas heróicas, na técnica primitiva e ainda não decadente da raça extinta — um adeus dos Antigos, gravados havia 50 milhões de anos.

Saindo finalmente da rampa, aos trambolhões, encontramo-nos sobre uma enorme pilha de rochas caídas, com as paredes curvas de uma edificação mais alta erguendo-se na direção de oeste e os picos altaneiros das grandes montanhas surgindo além das estruturas mais danificadas, no lado leste. O baixo sol antártico da meia-noite assomava, avermelhado, no horizonte meridional, através de aberturas nas ruínas denteadas, e a idade e o silêncio terríveis da cidade de pesadelo pareciam ainda mais gritantes em contraste com coisas relativamente conhecidas e habituais como os elementos da paisagem polar. O céu era uma massa agitada e opalescente de tênues vapores glaciais e o frio gelava-nos as estranhas. Descansando no chão as sacolas a que nos havíamos agarrado por instinto durante a fuga desesperada, tornamos a abotoar nossos agasalhos pesados para a descida dificultosa pela pilha de escombros e a caminhada pelo imemorial labirinto de pedra até os contrafortes, onde esperava nosso avião. Sobre aquilo que nos havia posto em fuga desabalada da escuridão dos abismos secretos e arcaicos da terra, nem uma palavra dissemos.

Em menos de um quarto de hora havíamos localizado o aclive íngreme para os contrafortes — a provável esplanada antiga — e podíamos ver o vulto escuro do grande aeroplano entre as ruínas esparsas da encosta. Ao transpormos a metade do caminho, paramos para um breve repouso e nos voltamos para ver de novo o emaranhado fantástico de inacreditáveis formas de pedra, mais uma vez silhuetadas misticamente contra o céu do oeste desconhecido. Percebemos então que o céu daquele lado havia perdido a nebulosidade da manhã; os inquietos vapores glaciais haviam-se transferido para o zênite, onde seus contornos zombeteiros pareciam prestes a assumir algum desenho extravagante, que temiam tornar inteiramente definido ou concludente.

Revela-se agora no horizonte branquíssimo, por trás da cidade grotesca, uma linha fosca e misteriosa de pináculos violetas, cujas alturas aguçadas agigantavam-se, como em sonho, contra o róseo do céu ocidental. Na direção dessa orla tremeluzente subia o planalto antigo, que o curso deprimido do rio desaparecido atravessava como uma fita irregular de sombra. Por um instante admiramos, boquiabertos, a beleza cósmica e sobrenatural da cena, mas a seguir um vago horror começou a se instalar em nossas almas. Pois aquela longínqua linha violácea não podia ser senão as terríveis montanhas da terra interdita — os mais altos picos terrestres, o foco do mal na Terra; refúgios de horrores inomináveis e segredos arqueanos; evitadas e cultuadas por aqueles que temiam esculpir na pedra o que elas significavam; não conhecidas por qualquer criatura viva da terra, mas visitadas pelos raios sinistros e origem de fachos estranhos que brincavam mas planícies na noite polar — indubitavelmente o arquétipo desconhecido daquele temido Kadath do Ermo Gélido, além da execrável Terra de Leng, a que as lendas primais fazem alusões evasivas.

A crermos na exatidão dos mapas e desenhos esculpidos da cidade pré-humana, aquelas crípticas montanhas violetas não podiam estar a muito menos de 500 quilômetros de distância; no entanto, seus delineamentos foscos e misteriosos apareciam nitidamente acima daquela borda remota e nevosa, como o contorno serrilhado de um monstruoso planeta alienígena na iminência de nascer num céu pouco habitual. A altitude daquelas montanhas, portanto, deveriam evadir-se a qualquer comparação — levava-as a tênues camadas atmosféricas povoadas apenas por fantasmas gasosos, sobre os quais intimoratos aeronautas mal conseguiram emitir uma referência em sussurro, após quedas inexplicáveis. Olhando-as, eu pensava nervosamente em certas alusões, esculpidas, a coisas que o grande rio desaparecido havia transportado para a cidade, depois de arrastá-las de suas encostas malditas — e imaginava o quanto de bom senso e o quanto de loucura teriam formado os medos daqueles Antigos, que as haviam esculpido com tamanha reticência. Lembrei que a extremidade setentrional daqueles colossos deviam chegar perto da costa na Terra da Rainha Mary, onde naquele exato momento a expedição de Sir Douglas Mawson estava trabalhando, a cerca de 1.600 quilômetros de onde nos encontrávamos. E orei para que os fados aziagos não propiciassem a Sir Douglas e a seus homens um vislumbre do que talvez se escondesse por trás da protetora

cordilheira litorânea. Tais idéias davam uma medida de meu estado de fadiga no momento — e Danforth parecia estar em situação ainda pior.

Entretanto, bem antes de passarmos pela grande ruína em forma de estrela e chegarmos a nosso avião, nossos temores haviam-se transferido para a cordilheira menor, mas também descomunal, que voltaríamos logo a transpor. A partir daqueles contrafortes, as encostas negras e pontilhadas de ruínas se erguiam nítida e hediondamente contra o leste, mais uma vez nos recordando aquelas estranhas pinturas asiáticas de Nicholas Roerich. E quando pensávamos nas assustadoras entidades informes que poderiam ter levado sua substância fétida e contorcente até mesmo aos mais elevados pináculos ocos, não podíamos encarar sem pânico a perspectiva de mais uma vez passar por perto daquelas sugestivas bocas de cavernas, voltadas para o céu, onde o vento arrancava sons semelhantes a um hórrido silvo musical. Para agravar as coisas, avistamos sinais claros de névoa em torno de diversos cumes — os mesmos que o pobre Lake devia ter visto quando cometeu o erro inicial, pensando em vulcanismo — e lembramos, com calafrios, daquela névoa aparentada de que tínhamos acabado de escapar; dela e do abismo blasfemo, horrorífico, de onde provinham tais vapores.

Tudo estava bem no avião e desajeitadamente vestimos os pesados casacos de vôo. Danforth ligou o motor sem problemas e fizemos uma decolagem tranqüila sobre a cidade de pesadelo. Abaixo de nós, a ciclópica arquitetura primal se esparramava tal como da primeira vez que a tínhamos visto, e começamos a ganhar altura e dar voltas, experimentando o vento para atravessarmos o passo. A um nível muito alto devia estar ocorrendo grande turbulência, pois as nuvens de poeira glacial no zênite faziam toda sorte de coisas fantásticas; mas a 7.200 metros, a altitude de que necessitávamos para atravessar a garganta, a navegação não apresentava grandes óbices. Ao chegarmos perto dos picos, o estranho sibilo do vento tornou-se manifesto e pude ver as mãos de Danforth tremendo nos controles. Embora eu não passasse de amador, pensei naquele momento que talvez eu estivesse em melhores condições que ele para efetuar a perigosa passagem entre os pináculos; e quando fiz menção de mudar de lugar e assumir suas tarefas, ele não protestou. Tentei mobilizar toda minha perícia e fitei o setor de céu avermelhado entre as paredes do desfiladeiro — recusando-me resolutamente a atentar para as rajadas de vapor que vinham dos cumes e desejando haver selado os ouvidos com cera, tal como os marujos de Ulisses na costa da Sereia, a fim de afastar da consciência aqueles silvos inquietantes.

Danforth, no entanto, liberado da função de piloto e tomado de uma crise nervosa, não conseguia acalmar-se. Eu o sentia virando-se de um lado para outro, enquanto ele olhava para a cidade terrível, que ia ficando para trás; procurava com o olhar os picos cheios de cavernas e cubos, à frente; contemplava o mar pálido de contrafortes nevados e pontilhados de baluartes, dos lados; e se detinha no céu fervilhante, grotescamente nublado, no alto. Foi nesse momento, enquanto eu tentava transpor o desfiladeiro em segurança, que seu berro enlouquecido nos levou à beira do desastre, ao destruir o precário auto controle que eu exercia sobre mim, e fazendo-me por um instante tatear sem objetivo certo nas maneies. Um segundo depois, minha resolução levou a melhor e concluímos a travessia com segurança. Entretanto, temo que Danforth nunca mais volte a ser o mesmo.

Já disse que Danforth recusou-se a me dizer qual foi o horror final que o fez gritar como demente — um horror que, infelizmente tenho certeza, está na origem de seu atual colapso nervoso. Conversamos por instantes, aos gritos, vencendo o silvo do vento e o ronco do motor, ao chegarmos ao lado seguro da cordilheira e começarmos a descer lentamente na direção do acampamento, mas essas frases tinham mais a ver com as promessas de segredo que tínhamos feito ao nos prepararmos para deixar a cidade de pesadelo. Certas coisas, havíamos concordado, não cabiam ser discutidas levianamente pelas pessoas — e eu não falaria delas agora não fora a necessidade de impedir a partida da expedição Starkweather-Moore, e de outras, a todo transe. É absolutamente necessário, para a paz e a segurança da humanidade, que alguns dos confins escuros e mortos da Terra e alguns de seus desvãos desconhecidos sejam deixados em paz — para que anormalidades adormecidas não despertem, para que pesadelos blasfemamente sobreviventes não deixem seus covis negros e busquem novas e maiores conquistas.

Tudo quanto Danforth algum dia insinuou foi que o horror final era uma miragem. Não era, diz ele, alguma coisa relacionada com os cubos e as cavernas daquelas ressoantes, vaporosas e esburacadas montanhas de loucura que transpusemos; mas um único vislumbre fantástico, demoníaco, entre as agitadas nuvens do zênite, do que jazia por trás daquelas outras montanhas, violáceas que os Antigos haviam evitado e temido. É bastante provável que a coisa não passasse de pura ilusão, nascida das tensões a que havíamos sido submetidos, e da miragem real, embora não reconhecida, da morta cidade transmontana, experimentada perto do acampamento de Late na véspera. No entanto, foi tão real que ela ainda persegue Danforth.

Em algumas raras ocasiões, ele já murmurou coisas desconexas e irresponsáveis sobre "o poço negro", "a borda esculpida", "os proto-Soggoths", "os sólidos compactos com cinco dimensões", "o cilindro inominável", "o Pharos antigo", "Yog-Sothoth", "a geléia branca primal", "a cor que caiu do espaço", "as asas", "os olhos na escuridão", "a escada para a Lua", "o original, o eterno, o imorredouro" e outras extravagâncias; mas quando ele está em pleno domínio de si repudia tudo isso, que imputa ao fato de haver feito leituras curiosas e macabras em seus anos de formação. Sabe-se, com efeito, que Danforth é um dos poucos que se atreveram a ler de fio a pavio o exemplar, meio comido por bichos, do *Necronomicon*, guardado a sete chaves na biblioteca da universidade.

Ao atravessarmos a cordilheira, o céu estava decerto vaporoso e muito agitado; e embora eu não tenha visto o zênite, bem posso imaginar que os torvelinhos de poeira de gelo possam ter assumido formas estranhas. Sabendo até que ponto cenas distantes podem ser vividamente refletidas, refratadas e ampliadas por tais camadas de nuvens inquietas, digo que a imaginação poderia ter facilmente proporcionando o resto... e, naturalmente, Danforth não fez alusão a esses horrores específicos senão depois que sua memória teve tempo de buscá-los em leituras antigas. Ele jamais poderia ter visto tanto em um único olhar instantâneo.

Naquele momento, seus gritos se limitaram à repetição de uma palavra única, louca, cuja fonte era óbvia: *"Tekeli-li! Tekeli-li!"*